# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

# FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS (FFLCH) DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

De Leon Petta Gomes da Costa

Cooperação entre Estado-Nação e Crime Organizado

Uma Geopolítica Obscura

São Paulo

# DE LEON PETTA GOMES DA COSTA

# Cooperação entre Estado-Nação e Crime Organizado

# Uma Geopolítica Obscura

# Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

Orientador: Prof. Dr. André Roberto Martin

São Paulo

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

# Catalogação na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofía, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Costa, De Leon Petta Gomes da C837c Cooperation between Nation

Cooperation between Nation-State and Organized Crime: A Dark Geopolitics / De Leon Petta Gomes da Costa ; orientador André Roberto Martin. - São Paulo, 2017. 148 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. GEOPOLÍTICA. 2. CRIME ORGANIZADO. 3. RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 4. ESTADO NACIONAL. 5. ATORES IRREGULARES. I. Martin, André Roberto, orient. II. Título.

COSTA, De Leon Petta Gomes da. Cooperation between Nation-State and Organized Crime: A Dark Geopolitics. Ph. D. Thesis presented to the Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences (FFLCH) of University de São Paulo, Brazil, to obtain the degree of Doctor of Human Geography.

. 1	
Aprovado	em.
INDIOVAGO	OIII.

# Banca Examinadora

Prof. Dr.	Instituição:	
	Assinatura:	
Prof. Dr.	Instituição:	
Julgamento:	Assinatura:	
Prof. Dr.	Instituição:	
Julgamento:	Assinatura:	
Prof. Dr.	Instituição:	
Julgamento:	Assinatura:	
Prof. Dr	Instituição:	
Julgamento:	Assinatura:	

Eu quero dedicar esta tese para as duas pessoas mais importantes em minha vida, minha mãe Marta de Petta e minha esposa Eliana Harue Endo da Costa, por sua paciência e ilimitado apoio.

Diferente de minha pesquisa durante o mestrado, esta tese de doutorado seria impossível de ser realizada sem a ajuda de muitas pessoas ao redor do mundo. Pessoas que deram entrevistas, compartilharam fontes e contatos, revisaram meu trabalho, me hospedaram, me deram direções e dicas, tiveram paciência com os meus erros, me ensinaram, revisaram a tese, lidaram com as burocracias de diferentes países e abriram portas para fazer essa pesquisa possível. No Brasil eu gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. André Roberto Martin e ao Juiz Federal Dr. Fausto Martin de Sanctis, Sr. Percival de Souza, meus colegas e amigos Sr. Danilo Rogério de Sousa e Sra. Fernanda das Graças Corrêa. Além dos professores da banca que revisaram e aprovaram esta tese, Prof. Dr. Rafael Antonio Duarte Villa, Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felippe Valverde e Prof. Dr. José Alexandre Altahyde Hage.

Nos estados Unidos Eu gostaria de agradecer a Sra. Tina M Braden, Prof. Dr. William W Newman, Sr. David Cariens, Prof. Dra. Louise I Shelley, Sr. David Kaplan, Sr. Jim E. Moody, Dra. Marianna Kudlyak, Prof. Dr. Eugene P. Trani, Prof. Dr Krishna K. Tummala e aos funcionários da Virginia Commonwealth University.

Em Hong Kong ao Prof. Dr. Peng Wang, Sr David Hodson, Prof. Dr. T Wing Lo, Prof. Dr. Simon Shen, Sr. Tin Cheung, Prof. Dr. Shiu Hing Sonny Lo, Dra. Sharon Ingrid Kwok, Sr. James Pomfret e aos funcionários da Universidade de Hong Kong.

Um agradecimento especial, sobretudo para minhas supervisoras, Prof. Dra. Carolin Görzig agora na Alemanha e a Prof. Dra. Karen Ann Joe Laidler em Hong Kong por literalmente salvarem este trabalho. Também agradeço para a União Geográfica Internacional (IGU) e aos funcionários da Universidade de São Paulo, sobretudo do CCInt-FFLCH. Por fim, para meus amigos, colaboradores e fontes ao redor do mundo que infelizmente não puderam ser identificados ou destacados.

Obrigado a FAPESP pela bolsa # 2013/20955-5 (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), pelo apoio financeiro e institucional que me abriram tantas portas do conhecimento.

Peço desculpas se esqueci de mencionar alguém. Qualquer falha nesta tese é obviamente culpa minha.

# Resumo

O crescente fluxo de bens e de pessoas iniciado nos anos de 1980 e expandido ao longo dos anos de 1990 gerou a utópica ideia de que as fronteiras do Estado-Nação e as questões de soberania nacional acabariam por desaparecer. Este contexto e os acontecimentos crescentes envolvendo atores não estatais no cenário internacional criaram uma visão imaginária onde o Estado era tão fraco que seria incapaz de enfrentar organizações criminosas ou terroristas transnacionais. No entanto, como este estudo vai apresentar, não só o Estado está longe de estar fraco, de facto, tem vindo a utilizar essas organizações para expandir seu poder, manter sua soberania e conduzir operações clandestinas contra nações rivais. Para tanto foi usada extensa bibliografia baseada em documentos e livros, documentos vazados, entrevistas com pessoas relacionadas ao tema ao redor do mundo além de observação pessoal de campo. Demonstrando que o uso de atores irregulares, especialmente o Crime Organizado, é apenas mais um passo na evolução da guerra e uma importante ferramenta de procuração na geopolítica internacional.

*Keywords:* Atores Irregulares; Crime Organizado; Estado Nacional; Geopolítica; Relações Internacionais.

### **Abstract**

The increasing process flow of goods and people started in the 1980s and expanded over the years of 1990 generated the utopic idea that the Nation-State borders and national sovereignty issues would eventually disappear. This context and the growing events surrounding non-state actors in the international scenario created an imaginary view where the State was so weak that would be incapable to face transnational criminal or terrorist organizations. However, as this study will present, not only the State is far from being a weak in fact it has been using such organizations to expand its power, maintain its sovereignty and conduct clandestine operation against rival nations, for that it was covered an extensive bibliography based on papers and books, leaked documents, interviews with people related to the area across the world and field observation. It demonstrated that the use of irregular actors, especially Organized Crime, is just another step in the evolution of warfare and an important proxy tool in international geopolitics.

*Keywords:* Geopolitics; International Relations; Irregular Actors; National State; Organized Crime.

# Ilustrações

Mapas	
Estados Unidos no teatro da Segunda Guerra Mundial	42
O Cenário Mediterrâneo	43
Estados Unidos no Cenário da Guerra Fria	55
Estados Unidos e o Novo campo de Batalha Subterrâneo	63
Guerra por procuração entre Estados Unidos e Irã no Iraque	64
China e Sociedades Secretas na Segunda Guerra Mundial	70
Guerra por procuração entre China e Taiwan	77
Invasão do KMT a Yunnan	78
China e a Batalha subterrânea pela Ásia	86

União Soviética e o patrocínio ao Terrorismo

99

Retirada Geopolítica Soviética	105
O Cenário Afegão	106
Rússia e os conflitos por procuração	111
Figuras	
O quadro das relações do Estado com atores não estatais	29

# Listas de abreviaturas e siglas

14K – Grupo Tríade de Hong Kong

ASALA - Exército secreto armênio para a libertação da Armênia

ATF - Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos

AUC - Autodefensas Unidas de Colômbia

CIA - Agência Central de Inteligência

CPC - Partido Comunista da China

CSIS - Serviço Canadense de Inteligência de Segurança

DEA - Drug Enforcement Administration

DGSE - Direcção-Geral da Segurança Externa

FARC - Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia

FBI - Federal Bureau of Investigation

FSLN - Frente Sandinista de Libertação Nacional

GRU - Diretoria Principal de Inteligência (russo: Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye)

IBMND - Gabinete de Inteligência do Ministério da Defesa Nacional

ISI - Direção de Inteligência Inter-Serviços

KGB - Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti

KMT - Kuomintang

LDP - Partido Democrata Liberal

MI6 - Serviço de Inteligência Secreta (Seção 6 da Inteligência Militar)

NASA - Administração Nacional de Aeronáutica e Espacial

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

ONGs - Organização não governamental

NKVD - Comissariado do povo para assuntos internos (russo: Narodnyi Komissariat Vnutrennikh Del)

NSA - Agência de Segurança Nacional

NSB - Gabinete Nacional de Segurança da República da China

NSC - Conselho de Segurança Nacional

OSS - Escritório de Serviços Estratégicos

PCC - Primeiro Comando da Capital

PDPA - Partido Democrático Popular do Afeganistão

PFLP - Frente Popular para a Libertação da Palestina

PKK - Partido dos Trabalhadores do Curdistão

PLA - Exército Popular de Libertação

OLP - Organização de Libertação da Palestina

PRC - República Popular da China

RAF - Facção do Exército Vermelho (alemão: Rote Armee Fraktion)

ONU - Nações Unidas

URFET - Frente Revolucionária Unida do Turquestão Oriental

EUA - Estados Unidos da América

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VTNRP - Partido Revolucionário do Partido Trabalhista Militar (Russian: Voenno-Trudovaya Narodnaya Revolyutsionnaya Partiya)

a	-	•	
Sum	ากา	11	)
Duil	u		,

1.	Intr	odução	1
2. co		política e Crime Organizado: delimitando o sujeito geopolítico e a sua relação rime Organizado	
	2.1.	Metodologia em Geopolítica	7
	2.2.	Metodologia de pesquisa em Crime Organizado	12
3.	. Pre	enchendo vácuos: Bourdieu e Alinsky encontram Ratzel e Kissinger	
	3.1.	Estruturas de poder e competição entre Estados-Nação	18
	3.2.	Fora do sistema, os atores não integrados	25
	3.3.	Estratégias irregulares	30
4.	Coo	peração entre Estado-Nação e Crime Organizado	
	4.1.	Os Estados Unidos e o "Godfather Power"	
	4.1.		
	4.1.	2. A reconstrução e o pós-guerra	44
	4.1.	3. A arena subterrânea e a Guerra Fria	47
	4.1.4	4. A desordem pós-Guerra Fria e a guerra ao terror	56
	4.2.	A China e a mão invisível	
	4.2.	1. Sociedades secretas chinesas e o Wei Qi geopolítico na China, 1920–1945	65
	4.2.	2. A Guerra Civil e os dispensáveis	71
	4.2.	3. Deng, Zemin e as Tríades patrióticas	79
	4.2.	4. O Wei Qi na nova ordem mundial	87
	4.3.	União Soviética e Rússia: o uso das forças obscuras	
	4.3.	1. Stalinismo e os Ladrões da Lei	90
	4.3.	2. A guerra clandestina fracassada	93
	4.3.	O soco na barriga mole soviética	. 100
	4.3.4	4. Estabilização geopolítica e o uso do Crime Organizado	. 107
5.	Con	nclusões e considerações finais	
	5.1. errarar	Onde os Estados Unidos e a China acertaram e onde a União Soviética e Taiwan m — A Rússia aprendeu a lição?	. 112
	5.2.	O futuro da guerra e da Geopolítica?	. 119

6.	Bibliografia	. 124

A geopolítica nacional e internacional pode ser resumida como estratégias de longo prazo para o controle do espaço, tempo e das diferentes formas de capital.

# 1. Introdução

Este trabalho é o resultado de uma extensiva pesquisa de campo envolvendo diferentes países. Ela foi baseada em revisão de literatura especializada, além de entrevistas e conversas com pessoas de diversos países, representando uma alta variedade de opiniões, posições-chave e experiências. A tese principal envolve a possibilidade de que Estados-Nação usam o Crime Organizado para atingir objetivos geopolíticos e estratégicos, tanto em nível nacional como internacional. Esta pesquisa procurou examinar como esse fenômeno funciona, as razões que levam a isso e quais situações podem servir de exemplo para análise. É importante notar que este estudo se diferencia de estudos sobre casos envolvendo corrupção, em função de que, nos cenários discutidos aqui, o Estado e os seus membros não são agentes passivos. Em outras palavras, diferentemente da ideia de que o Estado é infiltrado por criminosos que procuram tirar vantagem do sistema de dentro deste, a relação aqui coloca o Estado como agente ativo, o qual tira vantagem das organizações criminosas, como se estas fossem suas ferramentas. O método empregado consiste na pesquisa básica de livros, artigos e documentos (públicos ou vazados), que foram cruzados com as informações obtidas em pesquisa de campo por meio de entrevistas formais, conversas informais e observação pessoal.

Como resultado de alguns problemas que foram encontrados já no início da pesquisa, foi necessário fazer algumas modificações no foco e no método. Em um esforço para evitar inibir os entrevistados, as entrevistas não foram gravadas. Em vez disso, notas foram tomadas, transcritas e então enviadas por e-mail aos entrevistados, que aprovaram ou sugeriram mudanças no texto. Inicialmente, foram feitas aos entrevistados perguntas como: "Você acha que o seu país já fez isso? (lidar com o Crime Organizado)" ou "Você conhece algum caso envolvendo o seu país?", que posteriormente foram modificadas, para uma aproximação mais cautelosa, como "De modo geral, você acha que os Estados-Nação podem usar organizações criminosas para atingir objetivos estratégicos?" ou "Você acha que outros governos estrangeiros já fizeram isso contra os interesses de seu país?" Esta outra forma de questionamento ajudou para que os entrevistados ficassem mais confortáveis e falantes. Em cada encontro, eles se sentiam livres para falar sobre

qualquer caso que quisessem contar. De modo geral, foi interessante observar as diversas opiniões sobre essa possibilidade em diferentes países.

Nos Estados Unidos, foram de grande surpresa alguns aspectos e comportamentos — por exemplo, foi observado um enorme sentimento antirrusso. Na maioria das entrevistas, a Rússia era vista como a maior ameaça aos Estados Unidos, não apenas devido ao seu status de Estado rival, mas também porque a maioria dos norte-americanos entrevistados via a Rússia como um Estado criminoso. A Rússia foi de longe o país mais citado, em termos de ligação com organizações criminosas. Não apenas esse país era visto como corrupto, mas, de acordo com a maioria dos entrevistados, a administração de Vladimir Putin sistematicamente usava grupos obscuros com objetivos de espionagem, sabotagem e crimes cibernéticos contra os Estados Unidos. Depois da Rússia, a Coreia do Norte foi o segundo país mais citado nessa relação com grupos criminosos, seguida por China, Irã, Itália, os próprios Estados Unidos e Japão, respectivamente, entre outros menos citados.

Dois outros aspectos também foram curiosos. Em primeiro lugar, pessoas relacionadas ao governo norte-americano (ativas ou afastadas) se sentiram, ironicamente, mais confortáveis em compartilhar informações do que alguns professores e acadêmicos. Jornalistas, por sua vez, falavam muito abertamente. Já o segundo aspecto interessante foi a respeito da identificação. A maioria dos entrevistados não se importaria em ser identificada na pesquisa (exceto os funcionários públicos ainda na ativa). Porém, entre aqueles poucos que demonstraram alguma preocupação, estavam justamente os acadêmicos. Com relação aos tipos de colaboração mencionada durante as entrevistas, o crime cibernético foi o mais citado entre os especialistas. Para eles, o roubo de informação, tecnologia ou dados econômicos via internet era o maior risco. De fato, ficou muito claro que os entrevistados temiam ciberataques mais do que potenciais ataques terroristas.

Esta pesquisa focou nos Estados Unidos, na China e na Rússia por dois motivos. Primeiro, esses países se mostraram mais ricos em fontes e em material sobre o assunto; há muitos documentos, estudos e especialistas relevantes nessa área. Segundo, como será explicado posteriormente, em termos de controle e uso de tropas irregulares — como organizações criminosas e terroristas —, esses países desenvolveram mais conhecimentos sobre a questão da guerra do que a maioria dos demais. Apesar de outras nações também aplicarem tais técnicas de guerra, essas três são de longe as mais eficientes (seja qualitativa ou quantitativamente).

Com relação ao Brasil, apesar da quantidade razoável de informação levantada, os professores que avaliaram esta tese recomendaram deixá-lo de fora por dois motivos (que pareceram justos): o risco envolvido em pesquisas de campo e eventuais "acusações" que poderiam causar transtornos. Existem dados que envolvem a cooperação entre o Estado-Nação brasileiro e o Crime Organizado, do regime militar até os dias de hoje, desde o uso de narcotraficantes na caça a guerrilheiros comunistas, passando por alianças com facções criminosas para a estabilidade eleitoral e até mesmo espionagem nuclear. Essas considerações, apesar de não serem abordadas nesta pesquisa, serão empregadas em pesquisas futuras, se houver disponibilidade.

O capítulo dos Estados Unidos mostrará como os norte-americanos rapidamente desenvolveram sua capacidade geopolítica, após a Segunda Guerra Mundial, lidando com atores irregulares, enquanto estavam engajados em guerras por procuração contra a União Soviética. Tal eficiência foi posteriormente expandida, ao lidar com grupos insurgentes (que podem também ser considerados terroristas), nos anos de 1980. Já o capítulo da China aborda simultaneamente tanto a China continental (CPC) como Taiwan (KMT), lidando com os fatos de como o uso de organizações criminosas e "sociedades secretas" começou, na China, muito antes da divisão entre os dois. Após a separação, ambos os lados empregaram essas organizações para espionagem e guerra por procuração, um contra o outro e também contra outros atores regionais. Por fim, no capítulo da União Soviética/Rússia, algumas partes (especialmente a parte soviética) demonstram que não houve qualquer relação com o Crime Organizado, mas em vez disso, casos de patrocínio estatal a grupos terroristas. Isso está relacionado com as diferenças entre facções criminosas e grupos terroristas. Enquanto não há evidências que liguem a União Soviética ao uso do Crime Organizado, há, porém, vastas indicações de patrocínio ao terrorismo. Isso, por sua vez, produziu um resultado extremamente distinto e fracassado para os soviéticos no fim da Guerra Fria.

Para explorar e entender tal relação entre Estado-Nação e facções criminosas, um fundo teórico foi escolhido para ajudar a contextualizar essas relações. Para esse fim, foi feita uma ponte entre Ratzel e Bourdieu. Os tipos de capital apresentados por Bourdieu em "As Formas de Capital" foram inseridos dentro dos estudos de território de Ratzel, explicando a relação entre a autoridade do Estado central e os poderes locais ou regionais, incluindo os atores irregulares ou marginalizados. Apesar de haver certa competição, esses dois poderes podem ainda, eventualmente, trabalhar juntos, para sustentar a integridade territorial. Kissinger e Alinsky, por sua vez, foram abordados por terem sido mestres no entendimento das relações simétricas e assimétricas de poder dentro do Estado e entre estados, em nível internacional. Enquanto Kissinger traz perspectivas geopolíticas dos eventos, Alinsky, em sua obra "Rules for Radicals", explica a lógica de poder e demonstra como isso pode ser confrontado por meio de organizações cooperativas. A despeito de suas direções extremamente opostas, Kissinger e Alinsky podem ser vistos como complementares um ao outro, por se conectarem na noção dos poderes do Estado, quando este lida com outros poderes equivalentes e com poderes de menor projeção, que desafiam as suas estruturas internas de poder.

A investigação dos três casos vai desde a Segunda Guerra Mundial até os dias atuais (exceto o caso chinês, que volta há até um pouco antes). Ainda que essa faixa temporal seja relativamente extensa, isso se fez necessário para mostrar como tais parcerias e contextos estratégicos foram aprimorados e aprofundados através das décadas. Além disso, é importante notar que esses casos de estudo lidam com histórias não apenas de quando os atores estudados usaram as organizações criminosas, mas também de quando estes foram alvo de outros países rivais, usando essa mesma técnica. Portanto, esta tese vai estabelecer que, longe de estar perdendo importância diante das "novas ameaças" (as quais sequer são novas), como terrorismo e Crime Organizado, o Estado-Nação (não necessariamente o governo) está na verdade ampliando seus poderes, ao obter controle sobre tais grupos, os quais tecnicamente deveriam estar fora de sua esfera de influência, usando-os tanto externa como internamente, quando necessário.

# 2. Geopolítica e Crime Organizado: delimitando o sujeito geopolítico e a sua relação com o Crime Organizado

Não é fácil conectar dois temas tão diferentes e que comumente são considerados por muitos como não relacionados; além disso, os dois conceitos em si são problemáticos. Por exemplo, ambos são polêmicos, sem consenso em sua definição e uso na academia, e já foram acusados por alguns de serem ferramentas pseudocientíficas, que serviam para justificar eventuais opressões. Para outros, o uso de um conceito significaria o enfraquecimento do outro. Por exemplo, a Geopolítica supostamente significaria uma visão limitada e mecânica da visão de um Estado-Nação antigo e estático, enquanto o Crime Organizado (especialmente o internacional) representaria uma nova era das relações internacionais, na qual as fronteiras estariam enfraquecidas em um mundo globalizado, ditado, sobretudo, pelos atores não estatais. Contudo, nada pode estar mais longe da realidade do que essas duas percepções. Não apenas a Geopolítica e o Crime Organizado são reais, como também não são conceitos competidores — longe disso, eles não apenas coexistem, como podem também fazer parte da mesma esfera estratégica.

O drama e o antagonismo dos debates sobre a Geopolítica remontam ao período pós-guerra (logo após 1945), quando vários pesquisadores relacionaram e limitaram o conceito de "Geopolítica" a uma perspectiva militarista, conectada à Geopolitik nazista alemã e ao conceito de dominação política e militar do Lebensraum (espaço vital). Isso resultou em um distanciamento entre os estudos geopolíticos e outras áreas acadêmicas, especialmente a Geografia, na América do Norte e na Europa. Na verdade, alguns pesquisadores iriam radicalizar ainda mais, afirmando que a Geopolítica deveria ser abandonada por completo como termo científico, exceto pelo seu uso histórico. Normalmente, estudos geopolíticos ficaram limitados à academia e a pesquisadores militares, sendo apenas esporadicamente ressuscitados em algumas publicações — e, mesmo nesses casos, sem qualquer contribuição nova para a literatura ou análise para o debate público. De modo geral, é possível afirmar que a escrita geopolítica regrediu tanto em substância como em linguagem (HEPPLE, 1986). Porém, apesar dessa problemática nos meios acadêmicos, as políticas nacionais e internacionais da maioria dos governos se mantiveram guiadas por objetivos e fins geopolíticos.

Apenas nos anos 1980, com Yves Lacoste declarando que os nazistas não tinham monopólio sobre o conceito, sob o argumento de que essa era uma preocupação até

mesmo para Élisee Reclus, um geógrafo e anarquista, ficou claro que essa não era uma mudança em sua orientação política, mas sim uma explicação de suas características. De fato, Lacoste considerou o uso do termo Geopolítica por acadêmicos como sendo natural, uma vez que eles deveriam se dedicar explicitamente a esse sujeito de pesquisa. Além disso, ele ainda propôs a Geopolítica crítica, mais relacionada a paz, justiça social e democracia (COSTA, 2008, p. 244). Parte dessa recuperação do conceito também se deve a Henry Kissinger, que frequentemente usava o termo em suas declarações públicas para justificar características de planejamento estratégico.

O conceito de Geopolítica seria novamente alvo de críticas após a Guerra Fria, em meio a uma explosão do idealismo liberal, que traria declarações como o enfraquecimento e até mesmo, de forma mais ousada, o fim das fronteiras; a inevitável disseminação da democracia; e o fim da importância da geografia dos países e do Estado-Nação, em meio a esse mundo tão globalizado. Em termos de segurança nacional, até mesmo seria sugerida uma nova geração de ameaças, como o Crime Organizado, o terrorismo e outros agentes não estatais — um modelo novo, que seria mais importante do que o velho modelo baseado em ameaças entre Estados. Esse "novo mundo" privaria ainda os Estados de sua soberania, uma vez que essas ameaças globalizadas não respeitariam as fronteiras nacionais. Além disso, novas tecnologias fariam a geografia menos importante. Moisés Naim, por exemplo, divulgaria a ideia de que, como consequência do aumento drástico da mobilidade de pessoas e produtos, o custo das transações iria diminuir, resultando em uma situação em que a segurança nacional seria ameaçada por essas ameaças assimétricas (NAIM, 2006, p. 12,135). A verdade é que a frase "por causa da globalização..." virou um clichê modista e básico, servindo para explicar qualquer coisa, em qualquer situação, mesmo que tal coisa sequer fosse nova, com alguns fatores apenas tendo diminuído ou sido interrompidos durante a Guerra Fria.

Ademais, o conceito de Crime Organizado também sofreu com seus próprios problemas. No Brasil, por exemplo, muitos pesquisadores e professores questionavam se sequer esse "modo criminal" existiria de verdade, ou se isso não seria uma estratégia governamental para justificar o aumento de sua capacidade repressiva (MINGARDI, 1998, p. 26). Christopher Duggan, como outro exemplo, argumentou que a Máfia era apenas uma fantasia e provavelmente uma invenção de políticos para explicar suas falhas, ou ainda uma invenção de Mussolini para atingir inimigos políticos. Duggan, em resumo,

negava a existência da Máfia como um todo (DUGGAN, 1989). Aliás, até mesmo o primeiro diretor do FBI, J. Edgar Roosevelt, negou a existência da Máfia e do Crime Organizado, enquanto tentava convencer o governo norte-americano a manter seu foco na ameaça comunista.

Hoje, poucos ousariam argumentar que o Crime Organizado seria uma invenção ou que a Geopolítica e a geografia não importam ou influenciam nas relações internacionais e na política nacional. A ideia de criminosos com uma estrutura hierárquica, agindo como uma empresa para obter lucros, evitando as agências da lei e, às vezes, sendo mantidos por meio de algum código ou irmandade, é vastamente aceita ao redor do mundo, variando apenas a sua definição, delimitação e os métodos de se abordar o tema. Já o conceito de Geopolítica é um pouco mais complicado de definir; de modo geral, todos os pesquisadores sérios aceitam esse conceito e o seu óbvio impacto sobre as relações humanas. Porém, para outros, normalmente guiados menos por ciência e realidade e mais por ideologia e/ou visões emocionais, a segurança, a política e a economia seriam de natureza "etérea e não relacionada com o espaço", fluindo como uma energia mágica por meio de indivíduos e instituições, em um mundo cuja distância e forma geográfica não interfeririam.

# 2.1. Metodologia em Geopolítica

Se, por um lado, a Geopolítica recuperou a maior parte de sua posição junto à academia, por outro, há um uso excessivo e banal. Em muitos casos, a Geopolítica é aplicada a situações que não têm qualquer relação com o "sujeito geopolítico"; em casos extremos, nem mesmo há um elemento geográfico e espacial. Não é difícil encontrar na internet muitos artigos, revisões, análises e notícias usando erroneamente o conceito, como discussões de geopolítica do futebol, da prostituição, da religião, dos jogos, do álcool e até mesmo do amor. A maioria delas está relacionada com ideias absurdas de que "se tem uma bandeira ou uma nacionalidade, então é geopolítica" ou, em alguns casos, a ideia precisa de que "se tem um mapa, é geopolítica". Em 1986, Hepple levantou a mesma problemática:

A geopolítica serve como um termo guarda-chuva, encapsulando as interações de questões globais e regionais com a economia e as estruturas locais. Mas o termo geopolítico muitas vezes aparece apenas no título, introdução e conclusão, sem qualquer conexão com outras literaturas geopolíticas, e com a maioria das análises sendo conduzidas sem qualquer quadro intelectual político e econômico, normalmente com muito pouca geografia e poucos mapas.

Outras situações aplicam o termo a algum movimento considerado negativo por algum país, como o envolvimento chinês na África (FLORCRUZ, 2015). De modo geral, os interesses chineses na África e seus investimentos são tipicamente vistos como geopolíticos, dentro de uma eventual expansão geoestratégica. Porém, esse termo não é tão repetidamente aplicado, ainda que dentro do mesmo contexto, para países europeus (DOYA, 2015) ou para o Japão, mesmo que o investimento japonês na África fosse, em 2015, três vezes maior do que o chinês (CROWLEY, 2015). Apesar de a maioria dos países no mundo manterem algum tipo de interesse sobre a África, o termo Geopolítica acaba sendo aplicado somente quando se deseja associar tal país a uma característica militarista ou "sinistra". Mesmo envolvimentos militares não podem, obrigatoriamente, ser associados com o sujeito geopolítico. Um bom exemplo disso pode ser apresentado na Guerra do Iraque, em 2003: além dos Estados Unidos, a coalizão de forças era composta por países como Polônia, Coreia do Sul, Nicarágua, El Salvador, entre outros que, é claro, tinham interesses e ganhos em se juntarem ao lado norte-americano. No entanto, tais ganhos não eram geopolíticos, a menos que a Mongólia (também participante da coalizão) estivesse interessada em restabelecer o Império Mongol de Genghis Khan ou Portugal (outro membro da coalizão), em resgatar sua antiga glória do Império Ultramarino — afinal, ninguém em sã consciência diria que os mongóis e os portugueses teriam interesses geopolíticos no Iraque.

Rudolph Kjellén definiu Geopolítica como sendo "a teoria do Estado como organismo geográfico ou fenômeno espacial"; Edmund Walsh afirmou que é um "estudo combinado da geografia humana e ciência política aplicada... datando de Aristóteles, Montesquieu e Kant"; Saul B. Cohen definiu como sendo "a interação entre configurações geográficas com o processo político" (COHEN, 2003, p. 11). No entanto, isso não ajuda necessariamente a estabelecer uma metodologia funcional a ser aplicada, ou a definir quando um sujeito ou evento será de fato considerado geopolítico. A ironia é

que, apesar dessa falta de delimitação, a Geopolítica e a Geografia Política providenciam as ferramentas mais precisas e matemáticas, assim como informações em estudos das humanidades, como o tamanho do território, a demografia, o tamanho da economia, onde está localizado o território, como é a formatação de sua indústria e agricultura, que tipo de recursos naturais tal território possui, e qualquer outra informação que pode levar os pesquisadores a desenvolverem análises precisas.

Para estabelecer um método de trabalho preciso de "o que é uma área de interesse geopolítico", primeiramente é necessário olhar para dentro das estruturas da Geopolítica. De acordo com Cohen, tais estruturas são compostas por padrões (forma, tamanho, características da geografia humana e física) e funcionalidades (nós político-geográficos, áreas e fronteiras). Essas estruturas são hierarquicamente arranjadas nas seguintes camadas espaciais: domínio geoestratégico (nível macro), região geopolítica (mesmo nível) e Estados-Nação, quase-estados ou subdivisões territoriais (nível micro). As configurações geográficas podem ser divididas em marítima e continental, reunindo geopoliticamente áreas com núcleos históricos e/ou nucleares, ou áreas onde o Estado-Nação se originou; capitais e/ou centros políticos, onde, política ou simbolicamente, o governo administra o território delimitado do Estado; ecumenes de grande densidade demográfica ou áreas econômicas; territórios efetivamente nacionais e/ou territórios efetivamente regionais; áreas de população moderadamente pró-Estado; áreas vazias, essencialmente despovoadas; limites e fronteiras do Estado-Nação; e setores de não conformidade, ou áreas com forte sentimento separatista (IDEM, p. 33).

Outro cientista com perspectivas interessantes é Al-Rodhan, que trabalhou com o conceito de *Metageopolítica*. Para ele, a projeção de um país para a esfera Metageopolítica¹ poderia ser determinada por sete dimensões que o país em questão possuiria. Essas dimensões seriam os aspectos sociais e de saúde; políticas domésticas; economia; ambiente; potenciais científicos e humanos; aspectos militares e de segurança; e diplomacia internacional (AL-RODHAN, 2012, p. 25). Aqui, seria importante modificar a dimensão *ambiental*, pois, de acordo com Al-Rodhan, "mudanças climáticas" poderiam alterar os movimentos geopolíticos dos países. Não somente essa percepção é idealista, mas parte de um princípio meramente retórico e especulativo, que não afetaria

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> A projeção geopolítica para o espaço sideral.

de forma alguma a Geopolítica<sup>2</sup>. Assim, essa dimensão pode ser ignorada, o que não invalida as outras dimensões por ele mencionadas.

A metodologia usada nesta pesquisa, para determinar se um evento ou situação é realmente um sujeito geopolítico, vai levar em consideração a confluência da segurança, da economia e da política, dentro de um espaço geográfico delimitado. A projeção da capacidade de cada país será baseada nos padrões apontados por Cohen, Rodhan (suas seis dimensões válidas) e pela literatura fundamental da Geopolítica, como Ratzel, Mackinder, Mahan, Spykman, para incluir quatro princípios e premissas que, apesar de óbvios, devem ser considerados.

Em primeiro lugar, cada país tem diferentes ambições geopolíticas, em função de diversos fatores, que são baseados não apenas nas características de sua geografia humana e física, mas também em sua cultura e seu desenvolvimento histórico. Um bom exemplo seria o "Destino Manifesto", que impulsionou os Estados Unidos na direção oeste, até colidir com os territórios mexicanos, onde atualmente ficam o Texas, o Novo México e a Califórnia (KARNAL et al, 2008, p. 125). Uma situação similar também ocorreu com os russos, que se originaram a partir de uma população que se amontoou nas florestas das planícies, no que atualmente são a Hungria, a Ucrânia e o norte do Cáucaso, usando essas florestas como escudo para se defender de ataques de nômades e expandindo seu império nas áreas ao redor, para garantir a sua defesa (KAPLAN, 2013, p. 157). Ainda, a ideia de Geoeconomia como alternativa — rival ou "substituta" — da Geopolítica, conforme explorado por alguns autores, é um princípio falho. Afinal, a Geoeconomia é, na verdade, uma camada (ou ferramenta) dentro da Geopolítica. Apesar de parecer evidente, a ideia de que cada país possui ambições geopolíticas diferentes excluiria percepções universalistas e idealistas, que repetidamente tentam minimizar ou padronizar as relações internacionais a aspectos simplistas e superficiais.

O segundo ponto é que todos os países têm diferentes limitações em capacidade de expansão geopolítica (seja direta ou indireta, por meio de influência). Como bem estabelecido pelo núcleo acadêmico de pesquisas geopolíticas, representado por vários

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Seu livro foi escrito em 2012, quando os níveis de petróleo e "o próximo e inevitável fim" eram bastante discutidos na academia. Posteriormente, já no fim de 2015, os preços do petróleo despencaram por excesso de produção, algo que aparentemente era impensável anos antes.

autores (como Ratzel, Vallaux, Mahan, Mackinder, Spykman e, mais recentemente, por Kaplan, Cohen, Rodhan e outros), diferentes países terão configurações diferentes, que determinarão um papel importante em suas limitações³ na política nacional e internacional. A geografia física inclui localização e tamanho do território, acesso aos recursos naturais (que são características geológicas), acesso a bons portos, número e tipos de rios, além de clima. A geografia humana, por sua vez, inclui os tipos de governos; a demografia e suas configurações, como etnicidade e taxa de crescimento populacional; o tamanho e as características de sua economia; a acessibilidade a fontes de energia; a infraestrutura, etc. Com efeito, vários aspectos humanos e físicos da geografia são capazes de influenciar o comportamento e as limitações de cada país.

Como terceiro aspecto, apresenta-se a limitação geopolítica, que vai variar de acordo com a capacidade e as necessidades que cada país sustenta em sua expansão. É importante entender que áreas de influência geopolítica dos países podem ou não variar, no futuro, de acordo com diversos fatores relacionados à capacidade desses Estados de sustentar sua habilidade de se projetar em dadas áreas. Por exemplo, os impérios coloniais europeus foram capazes de manter seus interesses geopolíticos em várias partes do globo; porém, conforme sua capacidade se retraiu, a situação acabou mudando. Enquanto, no século XIX, a França era capaz de se projetar na área da Indochina ou na América Latina, hoje ela sequer é capaz de interferir minimamente no Sudeste Asiático ou na América Latina diretamente, devido ao enfraquecimento de sua projeção geopolítica. A China, por outro lado, viu a sua capacidade geopolítica se retrair e se expandir nos últimos séculos, em função de a sua capacidade de projeção além das suas fronteiras ser alterada diversas vezes, desde a chegada dos Impérios Europeus à Ásia. Essas retrações podem progredir ao ponto de o Estado começar a perder o controle interno de suas próprias fronteiras, sendo "devorado" pela expansão geopolítica de outros Estados. Como alternativa, a área de interesse e influência geopolítica do Estado pode crescer até colidir com a esfera de influência geopolítica de outros países.

Por fim, diferentes países terão diferentes estratégias e meios para atingir objetivos geopolíticos — o que se deve às várias diferenças entre países. Devido aos diferentes acessos a recursos, muitos países desenvolvem meios particulares para administrar sua

-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Importante, aqui, não significa único.

esfera de influência geopolítica, usando as ferramentas de que dispõem para tal. Como será discutido posteriormente, isso está relacionado com a cooperação com atores não integrados e irregulares, por exemplo, o Crime Organizado. De fato, alguns desses princípios parecem claros para alguns pesquisadores, mas é importante estabelecê-los como fundamentos de uma metodologia, para manter certos parâmetros e evitar uma estrutura excedente, que poderia levar a um afastamento do centro nuclear do conceito de Geopolítica e da pesquisa principal deste trabalho.

# 2.2. Metodologia de pesquisa em Crime Organizado

Ainda que tal afirmação pareça extrema, de modo geral, estudos sobre Crime Organizado no Brasil estão absurdamente atrasados em relação aos estudos conduzidos em outros países. Apesar de haver muitos estudos sobre violência urbana e outros aspectos criminais, como serial killers, roubos, assassinatos, corrupção e estupro, as pesquisas sobre como o Crime Organizado é estruturado, como funciona ou como se dão suas conexões são muito poucas e, na vasta maioria, baseadas quase que integralmente em literatura estrangeira — mesmo com uma atividade enorme de gangues e do Crime Organizado, que poderiam ser um campo gigante de pesquisas. Além disso, a maioria desses estudos estão concentrados na área do Direito, que, por sua vez, discute os procedimentos legais, não trazendo grande esclarecimento ao que realmente é Crime Organizado no Brasil, e sequer chegando perto de um entendimento da realidade. Também, se há poucos estudos sobre Crime Organizado no contexto brasileiro, há ainda menos pesquisas de caráter sociológico, porque a maioria dos pesquisadores, como anteriormente observado, usam referências estrangeiras e notícias como fontes primárias (e às vezes exclusivas) de pesquisa. Há raros casos de pesquisadores que saíram a campo para elaborar pesquisas empíricas sobre o tema — ousamos dizer que isso é quase que tecnicamente inexistente no Brasil. Ainda, para além desse problema local, desenvolver uma metodologia estrita sobre a pesquisa de Crime Organizado já não é tarefa fácil. Não apenas o próprio conceito de Crime Organizado pode ser diferente de país para país, como ainda há outro complicador: um mesmo grupo pode ser considerado criminoso em um país, mas não em outro. Conectar, então, a ideia de facções do Crime Organizado operando em conluio com agências nacionais, de forma que essas facções venham a ser ferramentas para a obtenção de objetivos geopolíticos e estratégicos, sem parecer teoria da conspiração é ainda mais difícil.

Em vez de criar uma equação complexa sobre o que é Crime Organizado, a metodologia empregada tentará simplificar o tópico, por uma boa razão: simplesmente há tipos demais de Crime Organizado, e toda discussão que tente estabelecer um padrão excessivamente universal, com uma delimitação rígida (ou rígida demais), vai inevitavelmente falhar.

Como exemplo de delimitação rígida demais está a estabelecida por Abadinsky (2010, p. 3):

- a) não tem objetivos políticos;
- b) é hierárquico;
- c) tem uma associação limitada ou exclusiva;
- d) constitui uma subcultura única;
- e) se perpetua;
- f) exibe sinais do uso ilegal de violência;
- g) é monopolista;
- h) é governado por regras e regulamentos explícitos.

Já Albanese usa uma delimitação mais expandida, que analisou outros pesquisadores e isolou 11 aspectos em comum, os quais poderiam servir para definir o termo. Esses aspectos não são tão rígidos, mas variam em nível de frequência de citação por diferentes autores, começando com os aspectos em que há mais consenso:

- a) hierarquia organizada;
- b) lucro racionalizado por meio do crime;
- c) uso da força ou da ameaça;
- d) manutenção de sua imunidade por meio da corrupção;
- e) demanda pública por seus serviços;
- f) monopólio de mercado em particular;
- g) associação restrita;
- h) falta de ideologia;
- i) especialização;
- j) algum código secreto;

### k) planejamento extensivo.

Ao final, o autor chega à seguinte definição, mais compreensiva:

Crime Organizado é o contínuo empreendimento criminal que racionalmente trabalha para lucrar por meio de atividades ilícitas, que são demandadas pelo grande público. A continuidade de sua existência é mantida pelo uso de força, de ameaças, do controle do monopólio e/ou do uso de corrupção de agentes públicos. (2007, p. 4)

Todavia, alguns aspectos merecem ser mais cuidadosamente analisados. Por exemplo, com relação aos objetivos políticos, ele diz: "Os objetivos de um grupo criminoso são o dinheiro e o poder que possa ser limitado por preocupações morais ou legais. Um grupo criminoso não é motivado por doutrina social, crenças políticas ou preocupações ideológicas." Porém, como será detalhado a seguir, muitas organizações criminosas podem invocar o argumento ideológico para justificar sua existência, como o caso da Yakuza, que originalmente se via numa missão para "preservar as tradições japonesas contra ideologias alienígenas, como o comunismo e o liberalismo". Durante as entrevistas em Hong Kong, algumas fontes indicaram argumentos mais ou menos similares por parte de algumas Tríades; até mesmo gangues de motoqueiros nos Estados Unidos tentam se apresentar como grupos que procuram preservar o espírito do "verdadeiro modo de vida americano". É claro que, nesses casos, trata-se essencialmente de dinheiro, e o discurso ideológico é mera retórica de fachada para justificar suas ações, mas os elementos sociais e simbólicos criados por eles não podem ser ignorados, especialmente porque essa retórica, em alguns casos, pode dificultar processos contra esses grupos. Além disso, a mesma lógica poderia ser aplicada a vários outros atores políticos, que provavelmente não se engajariam na política de fato por questões ideológicas.

Outro aspecto problemático é a questão da hierarquia. Enquanto diversos autores e definições apontaram a necessidade hierárquica do Crime Organizado, outros pesquisadores, como Joseph Albini, Francis Ianni e Elizabeth Reuss-Ianni, apresentaram situações nas quais o Crime Organizado podia ser baseado em estruturas vagas de relações sociais, e não em uma organização rigidamente hierárquica (ALBINI; MCILLWAIN, 2012, p. 68); tal proposta foi fortemente criticada por outros acadêmicos. Então quem

estaria certo? Seria o Crime Organizado obrigatoriamente hierárquico, ou poderia estar baseado em relações pessoais vagamente estabelecidas? Pode-se afirmar que ambos os argumentos estão certos, de acordo com o contexto. A estrutura de uma facção criminosa vai se basear no ambiente em que essa facção ou esse grupo está inserido e vai se adaptar a eventuais mudanças ambientais<sup>4</sup>. O grupo criminoso tenderá a ter uma estrutura mais piramidal quando a lei e sua aplicação forem mais fracas, quando existe uma tolerância política e social para tais atos criminosos, e quando os níveis de corrupção chegam ao ponto em que foge ao controle das instituições políticas e o Estado é incapaz de aplicar sua autoridade dentro de seu próprio território. Por outro lado, o grupo criminoso vai ser mais horizontalizado quando os sistemas políticos e sociais forem mais eficientes para evitar tais problemas mencionados. Além disso, como já foi dito, os grupos criminosos vão se adaptar para sobreviver dentro das mudanças de seu ambiente, assumindo diferentes estruturas ao longo do tempo. Isso pode fazer com que pesquisadores de diferentes épocas vejam a mesma organização com diferentes estruturas.

O Crime Organizado é também dividido de acordo com o tipo de operações ilícitas com as quais está envolvido, como prostituição, jogos ilegais, agiotagem, tráfico de bens ilícitos (drogas, armas, produtos roubados, etc.) e infiltração em negócios legítimos (ALBANESE, 2007, p. 8). Outra importante característica é o fato de que tais organizações criminosas podem ter diferentes sistemas e modelos de operação. Elas podem ser baseadas no modelo hierárquico, com uma estrutura de poder "familiar" baseada em níveis de autoridade; um modelo étnico, baseado em relações culturais e/ou étnicas, no qual cada indivíduo pode controlar suas próprias atividades; ou no modelo de empreendimento, que raramente é centralizado, devido à natureza do mercado e da atividade dessa organização, no qual os negócios ilegais estão muito misturados com os negócios legítimos e há pouca evidência de violência em sua estrutura (IDEM, p. 103).

Para concluir, vale ressaltar um aspecto final sobre a pesquisa em Crime Organizado: as fontes de pesquisa, que em geral são nebulosas. Em função de estarmos lidando com algo em que os atores envolvidos obviamente não querem suas operações e funcionalidades reveladas, toda informação terá certo nível de dúvida. É comum que as primeiras fontes sejam da imprensa, o que, na maioria dos casos, acaba por romantizar,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Em um capítulo posterior, será demonstrado como as Tríades chinesas possivelmente são menos hierárquicas hoje, operando em diferentes níveis de camada.

minimizar ou exagerar o tema. Outra fonte importante são os relatórios e documentos governamentais; porém, mesmo nesse caso os pesquisadores precisam ter certo nível de ceticismo e cuidado, especialmente quando os dados envolvem conflitos de interesse ou situações embaraçosas para o governo em questão, como números relacionados a casos de corrupção. Até mesmo ONGs, que em geral são apontadas como livres desses problemas, precisam ser analisadas com cautela; um bom exemplo foram os números divulgados por uma ONG a respeito das estatísticas de tráfico humano entre Nepal e Índia, em 1986. A ONG em questão citou que entre 5.000 e 7.000 meninas nepalesas eram traficadas todos os anos para a Índia. Eis que, anos depois, outra ONG (ligada às Nações Unidas), usando esses dados, simplesmente alterou a palavra ano para dia, ou seja, "passaram a ser traficadas todos os dias" entre 5.000 e 7.000 meninas nepalesas para a Índia (ARONOWITZ, 2009, p. 18). Essa simples mudança numa palavra-chave obviamente criou um contexto muito diferente e, após tal ocorrido, a maioria dos pesquisadores passou a citar e publicar os dados não da fonte original da pesquisa, que falava em "ano", mas da segunda ONG, que falava em "dia", sob o "argumento de autoridade" (afinal, "se uma ONG ligada às Nações Unidas falou, então deve ser verdade").

Quase oito séculos depois, as palavras de Thomás de Aquino<sup>5</sup> ainda parecem não ter sido absorvidas por completo por parte da academia. Não exigiria do pesquisador ou do estudante um mínimo de esforço lógico e matemático para perceber a disparidade absurda da fonte. Afinal, tal número, se fosse realmente diário, resultaria em entre 1.825.000 e 2.555.000 garotas nepalesas traficadas todos os anos — algo irreal para um país de 31 milhões de pessoas<sup>6</sup>. O tipo final de fonte podem ser ainda os que estão dentro da própria organização criminosa, que, por razões óbvias, não podem ser vistos como totalmente confiáveis, tanto em função do sigilo de suas operações, como pela desconfiança que terão dos pesquisadores em si.

É claro que isso não significa que todos mentirão, ou que o pesquisador não pode confiar em nada nem em ninguém — antes pelo contrário, ou a pesquisa empírica seria impossível. A questão é que o pesquisador precisa de cautela e ceticismo; a precisão de

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Locus ab auctoritate est infirmissimus – "O argumento de autoridade é o mais fraço".

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Em 2015.

sua pesquisa estará na checagem de cada fonte, juntamente com o cruzamento de dados e informações transmitidas por outras referências, como literatura acadêmica, imprensa, relatórios e entrevistas — todas elas em diferentes padrões. Essas diversas fontes vão apontar o nível de probabilidade da veracidade, em conjunto com um mínimo de lógica por trás dos dados. Na maioria dos casos (embora não sempre), é justo afirmar que, se algo soa absurdo (e a fonte está isolada em tal afirmação), então provavelmente será de fato absurdo.

# 3. Preenchendo vácuos: Bourdieu e Alinsky encontram Ratzel e Kissinger

# 3.1. Estruturas de poder e competição entre Estados-Nação

É difícil imaginar que estratégias nacionais e geopolíticas possam estar relacionadas com facções do Crime Organizado, por razões bem claras: esses grupos normalmente são uma estrutura de poder marginalizado, que desafia a segurança e a lei. O conceito de Crime Organizado foi e ainda está relacionado com a "conspiração estrangeira". A relação dessas forças obscuras com o governo e o poder nacional é geralmente dividida em corrupção e paternalismo ou teorias conspiratórias. Esses erros existem porque a percepção de Estado é pouco compreendida pelo público em geral, o que inclui acadêmicos, que tendem a ver o Estado como algo estático, monolítico, organizado, homogêneo, com uma única força e liderança (pode ser o Presidente, o Primeiro-Ministro ou equivalente), a qual seria como uma espécie de "reator" que geraria poder e emanaria essa "energia política" e capital, possuindo sua própria gravidade de influência. As pessoas creem que a população e suas organizações civis estão em lados diferentes da arena política, em oposição ao Estado, mas isso está longe da realidade.

Na verdade, o Estado não é estático, mas sim extremamente dinâmico e mutável. Envolvendo diferentes níveis de centralização, mesmo nos países mais ditatoriais, a liderança possui também suas periferias políticas, onde o seu poder é limitado. Além disso, o Estado (seja qual for) também não é totalmente organizado. Vários poderes internos competem dentro de sua estrutura, que, por sua vez, não é homogênea e única; várias agências, departamentos, secretarias ou ministérios competem entre si, por razões e objetivos diferentes. De fato, até certo ponto, toda organização humana desenvolverá algum tipo de competição, pelos mais diversos motivos. Como Kissinger (1994, p. 627) afirmou, a conspiração de uma rede global comunista, que se espalharia por meio de um efeito dominó, era exagerada. "Hoje nós sabemos que, logo após a vitória na Guerra Civil, a China iria considerar a União Soviética como uma ameaça maior a sua independência, e que, historicamente, o Vietnã tinha o mesmo medo da China". Esse

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> O termo *conspiração estrangeira* é usado para se referir à noção de que grupos de imigrantes estrangeiros necessariamente estariam ligados a atividades criminosas.

também é o caso de divergências e divisões internas entre a DEA e a CIA, em relação ao caso do tráfico de drogas e os Contras<sup>8</sup>. Em ambos os casos, foi revelado ao público posteriormente que não havia uma conspiração organizada, mas sim disputas internas com atores que não concordavam entre si. Essas percepções de conspiração podem sugerir que a liderança pode ser uma fonte de poder, na qual os chefes de Estado produzem a tal *energia política* e têm total liberdade para ditar suas ordens, por meio de seus países. No entanto, em ambos os casos também, o que se percebe é que há competição entre os atores, e não uma liderança centralizada.

É claro que, em democracias, tal situação é limitada pelas leis constitucionais e um complexo jogo político; entretanto, o mesmo ocorre em países menos democráticos e até mesmo em ditaduras. Países possuem diferentes níveis de complexidade em seus sistemas políticos, econômicos e sociais. Em todos os casos, o líder não gera e emana tal poder político, mas sim precisará negociar e coordenar diferentes interesses de diferentes atores políticos, para que estes possam se encaminhar aos mesmos objetivos. Em países mais centralizados e ditatoriais, o líder precisa negociar com menos atores, o que pode facilitar a condução para direcioná-los ao mesmo ponto de convergência, mas, mesmo assim, a "energia" está lá, e ele precisa direcioná-la. Resumindo, uma maneira de ver a questão é como se as lideranças fossem capitães de um barco a velas, o qual elas apenas manejam sob ventos preexistentes, e não como reatores nucleares que produziriam a própria energia. Por essa razão, declarações e teorias como "a Rússia de Putin" ou a "China de Xi Jinping", que sugerem que tais líderes estariam por trás e por cima de cada decisão, vão inevitavelmente errar — ou serão no mínimo irresponsáveis.

É bem aceito que o processo político nos Estados Unidos é excessivamente complicado, devido a inúmeros fatores políticos; todavia, essa complexidade não é exclusiva desse país (como se observou que os norte-americanos acreditam). Seria ingênuo pensar, por exemplo, que a China, com sua população de 1,4 bilhões de pessoas — atualmente a segunda economia, o quinto maior território e uma intensa e diversa variedade de culturas — iria simplesmente obedecer de forma passiva a um núcleo político, sem qualquer desentendimento ou resistência. O mesmo vale e pode ser aplicado

.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Office of the Inspector General. U.S. Department of Justice. Chapter XI: DEA's Response to Information About Contra Drug Trafficking and Miscellaneous Cases. Disponível em: https://oig.justice.gov/special/9712/ch11p1.htm (Acesso em 31 jan. 2017)

para quase qualquer país ou organização do mundo: eles lidam com energias preexistentes, que fluem por diferentes fontes, e a liderança tem como missão direcionálas a um mesmo ponto convergente.

Em razão disso, muitos programas secretos dos governos, incluindo a cooperação com o Crime Organizado, são incapazes de serem provados e acabam sendo rejeitados como "teorias da conspiração". Não apenas é difícil provar sua relação quando esta ocorre, mas também é quase impossível fazer isso em larga escala, quando está envolvida toda a estrutura governamental, particularmente em países maiores e mais complexos<sup>9</sup> como Estados Unidos, Rússia ou China. Diferentes agentes vão reagir de diversas formas à ideia de interagir e cooperar com organizações criminosas, e estes, caso o aceitem, também farão isso por diferentes meios e razões. Os estudos de política, programas secretos e Crime Organizado são de difícil realização, devido à dificuldade de acesso a fontes críveis. Muitos pesquisadores são atraídos a teorias conspiratórias, porque estas representam formas fáceis de informação, especialmente se o pesquisador estiver motivado por razões políticas e ideológicas. É claro que isso não significa que os diferentes atores não cooperem em segredo, para atingir objetivos até mesmo ilegais, ou objetivos políticos que possam vir a ser descritos como teorias da conspiração. Todo ator político elabora e executa planos sigilosos em certo ponto, especialmente aqueles que possam causar embaraço público. Porém, algumas teorias são exageradas e fantasiosas — sobretudo as que creem em planos globais ou que envolvam toda a estrutura nacional.

A cooperação entre Estado-Nação e Crime Organizado, com base nas entrevistas e na pesquisa bibliográfica, normalmente é oportunista e pontual, não é permanente e funciona apenas em pequena e média escala (de indivíduos a, no máximo, departamentos), por meio de confluências de interesses. Em suma, facções criminosas podem ser ferramentas do Estado em estratégias nacionais, não porque há uma enorme estratégia secreta, mas porque esses grupos podem operar com grande habilidade em cenários nos quais as autoridades centrais não podem agir.

Uma forma fácil de entender como funciona o processo dessas interações e por que elas existem (entre Estados-Nação e facções criminosas, ou dentro deles) são as

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Grandes não apenas em tamanho geográfico, mas também no sentido de economia, diversidade, demografia e estrutura.

formas de capital. Para Bourdieu (1986), o capital é materializado e acumulado na forma de trabalho, uma força traduzida por estruturas objetivas ou subjetivas (*vis insita*), e no princípio subjacente às regularidades imanentes do mundo social (*lex insita*). Há três formas de capital: econômico, que pode ser convertido em dinheiro; social, que pode ser entendido como conexões dos indivíduos/grupos; e cultural, que pode ser descrito como formas de conhecimentos e habilidades possuídas por uma pessoa ou um grupo. Posteriormente, foi adicionada ainda uma quarta forma de capital: o simbólico, que pode ser descrito como sendo o simbolismo de algo, alguém ou alguma instituição que possui algum prestígio ou reconhecimento, o qual serve como valor. Ainda de acordo com Bourdieu (1989), as diferentes formas de capital são derivadas do capital econômico, podendo-se concluir que o capital econômico seria a raiz de todas as outras formas de capital. Entretanto, é razoável considerar que o oposto também pode ocorrer: o capital econômico derivando de outros capitais ou, ainda, uma interação direta entre essas outras formas de capital.

O governo nacional existe e se mantém apenas porque possui todos os tipos de capital (alguns mais do que os outros) à sua disposição, funcionando em um território específico e determinado. Do contrário, o governo não conseguiria manter sua legitimidade e acabaria por cair. Essa é a razão óbvia pela qual áreas marginais ou distantes estão mais sujeitas a desenvolverem insurgências e resistências às autoridades centrais. Em casos de deficiência em um ou mais capitais, outro tipo de capital deve ser suficiente para suprir esse desequilíbrio e ainda sustentar o poder. Por muitas razões, várias visões erradas sobre o Estado-Nação ainda persistem. Em vez de se observar os Estados como sendo "tijolos" duros, monolíticos, claramente delimitados, nos quais o governo é um "tijolo" separado de outros, que seriam a sociedade, o setor privado ou o Crime Organizado, esse Estado deve ser visto como um "caleidoscópio", no qual diferentes atores políticos competem entre si para atingir o seu núcleo (o governo). Quando certo grupo o atinge, a estrutura e as cores mudam, representando o grupo no controle. Com o tempo, essa estrutura muda novamente, devido a vários fatores. Diferentes grupos possuirão diferentes formas de capital; não é difícil entender que alguns grupos podem manter a sua conexão em função do interesse do lucro oriundo da economia, enquanto outros manterão sua conexão graças a outras formas de capital, como o social ou o simbólico, mesmo que eventualmente haja dinheiro envolvido. Campanhas

de partidos políticos, o conceito de ideologia política, visões religiosas ou mesmo amizades e simpatia não podem ser ignorados como fontes legítimas de poder.

A visão de Priestland de divisão das sociedades em três grupos principais é um bom exemplo de como esse caleidoscópio funciona. De acordo com ele, há três grupos que se alternam no poder: o mercador, o guerreiro e o sábio. Enquanto antigas civilizações tinham maiores probabilidades de serem governadas pela casta do guerreiro, em sociedades recentes há uma disputa entre as castas do sábio e do mercador (PRIESTLAND, 2012). Conforme mencionado anteriormente, todas as formas de capital são importantes para a manutenção do poder e a preservação da autoridade. Porém, cada casta vai priorizar diferentes formas de capital em diversas ordens. Novamente, o "pensamento tijolo" não pode ser aplicado, porque esses três grupos também possuem suas subcategorias com abordagens distintas. Em geral, é razoável crer que a casta do mercador será guiada pelo capital econômico, enquanto a casta do sábio, pelo capital cultural. Apesar dessa corrida em direção ao núcleo desse caleidoscópio político, cada casta ainda requer a cooperação de outra, para se manter no centro e governar, cada qual utilizando as formas de capital disponíveis e necessárias. A competição pelo poder existe em conjunto com a cooperação e cooptação pelo poder, em uma dinâmica fluida e em constante movimento, sobre uma geografia delimitada, formando assim o Estado. Se uma parte marginal desse organismo caleidoscópico vier a se separar, para formar seu próprio núcleo, estará livre para reclamar sua independência, sendo então composta por suas próprias castas de mercadores, guerreiros e sábios, com uma nova estrutura de poder e novas fontes de capital.

O termo *Estado-Nação* é mais complexo e dinâmico do que normalmente se entende. Dentro de sua esfera, também devem ser acrescentados os chamados *atores não estatais*, incluindo os atores marginalizados, como o Crime Organizado. Apesar de haver diferenças evidentes entre governo e Estado-Nação, existem ainda visões errôneas sobre esse tópico. Por exemplo, quando Al-Rodhan (2012, p. 101) descreve o conceito de Metageopolítica e os maiores *players* na corrida espacial, ele classifica Estados Unidos, União Europeia, China, Rússia e os atores não estatais como potenciais competidores entre si, como se o setor privado pudesse ser rival do Estado. Porém, essa interpretação está muito longe de ser realista (mesmo que se considerem os programas espaciais de foco puramente comercial). Como ele diz: "*governos e agências espaciais têm aumentado* 

sua terceirização dos serviços espaciais para as empresas privadas", ou seja, haveria uma reorganização do núcleo político dos programas espaciais, mas isso não significa de forma alguma que tais atores não estatais sejam competidores viáveis, ou representem formas de poder alternativo ao Estado — sobretudo porque eles ainda estão limitados pelas leis nacionais, pela soberania e pelos interesses do Estado no qual estão instalados. Do contrário, empresas como a Boeing poderiam, livremente e sem qualquer pressão política, realizar acordos à vontade com China, Rússia, Irã ou qualquer outro país que tenha interesse em programas espaciais.

O mesmo princípio deve ser aplicado às empresas militares privadas (PMCs), no que se refere ao dito exagero sobre a "privatização da guerra". Singer (2002) acredita que "o acesso irrestrito dos serviços militares, inaugurado pelo crescimento da indústria militar privada, tem aumentado claramente o papel dos grupos não estatais... Estados podem se tornar dinossauros no fim do período cretáceo: poderosos, mas incômodos; ainda não substituíveis, mas não mais os mestres incontestáveis de seu ambiente". Na realidade, tais empresas de segurança estão ainda sujeitas ao interesse nacional do Estado no qual estão registradas e só poderão operar com uma mínima cooperação dos governos de sua terra natal. O que se observa é que essas empresas na verdade servem para cobrir a legitimidade dos governos nacionais em lugares e situações sensíveis<sup>10</sup>. Em outras palavras, essas organizações estão dentro da esfera de influência e proteção do Estado-Nação, embora não necessariamente dentro do governo<sup>11</sup>.

Outro importante aspecto que interfere diretamente na organização do Estado-Nação é a geografia. Como já foi discutido, áreas distantes e marginais são mais propensas a desenvolverem insurgências e resistências contra a autoridade central ou federal. A razão disso é o simples fato de que a geografia tem interferência direta na intensidade do capital e de suas conexões. Ratzel delimita que, ainda que o sistema econômico tencione criar certa padronização (organicidade), o desenvolvimento comparativo entre áreas centrais e periféricas nunca será igual (COSTA, 2008, p. 37). Mesmo assim, muitos acadêmicos ignoram o fato geográfico, ainda que observações

-

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Por exemplo, em vez de colocar soldados norte-americanos no Azerbaijão, uma região historicamente sob influência russa e iraniana, para proteger os interesses ocidentais na exploração local de gás e petróleo, seria muito menos tenso e controverso o uso de militares privados da Blackwater (Scahill, 2007, p. 237).

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Por outro lado, não ignorando a capacidade de sua influência dentro do governo.

precisas revelem que diferenças espaciais podem desenvolver diversas formas de capitais, em velocidades variáveis. Em suma, essa situação trará como resultado o fato de que áreas marginais terão forças locais que resistirão à integração, não somente porque o capital econômico se desenvolve mais rapidamente nas áreas centrais, mas também porque outras formas de capital estarão mais enfraquecidas entre os diferentes grupos políticos e os indivíduos em áreas afastadas do centro do Estado-Nação, ou em um Estado estrangeiro, que está separado porque o seu capital é completamente independente. Para Ratzel, a base comum poderia ser formulada como políticas gerais para integração territorial. Ademais, cada Estado deve perseguir o seu próprio projeto geopolítico, para uma política territorial do seu espaço nacional, e não para projetos expansionistas. Os aspectos econômicos desse projeto de integração nacional devem fortalecer o capital cultural, social e simbólico. É justo dizer que os capitais de Bourdieu servem, portanto, para lubrificar essa máquina de Ratzel de integração territorial nacional.

Para Ratzel, as políticas do Estado devem evitar que eventuais crises tomem contornos geográficos e "geografizem" o conflito (IDEM, p. 36). Como demonstrado, várias forças dentro do Estado vão sempre competir para atingir ou influenciar o núcleo político — o governo. Porém, como na interpretação de Ratzel, se esses conflitos internos se tornarem geográficos e assumirem um espaço delimitado dentro do território desse Estado, isso poderá resultar em movimentos separatistas que podem vir até mesmo a colocar o Estado em risco, ou ainda impedir que esse Estado expanda sua influência dentro de seu próprio território, ameaçando a sua estabilidade futura. Especificamente, este é outro motivo por que a geografia sempre será importante: ela determina as formas e a intensidade dos capitais disponíveis para os atores políticos locais. A falta de algum capital em certo território obviamente resultará em dificuldades para as autoridades centrais.

Esse tipo de situação mostrava-se um grande problema para os antigos impérios e poderes coloniais, que encontravam sérias dificuldades para se estabelecer como força dominante em partes afastadas de seus domínios ultramarinos, nos quais a vasta distância era um problema e as variadas culturas e sociedades relutavam em reconhecer estrangeiros como autoridades legítimas. Entretanto, em vez de bater constantemente de frente com as forças indígenas, esses impérios usavam atores irregulares e suas formas de capital para legitimar sua autoridade. Por exemplo, em Cingapura a administração

britânica designava lordes locais, conectados com as Tríades, para controlar as comunidades chinesas e obter delas os lucros oriundos dos impostos. Em muitos casos, os governos não tinham qualquer forma de comunicação direta com as camadas mais baixas da população chinesa, e o trabalho de interlocução recaía sobre as Tríades. Geralmente, a presença de Tríades e outras "sociedades secretas" como interlocutores com os imigrantes chineses não era problema para a administração colonial. Na verdade, esses grupos eram capazes até mesmo de trazer certa estabilidade para a região, facilitando o domínio europeu (STUDWELL, 2007, p. 10).

Outro exemplo é a administração do Império Português no Brasil: era conivente com a rebeldia dos bandeirantes paulistas. Como a *Vila de São Paulo* de *Piratininga* (atual cidade de São Paulo) era o assentamento português mais no interior do continente sulamericano, no século XVI, os paulistas (que eram um grupo mais ou menos isolado do restante do Império Português) eram a representação portuguesa mais bem adaptada e com maior conhecimento do território brasileiro, mas também o assentamento mais teimoso e rebelde do Império. Apesar de eles rejeitarem com frequência as ordens, tanto da Coroa Portuguesa, como das autoridades coloniais (às vezes, até mesmo espancando representantes que ousassem interferir em seus assuntos internos), as autoridades tendiam a ignorar tais insolências. Afinal, os paulistas muitas vezes eram necessários para realizar as perigosas missões designadas pela Coroa, devido à sua habilidade, dureza e seu conhecimento geográfico da região — em particular, na busca pelo ouro em áreas ainda mais remotas ou na luta contra invasores estrangeiros, como os franceses, holandeses ou espanhóis (DORIA, 2012, p. 44).

## 3.2. Fora do sistema, os atores não integrados

A despeito das dificuldades encontradas na relação com esses grupos não integrados, eles ainda podem se mostrar suficientemente úteis para que os governos centrais fechem seus olhos para as suas ações. Porém, essa tolerância vai variar de acordo com o contexto temporal dessa relação, e os atores envolvidos (estatais e não integrados) podem ter interesses opostos novamente, por exemplo, a aceitação ou não do governo central como autoridade, o que seria visto como reconhecimento de seu capital simbólico.

A reação desses atores não integrados ao estabelecimento desse capital simbólico em um território que até então julgavam como seu pode ser entendida como o limite para considerar tais grupos marginalizados como sendo Crime Organizado, banditismo, senhores da guerra locais e organizações terroristas.

A literatura em geral relacionada ao terrorismo e ao Crime Organizado normalmente identifica como diferença primordial entre esses dois grupos o fato de haver questões políticas e/ou ideológicas envolvidas. De acordo com Albanese (2007, p. 6), enquanto o Crime Organizado mira no lucro e na corrupção, os grupos terroristas visam a objetivos políticos. Mesmo que as dimensões de ambos os atores possam se cruzar, a organização terrorista usará as atividades criminais para financiar seus objetivos políticos. Abadinsky, por sua vez, afirma (2010, p. 5) que grupos terroristas e criminais compartilham atributos similares em sua estrutura organizacional e cruzam seus interesses financeiros, comprando e vendendo serviços um do outro, mas a diferença ainda residirá nos meios e fins dos dois. Organizações terroristas usam seus fundos para fins políticos e para derrubar governos, ao passo que o grupo criminoso visa formar um governo paralelo, que coexista com o governo de fato. Logo, "grupos criminosos organizados não são motivados por ideologia, enquanto grupos terroristas tentam dar para suas atividades uma aura altruísta, a fim de justificar seus atos, solicitando do povo a simpatia pela sua causa".

Ainda, Shelley demonstra que não há um padrão definido de terrorismo ou um meio comum para designar uma organização como grupo terrorista. Nos Estados Unidos, por exemplo, define-se como "o uso ilegal da força e da violência contra pessoas e propriedades, para intimidar e coagir o governo, a população civil ou algum segmento, em auxílio ao seu objetivo político ou social"; no entanto, não é suficiente, uma vez que não menciona aspectos religiosos ou ideológicos. Essa lacuna se deve ao fato de que não há consenso claro de quando o uso da força é legitimo (SHELLEY, 2014, p. 11). De modo geral, as definições jurídicas sofrem com dois problemas extremos: enquanto algumas definições vagas podem taxar de terroristas grupos que, na verdade, são movimentos sociais com apoio popular e legítimo, outras podem ser tão específicas que excluem grupos de fato terroristas.

Por outro lado, outras tentativas para definir terrorismo e separá-lo do Crime Organizado são claros exemplos do absurdo. Duggan, em 2012, durante o seminário sobre "Terrorismo e Crime: Suas similaridades, diferenças e lições aprendidas", na Universidade da Pensilvânia, afirmou que as diferenças básicas entre terrorismo e Crime Organizado são as seguintes: "terrorismo não é uma ofensa específica; terrorismo atravessa fronteiras jurisdicionais; terroristas visam reconhecimento público; operam na direção de um objetivo amplo; são 'altruístas'; inovam; e operam em grupos dinâmicos". O problema dessas "especificidades" é que todas elas são encontradas em facções criminosas. O Crime Organizado normalmente não é considerado uma ofensa específica; algumas organizações procuram reconhecimento público, e a maioria possui relações "altruístas" com a comunidade local. Outras dessas diferenças seriam justamente as características mais fundamentais, básicas e óbvias do Crime Organizado, como atravessar fronteiras jurisdicionais, inovação constante e operação em grupos dinâmicos. De fato, sem a parte da ofensa criminal, todas essas diferenças são as mesmas encontradas em qualquer agente não governamental.

Uma definição realmente interessante foi feita por Khan (1987): o terrorismo é "(...) uma desordem política no centro da qual se encontra um grupo lesado". O problema com as definições de grupos terroristas não é apenas no cenário internacional, entre diferentes países; um único país pode utilizar terminologias conflitantes para diferentes grupos, por considerar algumas organizações legítimas e outras, com o mesmo comportamento e as mesmas características, como sendo terroristas. Por exemplo, ao mesmo tempo em que a União Soviética via a violência palestina como algo legítimo, ela também entendia a resistência afegã como terrorista; enquanto os Estados Unidos descreviam os guerreiros afegãos como uma resistência legítima, condenavam a resistência palestina como sendo terrorista (situação similar ao que ocorre atualmente na Guerra Civil na Síria). A decisão de se uma organização será ou não terrorista caberá unicamente aos interesses do Estado, que verá os objetivos de tal grupo como sendo concorrentes ou convergentes. Essa definição de Khan acaba por ser mais neutra e realista do que a maioria das demais, uma vez que considera os interesses políticos por trás do rótulo de terrorismo. É claro que baixas civis podem causar embaraços para os Estados que apoiam tais organizações; porém, eles tendem a ignorar isso, se os interesses ou a necessidade forem altos.

Além disso, o ponto ideológico/religioso, considerado como o limite entre Crime Organizado e grupos terroristas, não é algo constante. Uma organização criminosa pode perseguir ambições políticas, mesmo que não seja seu fim, mas um meio; ela pode usar o capital simbólico de discursos ideológicos como fonte de poder. Não é possível julgar o quanto tais ambições políticas e ideológicas são mais "honestas" do que aquelas de grupos terroristas. No entanto, ignorando isso, teríamos de partir do princípio de que todo terrorista seria legal e crente em sua causa. Para algumas organizações, aspectos nacionalistas e patrióticos são importantes demais para serem ignorados, mesmo que isso sirva apenas de ponte para os ganhos financeiros — o que não seria diferente do que muitos grupos "dentro da lei" fazem.

Apesar de algumas organizações criminosas não apresentarem qualquer objetivo ideológico, outras podem desenvolvê-lo como estratégia de sobrevivência, a fim de que estes justifiquem sua existência, ao mesmo tempo em que não confrontem os interesses de Estado. Por exemplo, a Yakuza, ao final do século XIX e começo do XX, lutava contra "ideologias alienígenas" como liberalismo e socialismo, algumas Tríades se veem como "protetoras" da cultura Hakka, e alguns membros de gangues de motoqueiros se veem como guardiões do "modo de vida americano". Ainda que obviamente o foco seja o lucro, e o discurso seja apenas um aspecto retórico, isso pode desenvolver algum tipo de legitimidade sobre a população local — algo que pode ser explorado pelas autoridades, caso julguem conveniente, como quando o Ministro de Segurança Pública, Tao Siju, afirmou que "alguns membros das tríades são patriotas e devem ser respeitados, caso ajudem na prosperidade de Hong Kong" (LO, 2010).

É claro que se espera que atos ilegais sejam punidos por tal governo. Entretanto, o nível de esforço que o Estado aplicará contra uma facção criminosa será menor do que o que aplicaria contra uma organização terrorista, especialmente quando esse ator irregular declarar para si um espaço geográfico específico, ameaçando a representação da autoridade estatal sobre tal território.

A forma mais precisa e realista de entender o grupo terrorista seria considerar esse como um nível diferente de interação para com o Estado, em vez de usar aspectos comportamentais como definição; afinal, alguns grupos terroristas (e até mesmo os próprios Estados) podem se utilizar de métodos terroristas. Esses atores marginalizados e

fora do sistema legal ainda terão algum tipo de relação e interação com o governo e com o Estado. Já o terrorismo representa a radicalização dessa relação, em que não há mais interações, e uma existência tolerada não é mais possível. Apesar de vários agentes dentro do sistema legal não comporem necessariamente o governo, estes ainda estão cobertos pelo Estado e pela aplicação de seu sistema legal, enquanto o Crime Organizado e outros atores irregulares (como o banditismo) estão fora do sistema legal, mas não representam radicalização suficiente para ameaçar os agentes políticos que estão no controle do governo. Portanto, apesar de suas violações legais, sua existência ainda pode vir a ser tolerada por alguns grupos e autoridades (sobretudo as corruptas), enquanto os grupos terroristas (os que são identificados como tais) são a última esfera de existência, na qual o Estado ou o núcleo político do governo se veem ameaçados por esses grupos. De modo geral, seria justo afirmar que há diferentes camadas de interação de inúmeros atores/grupos com o governo e o Estado-Nação.



Ainda que o terrorismo não seja o assunto desta pesquisa, seria impossível analisar a correlação de poder entre o Estado e o governo com os chamados *atores não estatais*, incluindo os grupos fora da lei, o Crime Organizado e o terrorismo. Também não é

possível considerar as interações e os funcionamentos de tais agentes irregulares como forças totalmente separadas do nível estatal (o que a maior parte da literatura em geral faz), porque, em seus aspectos nucleares, eles são tecnicamente os mesmos. Não é o tato ideológico que vai levá-los a serem considerados como terroristas, mas a vontade do governo e a sua capacidade de sustentar sua legitimidade perante a comunidade e outros grupos fora do sistema legal do Estado.

# 3.3. Estratégias irregulares

As abordagens indiretas e os estratagemas irregulares em disputas têm sido explorados pelos mais diversos autores, ao longo dos anos, mas um autor em especial merece atenção: Saul Alinsky. Impressiona o quão pouco ele é conhecido, apesar de sua notória influência direta sobre o pensamento de figuras como Hillary Clinton e Barack Obama. De acordo com ele, a força revolucionária deve ter dois alvos, o moral e o material, que, por sua vez, podem ser atingidos por métodos psicológicos não ortodoxos de guerra, descritos em 13 regras. Vale notar algumas delas, uma vez que envolvem o sujeito principal desta pesquisa e demonstram grandes similaridades com o estrategista chinês Sun Tzu (autor de A Arte da Guerra), que, por sua vez, teve clara influência sobre Henry Kissinger<sup>12</sup>: "Poder não é apenas aquilo que você tem, mas também aquilo que o inimigo acha que você tem", numa clara alusão ao pensamento da estratégia de distração de Sun Tzu: "Nunca saia da experiência de seu pessoal; quando a ação ou tática estiver fora da experiência de seu pessoal, o resultado pode ser confusão". Esta apresenta similaridade com outra ideia de Sun Tzu, a respeito do conhecimento sobre o inimigo, o terreno e o contexto: "Sempre que possível, vá para fora da experiência do inimigo", como tática para atrais o inimigo a um ambiente desconhecido. A ideia de que "Uma tática que se prolonga demais torna-se um peso" apresenta outra similaridade com a preocupação que Sun Tzu tinha sobre campanhas excessivamente demoradas e seus impactos sobre a política e a economia; e "Mantenha sempre a pressão", o que inclui a tática de incomodar e irritar o inimigo (ALINSKY, 1971, p. 125).

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Não é claro se Alinsky conhecia ou não Sun Tzu, uma vez que, com base em sua literatura, é provável que tenha sido mais influenciado por Maquiavel.

Se, por um lado, pode parecer estranho abordar Alinsky e Kissinger, uma vez que são muito diferentes, suas abordagens são similares em alguns aspectos. O método de Alinsky foi claramente observado durante a presidência de Bill Clinton e Barack Obama, sobretudo durante o período em que Hillary Clinton esteve no comando do Departamento de Estado. Ainda, é notória a influência de Sun Tzu em muitos aspectos da literatura e do pensamento de Kissinger. É justo dizer que ambas as perspectivas compartilham um mesmo núcleo metodológico.

Apesar de Alinsky ser mais um ativista do que cientista<sup>13</sup>, ele era um hábil conhecedor das forças subterrâneas da sociedade, em parte porque, durante sua graduação, desenvolveu sua pesquisa dentro da gangue de Al Capone, sob a proteção de Frank Nitti, um dos executores da Máfia. Nos anos seguintes, ele focou em estratagemas não convencionais, como a criação de organizações sociais e ONGs. Porém, a despeito de seu ativismo e extremismo de esquerda, ele era bastante crítico aos movimentos comunistas, em suas "inflexibilidades e dogmatismos". Para ele, o motivo da revolução era "quebrar o sistema e ver o que acontece". Graças a sua influência, os grupos póscomunistas se desenvolveram em organizações coerentes com coalizões de comunistas, anarquistas, liberais, democratas, movimentos negros e justiceiros sociais. Sua ideia era a de que a organização popular resultaria no poder para radicais. Outro importante aspecto desse autor era que, apesar de a maioria dos radicais da "contracultura" serem contrários à ideia de se infiltrar nas instituições da sociedade norte-americana e do governo, ele advogava justamente o oposto, aproximando-se do Partido Democrata e até mesmo sendo apresentado a Robert Kennedy por um de seus orientandos (Cesar Chavez). Ele acreditava que os radicais pós-comunistas não deveriam ser idealistas, mas acima de tudo maquiavélicos (CLINTON, 1969, p. 1, 53) (HOROWITZ, 2009).

Uma visão estratégica com relação às abordagens indiretas e aos conflitos por procuração numa escala global pode ser encontrada na obra de Henry Kissinger. Curiosamente, apesar do evidente antagonismo entre ele e Alinsky, durante o ápice da Guerra Fria, nos Estados Unidos, ambos se "sentaram em cadeiras extremamente opostas, mas ainda na mesma mesa", além de usarem uma linguagem muito similar. A abordagem indireta de construir posições de vantagem, no melhor estilo de Sun Tzu, em contraste

\_

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Realmente quase não há ciência em suas escritas.

com o estilo "clausewitzniano" de confronto direto em engajamentos totais, é bem explorado por Kissinger (2011, p. 36):

A vitória não é simplesmente um triunfo das forças armadas, é a obtenção total dos objetivos políticos que o confronto militar visava assegurar. Muito melhor que desafiar o inimigo no campo de batalha, é quebrar sua moral ou atraí-lo para uma posição desfavorável na qual sua fuga seja impossível. Como a guerra é um empreendimento desesperado e complexo, autoconhecimento é crucial. A estratégia se resolve a si mesma em um concurso psicológico.

Ainda de acordo com Kissinger (2014, p. 173):

Como o estrategista chinês Sun Tzu, Kautilya considerou que o curso menos direto era frequentemente o mais sábio: fomentar a divergência entre vizinhos ou aliados potenciais, para fazer um rei vizinho lutar contra outro vizinho e ainda impedir vizinhos de se unirem, procedendo a superar o território de seu próprio inimigo. O esforço estratégico é interminável. Quando a estratégia prevalece, o território do rei se expande e as fronteiras são redefinidas, o círculo de Estados precisa ser recalibrado. Novos cálculos de poder podem ser empreendidos; alguns aliados vão agora se tornar inimigos e vice-versa.

Enquanto Kissinger foi Secretário de Estado, a maioria de suas doutrinas foram baseadas no uso de forças preexistentes, a fim de evitar o confronto direto em conflitos que poderiam arrastar os Estados Unidos para "lamaçais" como os da Guerra do Vietnã. Como ele disse, "se Hanói era suplente de Pequim e Pequim, um representante de Moscou", então os Estados Unidos enfrentariam uma derrota militar e moral nas mãos de um inimigo que poderia ser evitado, porque "a vitória comunista na Indochina nos anos 1950 iria, provavelmente, acelerar as rivalidades" (1994, 627). A União Soviética e a China conseguiram impor aos Estados Unidos uma imensa derrota a um custo muito baixo, apenas apoiando as guerrilhas locais, em vez de se engajar num grande e direto conflito com os Estados Unidos. Embora Kissinger não tenha declarado explicitamente seu favoritismo pelos modelos de guerra por procuração como estratégia contra a União Soviética, sua literatura e carreira apontam nessa direção, por duas razões similares às ideias de Alinsky: "Nunca saia da experiência de seu pessoal; quando a ação ou tática estiver fora da experiência de seu pessoal, o resultado pode ser confusão" e "Sempre que possível, vá para fora da experiência do inimigo".

É claro que o uso de abordagens indiretas não é novidade. Entretanto, a aplicação desse modelo como estratégia básica e fundamental é resultado de dois fatores: a Era Nuclear e a extrema complexidade envolvendo o campo de batalha após a Segunda Guerra Mundial. Ao menos até este momento, não houve engajamentos diretos entre duas potências nucleares, em função do risco de destruição mútua e também porque alguns países possuem características grandes demais para serem invadidos e totalmente ocupados numa Guerra Total. Hoje é muito improvável que qualquer país tenha os requisitos necessários para ocupar por completo outro país de grande geografia e demografia, havendo apenas conflitos limitados territorialmente. E mesmo nesses casos, se ambos os lados tiverem capacidade nuclear, tal conflito será impraticável.

Para essas duas "novas características", devemos citar dois exemplos. O primeiro é a melhor ilustração com relação a conflitos em escala total: a Guerra do Iraque, de 2003. O país mais poderoso do mundo, os Estados Unidos, foi capaz de derrotar as forças do governo iraquiano em questão de poucas semanas. Todavia, apesar do emprego excessivo de 190 mil soldados norte-americanos, apoiados por dezenas de milhares de soldados de outros países aliados, e de trilhões de dólares gastos em tecnologia de ponta, suprimentos e equipamento pesado, a potência norte-americana não foi capaz de sustentar a estabilidade política do novo governo iraquiano em um país com "apenas" 25 milhões de pessoas e 438 km². Como segundo exemplo, mesmo conflitos limitados territorialmente são evitados, se ambos os lados dispuserem de poder nuclear, o que pode ser visto na questão da Caxemira, que envolve a disputa de três forças nucleares (China, Índia e Paquistão). Ironicamente, apesar das grandes e constantes tensões, os confrontos militares diretos diminuíram gradualmente, conforme os três lados desenvolveram dispositivos nucleares — em especial entre Índia e Paquistão, que desenvolveram tal capacidade muitos anos depois da China.

Essa realidade contraditória foi gerada pelo efeito nuclear no teatro geopolítico internacional. A despeito da absoluta superioridade militar dos países nucleares sobre os não nucleares, especialmente sobre os em desenvolvimento e subdesenvolvidos, os esforços para manter o arsenal nuclear (cujo uso foi excluído, na maioria das vezes) deram às potências regionais a oportunidade de reequilibrar suas desvantagens militares, ao prolongar a guerra contra essas potências por tempo suficiente para secar sua vontade e sua capacidade operacional. De modo geral, a guerra irregular e assimétrica gradualmente

se tornou a doutrina principal do campo de batalha, afetando a estratégia geopolítica. O fim da Guerra Fria e a proliferação de novos atores com habilidades nucleares provavelmente tornaram as guerras indiretas — algo que antes era um jogo quase exclusivo das superpotências e potências regionais — a regra principal da arena geopolítica global. Por fim, a maioria dos países sem armas nucleares ou se sentiram compelidos a formar estratégias com as potências nucleares, o que criou um sistema internacional de parcerias igual ao que fora construído antes da Primeira Guerra Mundial, ou então perseguiram o seu próprio programa nuclear (KISSINGER, 2014, p. 290), às vezes até mesmo por meio do mercado negro e de forma clandestina.

Essa dificuldade dos Estados-Nação de iniciar guerras uns contra os outros levou o núcleo de suas políticas de segurança nacional a se adaptar para trabalhar contra ou em favor desses tais guerreiros irregulares. Embora as guerras no Iraque tenham sido dolorosas derrotas para os Estados Unidos e seus aliados, o bombardeio na Líbia pode ser descrito, dentro de uma perspectiva unicamente militar<sup>14</sup>, como um sucesso, assim como o envolvimento russo na Síria foi mais bem-sucedido do que o envolvimento militar direto dos soviéticos no Afeganistão. A razão pela qual esses atores irregulares e não integrados são contratados pelos Estados é que tais atores possuem — ou porque estas estão hesitantes em se envolver diretamente em certas condições específicas, devido ao seu risco político, sobretudo quando envolve roubo de tecnologia, sabotagem e até mesmo assassinatos. Além disso, esses grupos provavelmente terão um conhecimento geográfico melhor e um capital social mais forte com a comunidade local. Como anteriormente demonstrado, os antigos impérios coloniais empregaram com frequência esses grupos, os quais auxiliavam na administração dos territórios além-mar.

Durante a Guerra no Vietnã, os Estados Unidos experimentaram diretamente a guerra irregular e por procuração e, década depois, deram o troco na União Soviética, com a ajuda da China e do Paquistão. Os Estados Unidos enviaram cerca de 100 milhões de dólares por ano em armas leves, rifles, minas, armas pesadas antitanque e antiaéreas,

-

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Isso apesar do fato de que foi o desastre político que causou o "tsunami" de refugiados para a Europa e ainda resultou na morte do embaixador dos Estados Unidos na Líbia. A menos, é claro, que se tome a ideia alinskyana de "quebre o sistema e veja o que acontece", lembrando que a destruição do sistema líbio se deu sob comando de Hillary Clinton, protegida de Alinsky.

lançadores de foguetes, etc., em suporte aos mujahidin do Afeganistão, nos anos 1980 (SHICHOR, 2004, p. 120), causando uma derrota militar e moral aos soviéticos. Essas situações do Vietnã, Iraque, Afeganistão e muitos outros locais são exemplos da principal doutrina do futuro da guerra. Não que isso signifique que o modelo de guerra de Clausewitz seja antiquado e as guerras totais nunca mais aconteçam; entretanto, devido à complexidade da ciência da guerra, do ambiente<sup>15</sup> e das abordagens irregulares, os engajamentos completos, especialmente entre "grandes" países, serão improváveis. Essas duas situações preveem como o campo de batalha geopolítico (incluindo nisso as esferas política, econômica e militar) vai se configurar nos próximos anos. Mais recentemente, é possível dizer que um dos fatores mais importantes da derrota geopolítica dos Estados Unidos no Iraque foi o envolvimento iraniano no norte do Iraque, em função do suporte que este providenciou, por meio de suas forças de elite (força Quds) para as milícias xiitas, com o fornecimento de inteligência e equipamento (FILKINS, 2013). A mais clássica e atual situação na qual tal campo de batalha pode ser observado é o conflito na Síria, no qual diversos países apoiam grupos irregulares, enquanto consideram outros grupos como sendo terroristas, de acordo com os seus interesses.

Guerras irregulares, indiretas ou por procuração usando esses grupos podem ser entendidas como camadas que representam diferentes níveis de engajamento entre os Estados-Nação. O emprego de empresas militares privadas, em alguns casos, pode ser descrito como a primeira camada, na qual as tensões não são tão altas e o Estado natal da empresa em questão ainda pode ter algum nível público de envolvimento. O Crime Organizado e outras milícias seriam a segunda camada, na qual o Estado natal dessas organizações já não pode ser totalmente associado e seu envolvimento é dúbio. Por fim, na última camada, o Estado se envolve diretamente com grupos tidos como terroristas. Apesar de o Estado não ser a "casa" dessa organização, o seu patrocínio não pode ser publicamente revelado, para evitar o rótulo de Estado que apoia o terrorismo internacional.

Tal estratégia pode ser mais útil em áreas fora de seus interesses geopolíticos, nas quais o emprego das forças armadas convencionais seria difícil de ser explicado para a comunidade internacional, e até mesmo para a sua própria população. Enquanto em áreas

\_

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Como armamento nuclear, centros urbanos de alta densidade demográfica, custos militares e equipamentos de alta tecnologia.

de interesse vital do sujeito geopolítico do Estado-Nação, o emprego militar direto pode ser justificado (ainda que não facilmente), como o Panamá para os Estados Unidos ou a Crimeia para a Rússia, regiões distantes e fora de sua área geopolítica não comportarão a legitimidade de um envolvimento direto, o que pode causar protestos por governos locais e vizinhos, bem como entre a população. Isso, por sua vez, pode resultar em um cenário no qual a abordagem indireta por meio dessas diferentes camadas de guerra irregular pode vir a ser uma solução melhor, numa escala geograficamente limitada, onde os interesses geopolíticos estão concentrados.

O entendimento de tais estratagemas deve considerar a complexidade do Estado-Nação. Como demonstrado, a maioria das teorias da conspiração se baseiam na ideia de uma "super pirâmide global", o que seria impossível, considerando as constantes disputas pelo poder entre as pessoas e os grupos, e também o Crime Organizado. Uma facção do Crime Organizado grande demais pode trazer dois problemas: uma atenção excessiva por parte da população, de forças governamentais ou da comunidade internacional; e uma área geográfica extensa demais, que seria impossível de ser totalmente administrada por um sistema de forças subterrâneas e sigilosas. Já o Estado-Nação, devido à sua legitimidade de capital simbólico, não possui tais problemas, podendo ter uma área extensa sob seu controle e ainda tendo outras formas de capital para negociar com os poderes locais, regulares ou não, para sustentar seu controle sobre tais áreas. Além disso, o Estado não precisa se preocupar com uma estrutura centralizada ou piramidal; mesmo nesse caso, porém, a liderança terá suas limitações e deverá barganhar com sua base para manter sua estrutura. Do contrário, sem um mínimo de suporte, colocará em risco a sua legitimidade.

Nesse sentido específico, o Estado-Nação e o Crime Organizado podem ter um sistema similar, que opera em diferentes escalas e níveis de legitimidade. Enquanto a maior parte das pessoas tende a ver o Crime Organizado e o Estado como forças contraditórias e conflitantes, eles podem, afinal, ser parte do mesmo sistema e, de vez em quando, até mesmo cooperar — especialmente para evitar a principal preocupação de Ratzel: a "geografização" do conflito. As estratégias de Alinsky para minar o sistema político são baseadas na infiltração, uma característica primordial das facções criminosas organizadas e algo que ele provavelmente aprendeu observando a gangue de Al Capone.

No entanto, a efetividade dessa infiltração não é aleatória e pode aumentar, conforme preenche posições estratégicas, em que os fluxos de capital são mais fortes.

# 4. Cooperação entre Estado-Nação e Crime Organizado

## 4.1. Os Estados Unidos e o "Godfather Power"

## 4.1.1. A Máfia e a Segunda Guerra Mundial

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, dois problemas principais surgiram para o governo dos Estados Unidos e seus objetivos geoestratégicos: primeiro, os nazistas e fascistas em solo norte-americano, que poderiam executar operações de sabotagem e espionagem; e segundo, o próprio palco de guerra europeu. O medo de células estrangeiras dentro do Estados Unidos era baseado na gigantesca comunidade italiana em cidades norte-americanas como Nova York, Chicago e Boston, o que criou uma sensação de constante ameaça e dúvida com relação a como isso evoluiria durante a guerra na Itália, uma vez que os movimentos nazistas vinham ganhando corações e mentes, não apenas entre imigrantes alemães, mas também entre norte-americanos. Na verdade, Mussolini e Hitler eram admirados por muitos, por terem resolvido muitos dos "problemas da democracia", por exemplo, a supressão da Máfia.

Apesar de eventuais confrontos entre fascistas de Camisas Negras e mafiosos italianos, que se ressentiam pela perseguição sofrida no sul da Itália e na Sicília, inicialmente as ameaças do potencial de crescimento de nazistas e fascistas foram levantadas pela comunidade judaica. Esta percebeu que, logo após Hitler se tornar chanceler, em 1933, o número de apoiadores e simpatizantes nazistas na América do Norte rapidamente cresceu, tendo aceitação cada vez mais pública e de cada vez mais figuras de alto escalão, como Henry Ford, preocupando os judeus recém-chegados da Europa. Essas preocupações eram tão altas, que proeminentes membros da comunidade judaica, como rabinos e juízes, sentiram-se compelidos a entrar em contato com Meyer Lansky, uma das figuras mais altas da Máfia judaica, para lidar com os simpatizantes nazistas — e ele não apenas aceitou o pedido, como também utilizou seus próprios recursos.

A mudança de direção do governo norte-americano se deu após a prisão de Frederick Joubert Duquesne, um sul-africano Boer que espionava para os alemães e que já vinha sendo monitorado pelo FBI, por vazar informações sobre a capacidade defensiva

e tecnológica dos Estados Unidos. Entretanto, sua captura somente se deu após o FBI descobrir que suas missões mudariam de coleta de dados para sabotagem efetiva em solo norte-americano. Apesar de sua prisão e do fim de sua rede de espionagem, que contava com 32 pessoas (das quais 25 alemães naturalizados norte-americanos), a situação colocou as agências norte-americanas em alerta total, devido à sua vulnerabilidade em caso de guerra contra os países do Eixo, especialmente com relação à comunidade ítalo-americana (NEWARK, 2007, p. 73, 79).

Tais sentimentos de vulnerabilidade se materializaram após 1942, quando, no porto de Nova York, o navio de luxo Normandie, convertido em transportador de tropas, foi destruído em um incêndio. Embora os relatórios oficiais tenham inicialmente apontado um acidente causado pelos trabalhadores, logo diversas teorias da conspiração começaram a surgir e a se espalhar entre os jornalistas, entre elas as de infiltração nazista, sabotagem por parte de ítalo-americanos simpatizantes de Mussolini, e até mesmo de uma represália da Máfia. A verdade, nesse caso, provavelmente nunca será descoberta, mas, em todos os casos, Charles "Lucky" Luciano e Meyer Lansky, anos depois, chamaram para si a responsabilidade do ataque. De toda forma, o importante é que, quatro meses após o incidente com o Normandie, dois submarinos U-boat alemães desembarcaram esquadrões de sabotadores na costa leste dos Estados Unidos, visando atacar suas instalações estratégicas e industriais, na operação conhecida como Operação Pastorius, descoberta apenas porque um dos alemães desertou e confessou ao FBI (Idem, p. 83). Depois disso, o governo concluiu que a Marinha e a Guarda Costeira não seriam capazes de impedir a entrada de mais sabotadores nazistas, e que seria ainda mais difícil garantir a lealdade dos ítalo-americanos que trabalhavam nas docas.

Para lidar com essa situação, a Marinha norte-americana encarregou o Tenente Comandante Charles Radcliffe Haffenden (que deveria falar "com todo mundo, o padre, o gerente de banco, o gângster e o próprio demônio, se fosse preciso" para conseguir as informações necessárias) e o Capitão Roscoe C. McFall, que teve a ideia de usar as conexões criminais para garantir a segurança das docas. A despeito do contraditório moral em lidar com os criminosos, a situação era considerada de tamanha gravidade, que os fins, nesse caso, justificariam os meios. A Inteligência Naval norte-americana, em associação com o Crime Organizado, passou então a mirar todos os potenciais espiões e sabotadores dentro dos Estados Unidos, montando até mesmo uma rede de vigilância marítima com

os pescadores e trabalhadores das docas, para alertar sobre a presença de qualquer submarino alemão que tentasse reabastecer na área. Toda a operação estava sob a coordenação do Comandante Haffenden e de Joseph "Socks" Lanza, um gângster que administrava o mercado de peixes de Fulton e era associado de Meyer Lansky, o qual mais tarde participaria pessoalmente das reuniões. Inclusive, foi ideia de Lansky trazer o próprio Charles Luciano para negociar a parceria, uma vez que a autoridade de Luciano poderia "motivar" até mesmo a Máfia italiana. Tal relação evoluiria substancialmente em uma eficiente rede de informantes, observados de perto pelas mais altas patentes do governo norte-americano (idem, p. 81, 99).

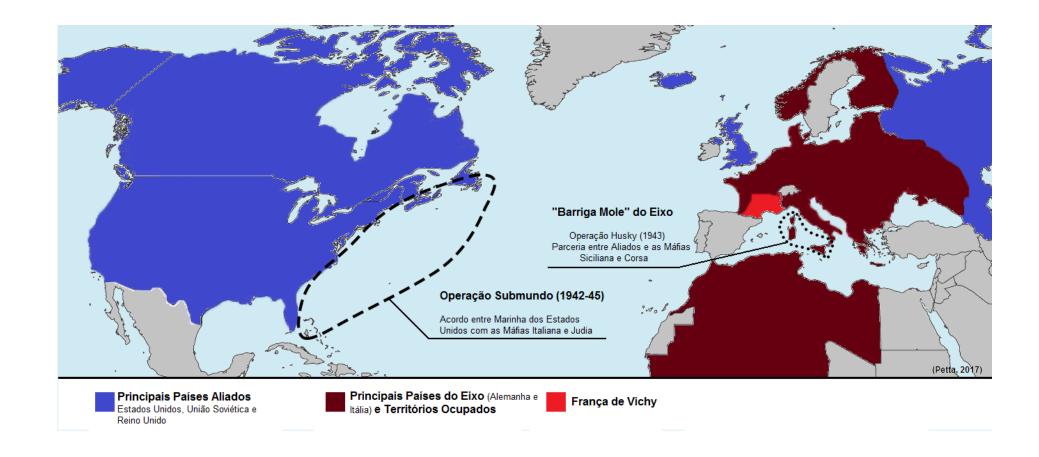
Visando aos objetivos geopolíticos, a cooperação com a Máfia ainda tomaria forma diretamente na "barriga mole" do Eixo, no sul da Itália, que, por coincidência, era o berço da própria Máfia. A Inteligência Naval designou novamente o Terceiro Distrito Naval, de Haffenden e McFall para interagir com os contatos que falassem italiano e que poderiam ser úteis no próximo passo da guerra, a *Operação Husky*. O oficial sênior responsável por isso foi o Tenente Anthony J. Marsloe, apoiador da ideia de cooperação com a Máfia, afirmando:

Este mundo subterrâneo foi usado como um meio de obter informações para nos ajudar no esforço de guerra... Toda fonte disponível que possa ser usada para evitar e também apreender aqueles que possam ser ameaças potenciais ou reais durante uma emergência ou um surto de hostilidades é aceitável, devido às circunstâncias incomuns.

Coletar informações para abrir as portas na invasão à Sicília envolveu Lansky e Luciano, que levaram ao encontro de Haffenden vários italianos que tivessem alguma informação geográfica e pontos de contatos em vilarejos. Aliás, Haffenden chegou até mesmo a sugerir que o próprio Luciano pudesse se juntar às tropas durante a invasão, o que foi rejeitado por seus oficiais superiores (Idem, p. 123). O uso dos grupos criminais, porém, não ficou limitado à Sicília; essa extensa e útil rede de contatos que poderiam suprir os aliados podia ser vista em outros pontos do continente europeu, sobretudo na parte francesa ocupada, por meio da *Unione Corse* (a Máfia Corsa). Nela, os irmãos Guerrini, mafiosos associados com a resistência francesa, trabalharam para agentes secretos ingleses e norte-americanos durante a guerra, não apenas fornecendo informação, mas também hospedando espiões ingleses e providenciando armas e soldados para a

resistência, o que lhes garantiria a Medalha da Legião de Honra, ao final da guerra (MCCOY, 1972, p. 29).

Todavia, não se sabe qual foi a extensão dessa relação durante o restante da guerra. De acordo com Newark (2007, p. 288), por exemplo, não há evidência clara de que a relação entre as forças Aliadas e a Máfia tenha se aprofundando muito mais do que isso. De modo geral, a colaboração foi limitada à coleta das informações geográficas e de posições de soldados inimigos. Algumas fontes ainda indicam que os britânicos e norteamericanos planejaram armar a Máfia para ajudá-los em combate, mas não há evidências de que isso ocorreu de fato. Da mesma forma, Schneider e Schneider (2003, p. 49) argumentam que a história de que as forças Aliadas carregavam flâmulas amarelas com a letra "L", de Luciano, para ganhar a confiança dos mafiosos locais, é questionável.





#### 4.1.2. A reconstrução e o pós-guerra

Apesar de certo ceticismo entre alguns pesquisadores a respeito da profundidade do envolvimento entre os Estados Unidos e a Máfia após a invasão à Sicília, estes não ignoram que, pelo menos após a guerra, tal relacionamento de fato aconteceu. A maior parte desse apoio foi tácito e não necessariamente planejado. Como entre os mafiosos havia bandidos e pessoas ligadas ao mercado negro, que abasteciam a população por meio de canais irregulares, o governo norte-americano provavelmente lidou com eles, em vez de prendê-los ou deportá-los, o que poderia resultar em desabastecimento e tumultos (SCHNEIDER; SCHNEIDER, 2003, p. 51). Isso também ocorreu no Japão, no período pós-guerra, quando a organização governamental e suas forças de segurança estavam em total confusão, tendo problemas em lidar com a população sangokujin<sup>16</sup>. Em Kobe, por exemplo, um grupo de trezentos sangokujin invadiram a delegacia de polícia e pegaram os policiais, apenas como demonstração de força. O prefeito de Kobe, sem ter a quem recorrer formalmente, recrutou a Yakuza, Yamaguchi-gumi, que usou dezenas de membros armados com espadas, armas e granadas para lidar com a situação. Os oficiais norte-americanos presentes, por sua vez, nada fizeram porque simplesmente não eram "capazes de entender" o que estava acontecendo (KAPLAN; DUBRO, 1986, p. 58).

Além disso, a política norte-americana para o Japão ocupado, especialmente no que dizia respeito à distribuição de alimentos, acabou por estimular os chefes da Yakuza e os membros do mercado negro. Não apenas o desarmamento total da polícia permitiu que gangues andassem livremente pelas ruas, como também alguns oficiais norte-americanos até mesmo equiparam, encorajaram e pagaram essas gangues (idem, p. 54). Embora o General MacArthur soubesse da situação, ele a ignorava e evitava, em função de suas preocupações geopoliticamente maiores com relação à União Soviética, à China e à expansão do socialismo pela Ásia. Assim como com a Máfia italiana e a Máfia corsa, a presença da Yakuza era abertamente aceita, pois esta era um elemento essencial na contenção dos esquerdistas japoneses. Tais interações foram primeiramente intermediadas pelo General Charles A. Willoughby, do exército dos Estados Unidos, e

\_

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Sangokujin = "*Povos dos três países*". Os sangokujin eram chineses, taiwaneses e coreanos que haviam sido trazidos ao Japão para repor os trabalhadores recrutados para as forças armadas (KAPLAN; DUBRO, 1986, p. 58).

posteriormente mantidas pela CIA, com base em contatos com figuras como as de Yoshio Kodama, um alto membro do Crime Organizado japonês (Idem, p. 75).

Com base no que foi historicamente observado, há diferenças metodológicas e comportamentais significativas em relação à utilização dos serviços prestados pelas células criminosas, sobretudo pelo governo dos Estados Unidos, antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial. A maioria dos estudos estabelece uma relação muito bem delimitada, que envolveu principalmente coleta de informações sobre as atividades e posições inimigas. Entretanto, além da patrulha da costa norte-americana em relação a atividades suspeitas de submarinos alemães e o desembarque de sabotadores inimigos, é possível encontrar também, nessa relação dos Estados Unidos com a Máfia, o uso de redes de vigilância entre os trabalhadores dos portos, com o objetivo de detectar espiões. No caso da Sicília, o mesmo método foi aplicado; exceto por alguns planos — como a ideia de Haffenden de desembarcar Luciano junto com as tropas aliadas —, a maioria dos oficiais procurou relegar a Máfia ao papel de *apenas informantes*.

É justo dizer que usar as conexões subterrâneas dos mafiosos era algo novo para os norte-americanos. Não somente eles tinham receio e cautela em relação a esse envolvimento, como também vários de seus parceiros britânicos eram relativamente novatos em operações de inteligência e infiltração. Situação diferente pode ser observada na parceria da França com a União Corsa, que foi intermediada pelos ingleses e provavelmente corria numa relação muito mais profunda e próxima do que a do governo dos Estados Unidos com a Máfia italiana. Isso se deve ao fato de que a Inglaterra tinha mais experiência nesse campo e também já tinha uma agência de inteligência muito bem estabelecida (a MI6) para lidar com essas circunstâncias. Para esses assuntos, os Estados Unidos confiavam no Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), o predecessor da CIA, a qual, por sua vez, seria muito mais eficiente e assertiva em lidar com tais atores irregulares.

Como Keegan (2003, p. 286) explicou, as operações militares mudaram drasticamente após a Segunda Guerra Mundial, devido ao desenvolvimento de armamento nuclear, que impediu os Estados maiores de se engajar em guerras totais. Em vez disso, houve um substancial aumento da quantidade de guerras de pequena escala e guerras civis. Enquanto as tentativas de se evitar guerras totais empurraram os governos

a procurar formas alternativas de guerra, isso também levou setores de dentro dos Estados a serem mais lenientes em suas relações com o Crime Organizado — em alguns casos, aprofundando relações a muito mais do que apenas usá-lo como fontes de informação. A Guerra Fria criara um cenário internacional no qual era favorável às duas superpotências e seus aliados o desenvolvimento de armamento e métodos não convencionais de guerra. O medo de uma expansão global do comunismo não somente compeliu os Estados Unidos a cooperarem com qualquer grupo que pudesse ser útil em sua cruzada, como isso também justificava todos os meios.

Após sair da cadeia, Charles Luciano foi deportado para a Sicília, em 1946. De acordo com um relatório do Consulado Britânico, ele provavelmente era financiado para trabalhar contra comunistas locais, o que não seria surpresa, dada a posição geoestratégica da Itália. Isso ajudaria a explicar os eventos na Sicília nos anos que se seguiram. Enquanto políticos e membros da esquerda eram alvo de separatistas liderados por Salvatore Giuliano, armados com metralhadoras e granadas, grupos de comunistas também fortemente armados atacavam o governo. De modo geral, havia um campo de batalha secreto na Itália, no qual a polícia ficava no meio, incapaz de fazer muito; isso resultou numa parceria dos governos locais com a Máfia, para acabar com o grupo de Giuliano e estabilizar a região (NEWARK, 2007, p. 272, 275). Esse é um exemplo do papel estratégico que esses grupos subterrâneos tiveram na prevenção da expansão comunista em áreas afligidas pela guerra.

De acordo com McCoy (1972, p. 34), a CIA pagou a Máfia corsa para quebrar as rebeliões comunistas, em 1947 e 1950. Devido à posição geográfica de Marselha, o controle comunista sobre as docas poderia atrapalhar o Plano Marshall ou qualquer outro programa de auxílio local. Ademais, se Marselha, que era a segunda cidade mais populosa da França, viesse a cair na mão de comunistas, isso poderia abrir as portas de todo o governo nacional francês para eles. Os acordos entre os sindicatos criminosos corsos e a CIA seriam efetuados, novamente, com os irmãos Guerini, que seriam abastecidos com armas e dinheiro para atacar qualquer greve comunista e atormentar membros sindicais.

Em todos esses casos, o Crime Organizado foi aceito não apenas por sua utilidade contra células comunistas, guerrilhas e sindicatos, mas também porque isso sustentaria a eficiência logística do abastecimento da população das regiões mais atingidas pela guerra,

às quais as autoridades e os governos tinham acesso limitado para providenciar ajuda na reconstrução. Portanto, uma eventual dissolução de tais organizações poderia causar revoltas entre a população civil.

#### 4.1.3. A arena subterrânea e a Guerra Fria

Apesar de não ter havido engajamentos diretos entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia durante a Guerra Fria, guerras por procuração se espalharam no cenário geopolítico internacional. Os dois primeiros confrontos relevantes seriam na Ásia, durante a Guerra Civil Chinesa<sup>17</sup> e, depois, na Guerra da Coreia. Por volta dos anos 1950, os Estados Unidos já tinham aprimorado sua capacidade de uso de células criminais em guerras irregulares para além da utilização de mafiosos no controle de portos e de sistemas sociais subterrâneos como estratégia de bloquear comunistas e socialistas em áreas devastadas durante a guerra. A utilização dessas organizações foi gradualmente aprofundada para aspectos ofensivos, além de áreas de influência direta dos Estados Unidos<sup>18</sup>. O fracasso da Guerra da Coreia e eventuais provocações chinesas em áreas vizinhas obrigaram os Estados Unidos a se voltarem para o uso da guerra secreta e irregular, como estratégia principal, no sul e no sudeste da Ásia; países como Taiwan, Tailândia, Vietnã e Mianmar (Burma) se tornaram as frentes secretas de batalha.

Segundo McCoy (1972, p. 66), inicialmente os franceses, por meio da União Corsa, cooperavam com o mercado negro de ópio do Triângulo Dourado, em Saigon, como forma de ganhar a cooperação das elites corruptas locais. As autoridades coloniais francesas anteriormente tentaram erradicar a produção de ópio, mas, com o início da Primeira Guerra da Indochina (1946–1954), que secou os recursos da Inteligência Francesa, os aliados paramilitares dos franceses tiveram permissão de continuar a produção, como forma de financiar suas operações secretas. Ao mesmo tempo, a CIA e as Forças Armadas norte-americanas recrutavam antigos membros do Exército

\_

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Os detalhes do cenário chinês serão explorados no Capítulo 4.2: A China e a mão invisível.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Áreas de influência *direta* dos norte-americanos seriam áreas ainda dentro de seus interesses geopolíticos, mas até então sem a presença formal militar.

Nacionalista Chinês (o Kuomintang), para fechar a fronteira entre Mianmar e China, a fim de impedir qualquer tentativa chinesa de invasão.

Porém, essas tropas acabaram por dominar o mercado local de ópio (as quais também extraiam do tráfico o dinheiro necessário para se manterem em batalha), enviando-o para o norte da Tailândia, onde era comprado pela polícia tailandesa. O próprio Comandante da polícia tailandesa, General Phao Sriyanond, usava os meios que a CIA fornecia para transportar o ópio para Bangkok, que era então exportado para Malásia, Indonésia e Hong Kong. Em 1954, Bangkok era a capital asiática do ópio, distribuindo sozinha 30% da produção regional. Nesse sentido, pode surgir a falsa impressão de que os associados da CIA apenas tiravam vantagens da situação, mas todas as indicações mostram que a CIA não podia alegar ignorância, uma vez que todas essas informações já haviam sido publicadas por jornais da época, que denunciavam tanto o KMT como o General Phao por conexões diretas com o comércio de narcóticos (idem, p. 84).

Posteriormente, em 1965, durante a guerra no Vietnã, as relações com os senhores das drogas foram ainda mais longe. Além de providenciar proteção direta, a inteligência norte-americana recrutou traficantes para lutar contra os comunistas, sendo as fontes dos recursos dessas operações mantidas fora do registro (SCOTT, 2010, p. 133). A explosão do tráfico de ópio provavelmente não era parte do plano original, mas ocorria com o conhecimento e a cooperação da CIA, que tolerava essa situação devido ao forte sentimento anticomunista desses traficantes. A relação de agentes secretos e diplomatas com tais criminosos era definida em três níveis operacionais: no primeiro nível, apenas se aliando a grupos supostamente envolvidos no tráfico de drogas; no segundo, incentivando o tráfico por meio da proteção dos traficantes de heroína e tolerando-o abertamente; e por fim, transportando diretamente o ópio e a heroína (MCCOY, 1972, p. 14). Como evidência que apoia esse cenário está o fato de que muitos generais sulvietnamitas que foram salvos dos comunistas ao fim da guerra e levados aos Estados Unidos começaram suas próprias gangues, também ligadas ao tráfico (ANDERSON, 1984).

O uso dessas organizações na Ásia não pode ser subestimado. Ainda em 1960, o Partido Democrático Liberal (LDP) solicitou ajuda aos chefes da Yakuza, a fim de que

reunissem pessoal suficiente para proteger a delegação da visita do presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower. Estes, por sua vez, convocaram jogadores, gângsteres, extorsionistas, camelôs e todo tipo de figura clandestina que pudesse impedir grupos esquerdistas de atacar o presidente. No total, foram 18 mil membros da Yakuza, 10 mil camelôs (*tekiya*<sup>19</sup>) e 10 mil veteranos de guerra, que ainda dispunham de helicópteros, aviões de pequeno porte, caminhões e carros blindados, sendo abastecidos com comida, postos de comando, esquadrões de primeiros-socorros e pelo menos 800 milhões ienes, para fundos operacionais. Com essa demonstração de poder, o embaixador norte-americano Douglas MacArthur II confirmou a segurança do evento ao Departamento de Estado, dizendo que "havia números suficientes para evitar qualquer demonstração não amistosa e... para garantir que o presidente seja adequadamente bem recebido". Porém, durante um confronto entre mafiosos e estudantes, um estudante morreu e vários outros ficaram feridos, causando o cancelamento da visita do presidente (KAPLAN; DUBRO, 1986, p. 93).

Outra relação problemática envolvendo drogas e o Crime Organizado se deu no Caribe, na América do Sul e Central. A recente Revolução Cubana (1953–1959) havia causado danos tanto para o status político formal do governo dos Estados Unidos, como para o Crime Organizado. Para este último, a revolução significou a perda de grandes quantias de dinheiro, ao ter seus cassinos e outros investimentos fechados; já para o governo norte-americano, a ilha caribenha podia afetar sua estratégia geopolítica mahanista<sup>20</sup>, o que afetaria toda a região vizinha. Inicialmente, os Estados Unidos ainda não tinham uma visão antagonista de Fidel Castro; contudo, uma vez que as tensões começaram e o apoio a opositores do governo cubano falhou (Baía dos Porcos, por exemplo), o governo cubano se aliou à União Soviética para se proteger. O resultado disso foi que Castro passou a ser um prêmio caro demais para os Estados Unidos pegarem diretamente, obrigando a política externa dos Estados Unidos a buscar meios alternativos de lidar com a situação, usando principalmente elementos criminosos.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Tekiya: Camelô.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Alfred T. Mahan e seu livro de estratégia de águas azuis, no qual ele apoia a anexação de Filipinas, Havaí, Guam e Porto Rico, além de um controle direto sobre o istmo do Panamá e tutela sobre Cuba (COHEN, 2003, p. 23).

Nesse caso, a tática empregada seria a de tentar assassinar Fidel, usando assassinos ligados à *Cosa Nostra* — procedimento que é a forma mais básica de ação paramilitar. A CIA, por meio do agente do FBI Robert Maheu, contatou a Máfia para realizar trabalhos freelancer, contratando John Roselli, Salvatore "Sam" Giancana e Santo Trafficante para matar Castro, por 150 mil dólares. Essas três figuras não apenas eram líderes da Máfia, mas também haviam sido diretamente afetados pelo fim de suas atividades em Cuba. Giancana e seus associados propuseram recrutar cubanos anti-Castro para envenená-lo, quando tivessem alguma oportunidade. A CIA, por sua vez, providenciou as pílulas contendo toxina botulínica, que se dissolvia em água, o que foi feito em duas ocasiões. A seguir, as táticas foram ficando cada vez mais complexas, como cigarros envenenados com toxinas mortais e tanques de oxigênio para mergulho contaminados com bactérias (CALLANAN, 2010, p. 160). Nos anos que se seguiram, a fraca resistência anti-Castro nas montanhas Escambray recebeu da Máfia o suporte necessário para se manter na luta, sem que pudesse ser diretamente provado qualquer envolvimento do governo dos Estados Unidos. Contudo, esse grupo acabou finalmente derrotado, em 1965, na guerra contra os bandidos (em espanhol: Lucha contra Los Bandidos).

Hoje é bem sabido que a Revolução Cubana acendeu o alerta vermelho geopolítico dos Estados Unidos, que resultou em uma forte e rápida cruzada contra o comunismo na região, com o governo norte-americano apoiando ditaduras militares na América do Sul e Central. Na maioria dos casos, não houve necessidade de cooperação com forças criminais, como no caso de Brasil, Argentina e Chile; afinal, nesses países, já imperava o medo e uma grande insatisfação popular em relação ao comunismo. Além disso, as instituições militares que chegaram ao poder em seguida estavam bem estabelecidas e eram hábeis o suficiente para controlar a situação por si só, ou com um mínimo de suporte político. Em outros casos, a situação era bem mais complicada, sobretudo nos países menores, com instituições politicamente ineficientes. Algumas das economias desses países estavam excessivamente amarradas a atividades criminais (algumas até hoje), a tal ponto que a corrupção e o mercado de produtos ilícitos faziam parte importante da economia nacional, e um eventual combate a esse mercado paralelo poderia até mesmo desestabilizar o país.

Após chegar ao poder do Chile, em 1973, o General Augusto Pinochet focou suas forças no combate aos produtores de cocaína (até então, o Chile era o maior exportador

da droga no mundo), com tamanha eficiência, que os remanescentes fugiram para a Colômbia, o que mudou toda a dinâmica do tráfico de drogas e a política nas Américas. Enquanto até então a cocaína era enviada aos Estados Unidos diretamente a partir do Chile, sem intermediários (a maioria, pelo menos, devido à vasta costa chilena), passou a ser produzida na Colômbia e transportada por duas rotas: a rota caribenha, partindo diretamente da Colômbia e, às vezes, da Venezuela, através do Caribe; e a rota da América Central, passando pelo Panamá e por outros mesoamericanos até o México, e então finalmente aos Estados Unidos, através da fronteira sul. Obviamente, todos os países na rota da cocaína colombiana sentiram a pressão desse novo comércio ilegal, em especial o Panamá, devido à sua função geoestratégica como tendão de Aquiles dos Estados Unidos.

Durante esse período, o Panamá estava sob o governo do General Manuel Noriega, uma figura estratégica para os Estados Unidos. Não apenas sua presença garantia que o Canal do Panamá ficaria em mãos amistosas para o governo norte-americano, como também ele servia de tampão contra os movimentos esquerdistas na região, em especial os sandinistas, apoiando diretamente a oposição dos Contras. Porém, essa parceria envolvia mais do que apenas apoio militar e político: a aliança também envolvia de perto o tráfico de cocaína dos Contras e de outras organizações, que usavam a Costa Rica como estação de reabastecimento para os aviões que transportavam as drogas vindas da Colômbia. Em 1988, testemunhas confirmaram, diante do Senado norte-americano, que os pilotos de Noriega transportavam armas e drogas para os Contras, deixando as armas na Costa Rica e seguindo para os Estados Unidos com as drogas (WEBB, 1999, p. 235). Tal como se deu no Sudeste Asiático, a situação era profunda e grande demais para a CIA e outras agências governamentais alegarem ignorância. Durante o julgamento do Coronel Oliver North, do Conselho de Segurança Nacional, documentos mostraram que Noriega se ofereceu para assassinar a liderança sandinista, em troca da promessa de que o governo norte-americano o ajudaria a limpar a sua imagem pública com relação ao tráfico de drogas e à lavagem de dinheiro. North entregou a proposta a funcionários do alto escalão de Washington, que aceitaram auxílio do líder panamenho em operações de sabotagem, mas não de assassinatos de oficiais nicaraguenses (IDEM, p. 258). No melhor cenário, as agências de inteligência dos Estados Unidos "fecharam os olhos" para as atividades de Noriega, envolvendo-se com o tráfico de drogas e como um personagem importante para o Cartel de Medellín (US SENATE, 1988, p. 3).

De acordo com Webb (1999, p. 259), a relação era ainda mais complicada do que apenas "fechar os olhos". O Comandante North, segundo ele, estava inteiramente no controle do projeto Contra e recebeu apoio total e pessoal do então diretor da CIA, William J. Casey. Durante as operações na América Central, North era um dos mais poderosos homens em Washington, com total acesso às mais proeminentes figuras do governo. Alan Fiers, o Chefe da Força Tarefa na América Central e contato de North em Langley, afirmou: "Na primavera de 1985, ele era o maioral... Ele era o maior jogador na NSC (Conselho de Segurança Nacional) também. E sem dúvidas ele estava... dirigindo o processo, dirigindo a política". Além disso, durante uma reunião de alto escalão com oficiais da DEA, North sugeriu que um milhão e meio de dólares, oriundos do Cartel de Medellín, que estavam para ser apreendidos pela DEA fossem entregues aos Contras. Curiosamente, quando isso foi recusado pela DEA, alguém em seguida vazou a informação para o Cartel, estragando a operação inteira. Esse vazamento, de acordo com vários oficiais da DEA, foi creditado a North (idem, p. 231). As operações envolvendo o tráfico de drogas, o General Noriega e a Inteligência dos Estados Unidos eram simplesmente grandes demais para serem orquestradas por agentes secretos agindo sozinhos, sem algum suporte institucional.

Esse conflito de interesses entre CIA, NSC e DEA é um bom caso para desmistificar teorias da conspiração envolvendo os Estados Unidos e o tráfico de drogas. Enquanto alguns tipos de cooperação existem entre Crime Organizado e Estado-Nação, isso não vai necessariamente envolver o sistema político inteiro. Diferentes agências, departamentos e atores terão opiniões divergentes com relação a essa aproximação do Crime Organizado para se atingir objetivos, ainda que políticos e geopolíticos. Enquanto parte da CIA (provavelmente não a CIA inteira, mas células diretamente conectadas ao ex-diretor Casey) empregou o uso de atores subterrâneos, é provável que a DEA não estivesse totalmente ciente dos fatos e muito menos que concordasse com isso. Isso revela interesses conflitantes entre as agências, uma vez que se estabeleceram diferentes objetivos. Tamanho era o ambiente de desconfiança entre as agências que, quando a operação contra o Cartel de Medellín foi vazada, a DEA suspeitou do Comandante Oliver North. Poucos anos depois, em 1985, quando o agente da DEA Enrique "Kiki" Camarena foi torturado e morto durante uma operação em que estava infiltrado no México, alguns agentes da DEA acusaram a CIA de ser a responsável pelo vazamento de sua identidade

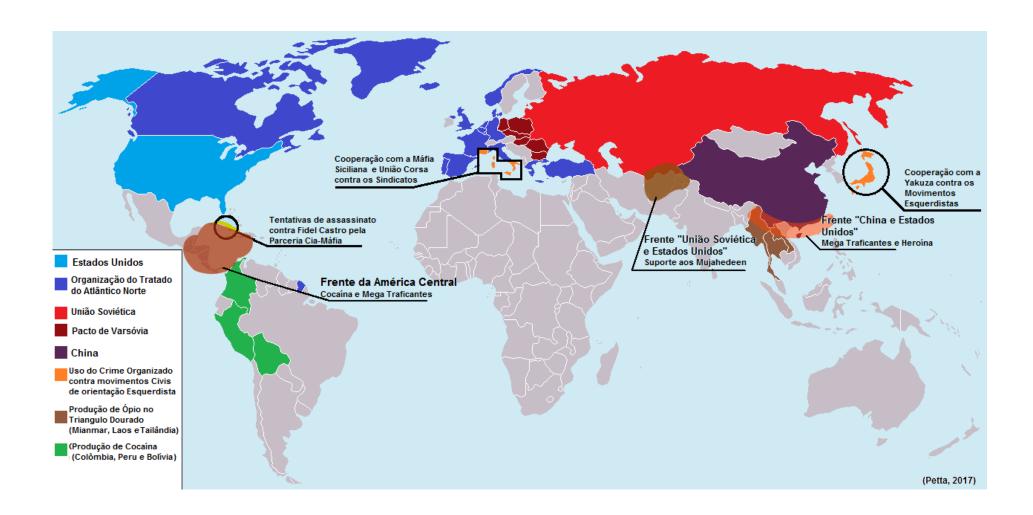
secreta, expondo-o para Rafael Caro Quintero, do Cartel de Guadalajara (JEUNESSE; ROSS, 2013). Apesar de a CIA negar, o fato é que tal ocorrido foi suficiente para criar uma séria rivalidade entre as agências.

Das histórias de cooperação dos Estados Unidos com atores irregulares contra Estados rivais, a mais bem conhecida e documentada foi provavelmente a cooperação com o Talibã e a Al-Qaeda, durante a invasão soviética ao Afeganistão (1979–1989). Ainda que esse caso não se configure como cooperação com o Crime Organizado, ele é digno de nota. De acordo com Goodson (2001, p. 61), o apoio originalmente era pouco, porque havia um ceticismo de que os mujahidin teriam de fato habilidade para lidar com a maciça invasão soviética. Esse apoio foi aumentando gradualmente, conforme a guerra demorava mais do que o esperado. Porém, é provável que o apoio aos mujahidin era algo bem planejado por Zbigniew Brzezinski, conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Carter, como isca para atrair os militares soviéticos. Durante uma entrevista, em 1998, para um jornal francês, Brzezinski disse:

"De acordo com a versão oficial da história, a CIA ajudou os mujahidin no início de 1980; isso é o que é dito, após o exército soviético invadir o Afeganistão em 24 de dezembro de 1979. Mas a realidade, guardada com todo cuidado até agora, é completamente diferente. A verdade é que foi em 3 de julho de 1979, quando o Presidente Carter assinou a primeira diretiva para ajudar secretamente os opositores do regime pró-soviético, em Kabul. E naquele dia, eu escrevi uma nota para o presidente, em que expliquei para ele que, em minha opinião, tal ação induziria a uma invasão militar soviética... Não foi assim. Nós não os empurramos para intervir, mas sabíamos que isso aumentaria a probabilidade de que acontecesse... No dia em que os soviéticos oficialmente atravessaram a fronteira, eu escrevi para o Presidente Carte essencialmente: 'Agora nós temos a oportunidade de dar à União Soviética sua Guerra do Vietnã'. E realmente, por quase 10 anos, Moscou teve de lutar numa guerra insustentável para o regime, um conflito que traria sua desmoralização e finalmente a quebra do Império Soviético" (GIBBS, 2000).

Esses comentários são firmemente enraizados na estratégia geopolítica da "Heartland", de Mackinder Spykman. Ao mesmo tempo, Brzezinski acreditava que essa invasão também era parte do plano soviético para subjugar os Estados produtores de petróleo do Golfo (CORDOVEZ; HARRISON, 1995, p. 32). De qualquer forma, a CIA

operou uma conexão por meio do Paquistão e de seu Serviço Secreto (Direção de Inteligência Interserviços [ISI]), para ajudar os mujahidin com equipamento militar (em especial, os mísseis antiaéreos Stinger) e treinamento, o que acabou por tirar a superioridade aérea soviética em regiões críticas do Afeganistão (GOODSON, 2001, p. 68).



#### 4.1.4. A desordem pós-Guerra Fria e a guerra ao terror

O conturbado período de transição que se seguiu ao fim da Guerra Fria tem sido amplamente investigado pela academia. O fim do império soviético deu aos Estados Unidos uma vitória geopolítica e o status de liderança no mundo. Porém, isso também trouxe diversos novos problemas, especialmente com relação aos atores não estatais, os quais, de acordo com alguns acadêmicos, impuseram os maiores desafios aos Estados Unidos e seus aliados. A real questão para os Estados Unidos não foi exatamente o "novo campo de batalha", até porque este não é de fato novo. Como discutido anteriormente, atores irregulares têm sido usados há muito tempo, e as agências norte-americanas, a essa altura, já possuíam a experiência de como lidar com esses grupos, sabendo tanto das vantagens como das desvantagens. A verdadeira questão foi o conflito de interesses internacionais que emergiu após a Guerra Fria.

Primeiramente, não havia mais cheques em branco para a defesa e para as agências de inteligência. A NASA, por exemplo, viu seu orçamento ser cortado em 90% logo após a Guerra Fria, e o mesmo princípio foi aplicado a todos os setores militares. A seguir, atitudes controversas (como lidar com o Crime Organizado) que já eram vistas como problemáticas durante a Guerra Fria, mas que eram toleradas em nome da luta contra o comunismo, não mais o seriam. Em terceiro lugar, se o terrorismo e a guerra às drogas seriam a nova prioridade máxima, seria difícil de explicar ou justificar tais associações, mesmo que sob o argumento de defender interesses nacionais ou proceder com operações secretas. É razoável afirmar que, dito isso, pelo menos até o momento, os tentáculos do governo envolvidos em tais parcerias sofreram pressão política e legal de outras áreas, que não estavam envolvidas e não concordaram com essa situação. Além disso, havia agora mais pressão da mídia e do público, que seria muito menos tolerante com tais parcerias em nome da segurança nacional.

De fato, é bem verdade que houve importantes avanços no combate ao crime, já no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990. Como exemplos, pode-se incluir os esforços do Presidente Reagan e, depois, de George Bush no combate a figuras como Pablo Escobar e os irmãos Ochoa, assim como a Operação Just Cause, no Panamá, para derrubar o General Noriega, por sua associação com as drogas. Em Nova York, o procurador (e depois prefeito) Rudolph Giuliani, juntamente com agentes do FBI como Joseph D.

Pistone, causaram um imenso golpe à Máfia ítalo-americana. Outros exemplos pelo mundo incluem a criminalização da Yakuza, no Japão, devido à pressão dos Estados Unidos, com base na lei RICO<sup>21</sup>; os protestos populares após o assassinato do Juiz Giovanni Falcone, na Itália; o embaraçoso envolvimento de agências governamentais em situações como a do Irã-Contras; a notoriedade pública do tráfico de cocaína, por meio de jornalistas como Gary Webb; a Convenção de Palermo, das Nações Unidas, em 2000<sup>22</sup>. Na verdade, o que aconteceu foi que várias zonas de choque geopolítico apenas mudaram de local ou formato, reduzindo o número de áreas em que tais metodologias controversas seriam aplicadas.

Durante o processo de retomada da Geopolítica, durante os anos 1990, os Estados Unidos viram sua influência no Caribe e na América Central como garantida, com o governo de Castro, em Cuba, sendo uma fraca oposição, limitada a uma ameaça menor, sem significância e sem um maior aliado (como a União Soviética). A pouca oposição ideológica podia ser vista na América do Sul, com algumas guerrilhas no Peru (Sendeiro Luminoso) e na Colômbia (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia [FARC]), onde, de acordo com a ONG Human Rights Watch (1996):

> "Apesar dos recordes desastrosos em direitos humanos na Colômbia, o Departamento de Defesa e a Agência Central de Inteligência (CIA) trabalharam com vários oficiais militares colombianos, em 1991, na reorganização da inteligência, que resultou na criação de redes de contatos de assassinos que identificavam e matavam civis suspeitos de apoiar as guerrilhas".

Isso resultou no surgimento e no crescimento de grupos paramilitares, também ligados ao tráfico de drogas, como as Autodefensas Unidas de Colombia (AUC).

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> RICO: Racketeer Influenced and Corrupt Organisation Act. Em português: Lei Federal das Organizações Corruptas e Influenciadas pelo Crime Organizado.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Novamente, como comentado antes, não há indicação ou evidência de uma conspiração em nível global ou nacional. Todos os esforços descritos contra o Crime Organizado foram legítimos e reivindicados pelos políticos e pela população. A parceria com criminosos pode ter se desenvolvido por meio de células e pessoas dentro de agências, e apenas em alguns casos. Tais situações foram grandes o suficiente para englobar um departamento inteiro, mas, mesmo nessa situação, é improvável que tenham durado muito tempo.

Já na Ásia Central e no Oriente Médio, com exceção de Irã e Iraque, não havia maiores ameaças dignas de atenção. No leste e no sudeste da Ásia, apesar do crescimento das tensões entre Estados Unidos e China, incitando erroneamente vários acadêmicos a prever como inevitável um conflito ou uma "Segunda Guerra Fria", é possível dizer que, de forma geral, a China teria vencido a guerra subterrânea. Na África, houve uma década de violência lucrativa para o mercado de armas, tanto lícito quanto ilícito. Assim, por muito tempo, o foco seria o Leste Europeu e os países do agora extinto Pacto de Varsóvia e da antiga União Soviética. Entretanto, a guerra ao terror que se seguiu após os eventos de 11 de setembro desenhou uma nova estratégia para lidar com os atores não integrados na política internacional.

Para invadir o Afeganistão e derrubar o nexo Al-Qaeda—Talibã, os Estados Unidos, amparados por seus aliados, escolheram apoiar a Aliança do Norte, apesar de seu envolvimento aberto com a produção de ópio e o tráfico internacional, trazendo ainda mujahidin adicionais de outros países. Nos anos que se seguiram, a produção de ópio dobrou no Afeganistão, indo de 3.276 toneladas métricas em 2000, para 8.200 toneladas métricas em 2007 (SCOTT, 2010, p. 118). De acordo com Schweich (2008), a ideia de que "a produção de ópio está relacionada com a pobreza de muitos fazendeiros, sendo esta a única forma de sustentar suas famílias, se eventualmente programas de erradicação fossem realizados, isto poderia resultar em revoltas e no crescimento do sentimento antiocidental" era um mito conveniente para a OTAN justificar por que fechou os olhos para a produção de ópio por senhores da guerra locais. Com a produção de ópio atingindo escala industrial, muitos afegãos abandonaram sua forma de vida anterior e se aproveitaram do vácuo de segurança para produzir ópio em fazendas de oportunistas pró-governo e de talibãs.<sup>23</sup>.

Juntamente com a Guerra do Afeganistão, outro controverso acordo foi feito no Iraque, com Viktor Bout, um famoso traficante de armas internacional, que anos mais tarde se tornaria uma das pessoas mais procuradas do planeta. Porém, durante seu envolvimento com grandes companhias dos Estados Unidos e do Reino Unido, teve seu nome retirado da lista de procurados. Nesse período, ele providenciou uma efetiva linha de abastecimento para companhias militares privadas, bem como para o Departamento de

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Inicialmente, o Talibã havia proibido a produção de ópio em suas áreas controladas; porém, algum tempo depois, eles entraram no negócio do ópio também, a fim de sustentar sua luta.

Defesa, entregando tendas, comida e outros materiais essenciais para as firmas parceiras do exército, dos fuzileiros e da Halliburton. Muitos desses transportes ainda incluíam armas de espólios de outras guerras — por exemplo, ele entregou 200.000 fuzis Kalashnikov abandonados nas guerras dos Balcãs. Ironicamente, essa parceria ocorreu ao mesmo tempo em que o Tesouro norte-americano e o Departamento de Estado tentavam pegar Viktor Bout, por sua associação com o Talibã, quando suas contas deveriam estar congeladas. A desculpa dada para essa situação foi que houve uma "falha" na checagem de antecedentes, devido à pressa para preparar os transportes para o Iraque, o que não convenceu, não só em função da retirada de Viktor Bout das listas de procurados, mas também do pedido formal da Central de Comando Militar (CENTCOM) para aliviar temporariamente as reprimendas contra as aeronaves de Bout, que continuavam transportando seguranças privados, oficiais militares, munição e outros recursos considerados "vitais" (GLENNY, 2007, p. 244; TRAYNOR, 2006; FARAH, 2007, p. 143).

Pode-se presumir também que a mesma estratégia usada pelos Estados Unidos contra a União Soviética acabou sendo utilizada contra a presença militar norte-americana no Oriente Médio. Prosseguir com guerras por procuração usando grupos não integrados no Afeganistão não pareceu (até este momento) ser uma estratégia realmente funcional, embora haja fortes indícios de que o Paquistão possa estar empregando esse método contra as forças da OTAN. De acordo com Waldman (2010), o ISI paquistanês tem grande influência sobre as estratégias e decisões do Talibã, providenciando refúgio externo, treinamento, suporte militar e logístico, em troca de manter sua influência regional, sobretudo mantendo-se como aliado contra a Índia, os Estados Unidos e a OTAN. Similarmente a essa situação, o Irã também se envolveu no Iraque durante o período de insurgência que se seguiu após a queda de Saddam Hussein, causando pesadas baixas entre as forças norte-americanas<sup>24</sup>.

Por intermédio das forças especiais iranianas (os Quds), o Irã foi capaz de controlar o norte do Iraque, mesmo sob a presença das forças militares dos Estados Unidos e da Coalizão, mantendo um "corredor xiita" que conectava o Irã à Síria e ao Líbano (especialmente às zonas do Hezbollah) (FILKINS, 2013). No geral, foram poucas

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Como foi explicado no Capítulo 3.3: Estratégias irregulares.

as vezes em que os Quds agiram diretamente no Iraque, e a maioria das operações foram cumpridas pelos seus parceiros iraquianos, em centros secretos de inteligência em Najaf, Kerbala, Basra, Sulaymaniyah e Irbil (TRAINOR; GORDON, 2012, p. 316). Esses soldados de fachada, além de transportarem armas para as milícias xiitas do norte do Iraque, também atuavam como franco-atiradores e instalando bombas improvisadas contra as tropas norte-americanas. Entre os notórios casos de envolvimento direto das forças Quds está o ataque contra o quartel general regional de Kerbala, em que as forças especiais iranianas, falando inglês fluente, em SUVs pretas e em uniformes militares norte-americanos, passaram pelos postos de checagem, infiltrando-se no Centro de Coordenação Provincial de Kerbala, matando um soldado e sequestrando outros quatro, que posteriormente foram executados (O'HERN, 2012, p. 101). Uma fonte entrevistada, durante uma conversa informal, acredita que essa operação tão complexa teve como missão o roubo de arquivos e dados vitais sobre a movimentação das tropas norte-americanas na região.

Enquanto os cenários irregulares do Afeganistão e do Iraque são mais ou menos publicamente conhecidos, ainda que haja discordâncias sobre se tais conluios são ou não reais, outro importante conflito subterrâneo se dá no México. Para Brzezinski (2013, p. 77), o México significa um sério risco aos Estados Unidos, em termos de "declínio americano", devido a sua política e economia voláteis, bem como por ser forte fonte de violência, questões étnicas, tráfico de drogas e armas, imigração ilegal e extremismo político. Apesar de isso parecer um exagero, refletindo um medo paranoico de "a China imperialista tomando vantagens sobre o continente americano", é bem verdade que o México e a América Central constituem a "barriga mole" dos Estados Unidos. Porém, se uma crise geopolítica vier a explodir nessa região, isso poderia significar que os Estados Unidos estariam pagando o preço por suas próprias falhas passadas, ao elaborar planos baseados na ideia de "conspirações russas e chinesas", ainda que as guerrilhas esquerdistas nas Américas possam estar tecnicamente mortas (exceto por algumas poucas células irrelevantes) e os governos socialistas, como em Cuba e na Venezuela, sejam incapazes de alterar o quadro geopolítico continental. O mesmo não pode ser dito a respeito da violência iniciada em função das drogas, resultado das políticas dos anos 1980 e do apoio a grupos irregulares.

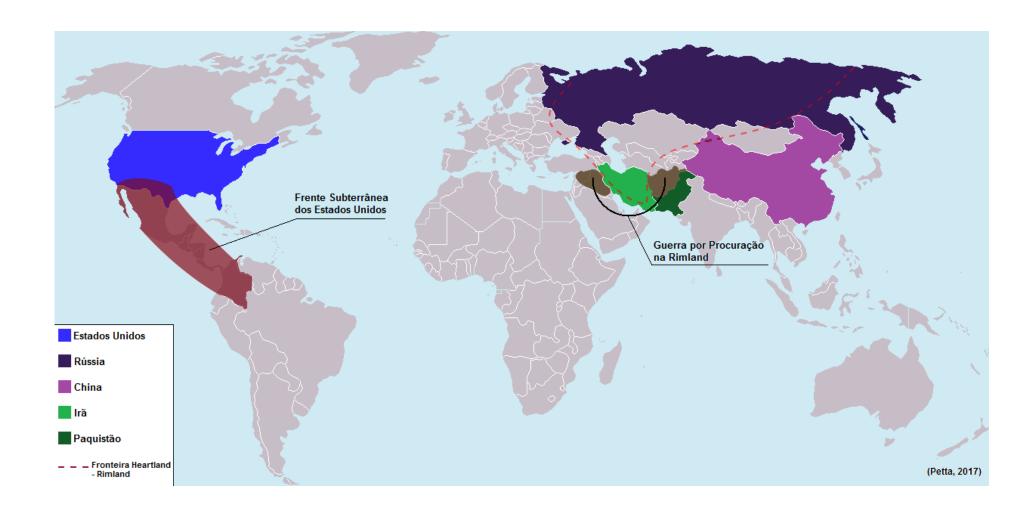
Conforme as guerras civis na América Central foram terminando, no início dos anos de 1990, a ligação mexicano-colombiana de drogas se tornou maior e mais forte, ao longo da porosa fronteira sudoeste dos Estados Unidos. O desmantelamento dos grandes cartéis de Medellín e Cali, também durante os anos 1990, resultou apenas no surgimento de centenas de grupos menores na Colômbia, que eram decentralizados e operavam por meio de redes vagas de relacionamento. Na América Central, o número gangues altamente estruturadas e modeladas como grupos guerrilheiros aumentou drasticamente. Muitos de seus líderes eram antigos membros das Forças Especiais, de todos os lados das guerras civis, que treinaram seus integrantes em combate com armas pesadas, combate corporal, fabricação de explosivos e liderança. Essa situação culminou no crescimento — tanto em tamanho, quanto em poder — de cartéis mexicanos (alguns formados por exmembros das Forças Armadas e Forças Especiais, como os *Los Zetas*), que criaram vastas e complexas redes de alianças criminais (MARCY, 2014).

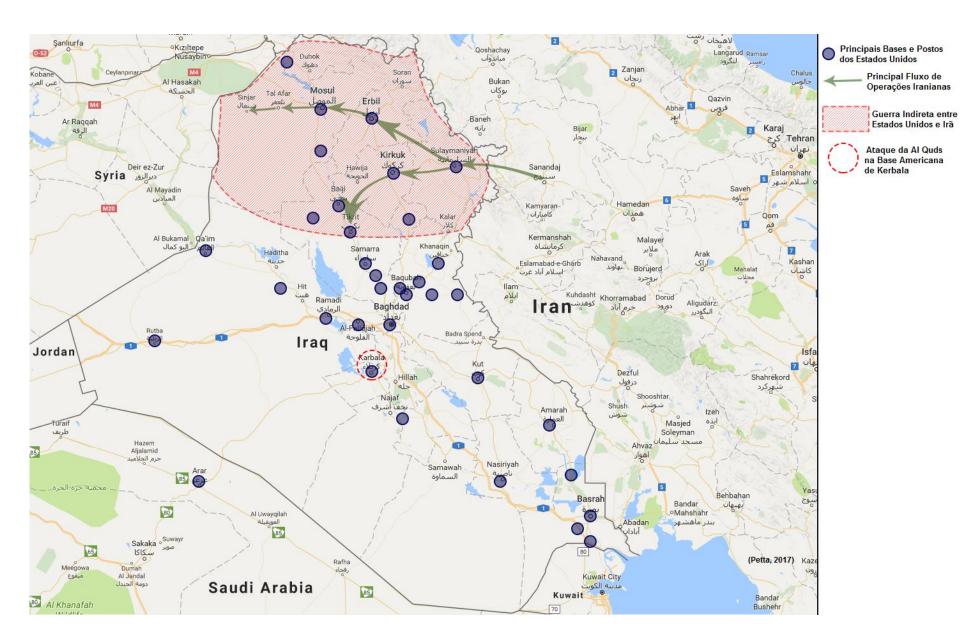
Essa explosiva situação foi piorada pela operação da ATF (Escritório para Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivo), durante as Operações Wide Receiver (2006) e Fast and Furious (2009), que permitiram que milhares de armas atravessassem a fronteira dos Estados Unidos com o México, para serem usadas por criminosos mexicanos, como suposta forma de rastreá-los. A primeira dessas operações, ainda em 2006, entre agências de repressão norte-americanas e mexicanas, teve um sucesso questionável: apesar de algumas prisões nos Estados Unidos e no México, antes que as armas fossem atravessadas pela fronteira, pelo menos 400 armas nunca foram recuperadas. Ainda assim, a segunda operação prosseguiu, em 2009, mas dessa vez com resultados ainda piores: sem o consentimento ou o conhecimento de qualquer autoridade mexicana, e sem qualquer esforço para recuperar as armas (milhares, dessa vez). As armas foram deliberadamente vendidas em solo norte-americano, sob supervisão da ATF, e então transportadas diretamente para o México, piorando ainda mais as guerras entre os cartéis (PAVLICH, 2012, p. 29, 41). De fato, seria inquestionável que tais procedimentos, por si só, já poderiam ser considerados falhas táticas e estratégicas, mas a situação pode ser ainda mais problemática. O Departamento de Justiça deliberadamente obstruiu todas as tentativas do Congresso norte-americano de investigar a questão, retendo documentoschave e impedindo testemunhas de serem entrevistadas (CONGRESS OF UNITED STATES, 2017). Isso se deve ao fato de que, de acordo com alguns jornalistas entrevistados, a operação não foi fracassada, mas sim um sucesso. Afinal, o objetivo não

seria exatamente rastrear as armas, mas sim fortalecer um dos cartéis o suficiente, para que este vencesse e acabasse com a guerra entre esses cartéis ao longo da fronteira.

Outra interessante e igualmente controversa estratégia executada pelos Estados Unidos foi o programa *Penny Lane*, que usou terroristas presos em Guantánamo para servirem de agentes duplos, que iriam rastrear e matar outros terroristas, em troca de liberdade, proteção para suas famílias e dinheiro em contas secretas. Os candidatos eram transferidos para instalações melhores, com banheiro e cozinha privados, televisão e material pornográfico. Então, uma vez inseridos de volta em campo, eles uniriam esforços à CIA, para conduzir ataques por drones contra terroristas de alto valor. O programa foi realizado, porém, sem qualquer supervisão ou garantia de que, uma vez soltos, os prisioneiros cumpririam com suas missões, e contando ainda com o risco de que poderiam, potencialmente, atacar alvos norte-americanos, enquanto eram patrocinados pelo governo dos Estados Unidos (ASSOCIATED PRESS, 2013).

De fato, podemos observar que a guerra por procuração com atores irregulares e não integrados se tornou a norma, e não mais a exceção. É possível verificar que essa estratégia metodológica tem causado problemas para os Estados Unidos, especialmente pelo fato de que a América Central e o México se tornaram "ninhos de vespas", em virtudes das políticas de 1980, e que agora ameaçam atingir os próprios Estados Unidos, dentro de suas fronteiras. Na Ásia Central e no Oriente Médio, o uso de tais atores, embora útil para minar os regimes locais, não foi capaz de estabelecer situações controladas e estáveis, como ocorreu nos cenários do Mediterrâneo e do Japão, durante a Guerra Fria. É interessante notar também que, com relação ao aspecto geopolítico de conflitos por procuração no Afeganistão e no Iraque (posteriormente expandidos para a Síria), este pode ser diretamente associado com o conceito de Rimland, de Nicholas J. Spykman, cercando a cabeça de ponta da Heartland em território iraniano.





#### 4.2. A China e a mão invisível

# 4.2.1. Sociedades secretas chinesas e o Wei Qi geopolítico<sup>25</sup> na China, 1920–1945

O papel das sociedades secretas, na Ásia, com as forças dos governos, é profundo e complexo desde períodos antiguíssimos. De fato, eles são parte da história e da cultura locais. Não apenas os reinos e impérios tiveram de lidar com alguma dessas forças obscuras, mas também, depois, os impérios coloniais europeus. Em geral, figuras-chave da sociedade operavam como pontes entre as autoridades coloniais e as sociedades secretas, para a manutenção do controle sobre as populações locais, especialmente a chinesa, e para evitar eventuais distúrbios. Essas figuras lucraram absurdamente com esse papel intermediário, uma vez que o "o governo não tinha quaisquer meios diretos de comunicação com a classe baixa chinesa, e esse era um trabalho que as sociedades secretas desempenhavam" (STUDWELL, 2007, p. 10). Ironicamente, essa relação das sociedades secretas com as comunidades locais também (durante aquela época) era vista como alguma forma de resistência contra os invasores estrangeiros, como as Tríades, que originalmente se opunham à Dinastia Manchu ou, com uma atitude no estilo "Robin Hood", apresentavam-se sob o lema de "saqueie os ricos e distribua aos pobres" (HANES III; SANELLO, 2002, p. 169). Contudo, com a humilhação sofrida pela China após as duas guerras do ópio (1839–1842 e 1856–1860), a autoridade central chinesa perdeu mais do que a sua integridade territorial: perdeu também muito de seu capital simbólico, algo vital para um governo sustentar sua coesão interna. Como resultado, nas décadas que se seguiram, essas sociedades executaram funções especiais para a população, expandindo sua influência, ao preencher os vácuos deixados pelas autoridades, e lucrando tanto com o mercado legal como com o ilegal.

A situação só não piorava ainda mais porque, como Kissinger (2011, p. 39) apontou, mesmo no limite da fraqueza do Império, os diplomatas chineses podiam habilmente conduzir negociações, ao jogar "os bárbaros uns contra os outros", ao mesmo tempo em que as potências estrangeiras, com exceção do Japão, não tinham interesse em derrubar a autoridade imperial Qing. É claro que isso não significa que diversos

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Wei Qi (围棋) é um jogo de tabuleiro chinês de estratégia para dois jogadores, no qual o objetivo é tomar e cercar mais territórios que o oponente.

movimentos internos não iriam eclodir contra o Império chinês, ameaçando sua própria geografia<sup>26</sup>. Na verdade, tais turbulências internas foram algumas das várias razões da queda da Dinastia Qing; contudo, na maioria dos casos, as autoridades centrais Qing eram capazes de manter de alguma forma a identidade e a coesão territorial — em alguns casos, com o apoio das comunidades locais e das sociedades secretas, que tentavam impor, de forma indireta, resistência aos agressores ocidentais, como a Sociedade dos Punhos Harmoniosos (*I Ho Chuan*) — também conhecidos como Boxers — que lutou contra os missionários cristãos que invadiram a região do interior de Shandong, a fim de converter os locais. Posteriormente, eles se associaram à Dinastia Qing para lutar contra os exércitos estrangeiros, durante a Rebelião Boxer (Movimento Yihequan) em 1899–1901.

É típico que, com a autoridade central enfraquecida, grupos marginais e senhores da guerra ganhem influência no país, preenchendo os vácuos deixados pelos governos em termos de capital simbólico, social e econômico. Na China, porém, a influência e a tradição de sociedades secretas e comunais (como as Tríades), que já existiam desde períodos muito antigos, desenvolveram um papel ainda mais importante na formação da China contemporânea (e de Taiwan) como Estado-Nação. Normalmente, esse papel é ignorado e visto apenas como sendo marginal ou de menor importância. Longe disso, em conjunto com a Sociedade dos Punhos Harmoniosos ou a Sociedade da Espada Grande<sup>27</sup> (que atuou aberta e publicamente em grandes eventos, como na Rebelião Boxer), as sociedades subterrâneas como as Tríades ou comunidades no exterior também tiveram papel fundamental. Sua existência foi vital para o futuro da China, como foi o caso da figura do Dr. Sun Yat-sen, que era membro das Tríades e é considerado como o "pai" da China moderna.

Esse cenário confuso apenas piorou com o início da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Civil chinesa. Essas situações eram estrategicamente muito complexas, em função da presença de tropas Aliadas (Estados Unidos e Reino Unido) na China, de comunistas liderados por Mao Zedong, de nacionalistas liderados por Chiang Kai-shek e ainda de tropas japonesas. Todos esses lados usaram conexões com os grupos subterrâneos para atingir seus objetivos.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Por exemplo, a rebelião Taiping, com dezenas de milhões de mortos.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Um grupo camponês do norte da China, durante a Dinastia Qin, que lutou contra bandidos, senhores da guerra, coletores de impostos, comunistas e japoneses, também se juntando à Rebelião Boxer.

Para Mao Zedong, essas forças subterrâneas eram ferramentas úteis, nas quais ele inicialmente viu uma espécie de "espírito" de resistência, similar aos preceitos do comunismo. Ideias como "saqueie os ricos e distribua aos pobres" significariam que essas sociedades poderiam ser absorvidas pelo Partido Comunista, dada a sua característica revolucionária — especialmente a Sociedade dos Irmãos Velhos²8 (Gelaohui) e a Sociedade da Espada Grande (LINTNER, 2002, p. 58). Seus nacionalismos rudimentares eram fatores importantes, que podiam ser explorados por Mao contra a invasão japonesa: "No passado, vocês apoiaram a restauração Han e o extermínio dos Manchus; hoje, nós apoiamos a resistência contra o Japão e a salvação do país". Na verdade, o Quarto Exército²9, que estava ativo na região do sul do rio Yangtzé, tinha mais membros da Gelaohui e da Sociedade da Espada Grande do que pessoas oriundas do campesinato, muitos inclusive chegando a posições de liderança dentro do Partido Comunista. De acordo com o próprio Mao, a força de tais sociedades secretas e comunais, com pelo menos vinte milhões de membros, não podia ser ignorada (SCHRAM, 2008, p. 25).

Para Chiang Kai-shek, por sua vez, as relações eram ainda mais profundas. Desde sua juventude, Chiang tinha conexões com a Gangue Verde (*Qingbang*) e suas atividades criminais, baseada em Shanghai, especialmente na área de concessão francesa; as autoridades francesas toleravam tranquilamente a presença de tal grupo. A Gangue Verde era mais do que uma aliada: era um parceiro fundamental na luta contra japoneses e comunistas, operando como um exército irregular além das linhas inimigas. Como visto durante a invasão japonesa em Shanghai, em 1931, enquanto o 19º Grupo do Exército chinês lutava para repelir os fuzileiros japoneses, a Gangue Verde os flanqueava por trás, sob ordens diretas de Chiang e seus aliados. Posteriormente, com o avanço japonês na China, Chiang foi forçado a fugir para Chongqing, na Província de Sichuan, juntamente com seus parceiros da Gangue Verde, em especial o seu líder, Du Yuesheng conhecido como "Du Orelhudo", que providenciou logística e contatos para Chiang ganhar dinheiro com as rotas de ópio e sustentar sua guerra contra o Japão (TAYLOR, 2009, p. 31, 98; LINTNER, 2002, p. 37, 61).

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> Dependendo do autor, podem ser chamados também de Ko Lao Hui.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> O Quarto e o Oitavo Exército eram unidades do Exército Revolucionário Nacional da China, controladas pelo Partido Comunista. Enquanto o Quarto Exército estava em atividade no sul do rio Yangtzé, o Oitavo Exército estava baseado em Yan'an, no noroeste.

Outra figura obscura e estratégica para Chiang Kai-shek era Dai Li, conhecido como Himmler da China, e seus agentes, que supriam as forças de Chiang com uma extensa rede de espiões, membros de organizações criminosas. De acordo com um relatório do exército dos Estados Unidos, estima-se que Dai Li tivesse, diretamente sob seu comando, pelo menos 180 mil agentes, 70 mil guerrilheiros e 20 mil comandos especiais, além de 40 mil piratas na costa chinesa, que formavam uma rede de conexões onde quer que houvesse alguma comunidade chinesa. Os lucros de jogos e drogas eram usados para financiar as atividades de inteligência e assassinato contra alvos considerados prioritários, por meio de uma vasta rede de grupos criminosos (WAKEMAN Jr., 2003, p. 5, 240). Na verdade, a eficiência dos assassinos de Dai Li e de sua guerra psicológica era tão assustadoramente grande, que as autoridades japonesas acreditavam que toda atividade antijaponesa no norte da China e em Manchukuo<sup>30</sup> estava sob ordens de Dai Li. Apesar dessa aparente paranoia, o sentimento não era tão infundado, especialmente porque, após a evacuação das forças de Chiang em Shanghai, Dai Li ainda era capaz de executar atividades terroristas na cidade, que estava bem atrás das linhas inimigas (WAKEMAN JR., 1996, p. 18).

A importância dessas sociedades na China não era ignorada nem mesmo pelo exército de ocupação japonês. Na verdade, lidar com sociedades secretas ou comunais (usando seu capital simbólico e social para ganhar legitimidade sobre parcelas da população, conduzindo ataques por procuração ou espionagem) era prática comum também na história japonesa. As forças de ocupação japonesa também buscaram cooperação com esses grupos, para que reportassem qualquer movimento antijaponês que pudesse estar acontecendo nos sistemas obscuros da sociedade chinesa. Em Hong Kong, antes da invasão do 23º Exército japonês, a inteligência japonesa fez acordos com algumas facções de Tríades para sabotar as linhas de defesa britânicas. Em troca, receberiam total conivência para saquear as casas dos europeus na cidade, após a ocupação. Nas semanas que se seguiram após a rendição do governo colonial britânico, as forças japonesas e algumas facções de Tríades operaram nas ruas como guardas, para assegurar o controle efetivo sobre Hong Kong e sua população chinesa. Assim, a administração japonesa jogou psicologicamente com as populações britânicas e chinesas

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup>Designação japonesa para a Manchúria.

na cidade; ao permitir que alguns grupos de Tríades espalhassem o terror, ela garantia a submissão e cooperação dos locais ao exército japonês, fazendo com que o vissem como uma espécie de "proteção" contra as agressões das Tríades. Além disso, as forças japonesas também usavam essas Tríades contra outros grupos subterrâneos antijaponeses (incluindo outras Tríades). É claro que esses grupos eram mantidos sob vigilância e supervisão dos oficiais japoneses, que sempre ficavam alertas, a fim de garantir que esses grupos não acabassem ficando fortes demais (WONG, 2010: 103, 211)<sup>31</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> Enquanto algumas Tríades viam as forças japonesa como uma oportunidade, outros grupos se juntaram à resistência local contra os japoneses, nas áreas de Hong Kong e Guangdong, e outros, por sua vez, preferiram ficar discretos, sem se envolver com qualquer lado.



#### 4.2.2. A Guerra Civil e os dispensáveis

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, a presença japonesa foi erradicada do território chinês. Contudo, o país se encontrava devastado e dividido por duas forças políticas. A aliança desconfortável entre os comunistas de Mao Zedong no interior e as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek nas cidades havia acabado, e a possibilidade de um governo de coalizão era impensável (KISSINGER, 2011, p. 49). De fato, os dois lados tinham diferentes interações e níveis de tolerância para com as várias sociedades secretas, comunais e criminais após o fim da guerra. Em ambos os casos, no entanto, esses grupos eram vistos como potenciais ameaças, que eram usadas até a exaustão como forças auxiliares e dispensáveis na Guerra Civil. De uma perspectiva sociológica, é possível entender esse contexto, afinal, os dois lados estavam tentando concentrar o poder nas mãos de pequenos grupos políticos, fazendo com que organizações marginais e paralelas não tivessem muito espaço para coexistir com tal nível de centralização política. De modo geral, organizações subterrâneas (tanto nas partes controladas pelos comunistas, como nas partes nacionalistas) tinham apenas três opções: extinção, absorção ou fuga.

Nessa problemática e confusa situação chinesa, a diplomacia era igualmente complicada. Enquanto as forças de Chiang eram apoiadas pelos Estados Unidos, Mao não podia contar tanto assim com o seu principal parceiro socialista, a União Soviética. No contexto da esfera socialista, havia grande desconfiança entre Mao e Stalin, que temia que uma China unificada pudesse rivalizar com a União Soviética. (LYNCH, 2010, p. 76). Como Kissinger perceberia, anos depois, a hipótese de uma conspiração comunista global, unificada e centralizada foi mal-entendida pelos estrategistas e planejadores da época. Em função dessa desconfiança soviética, Mao não pôde retirar suas forças da fronteira norte para focar seus esforços em Chiang Kai-shek e suas forças nacionalistas. Ademais, sua associação com as sociedades secretas e comunais como parceiros revolucionários não era mais tão conveniente, e agora estas também podiam representar uma ameaça ao movimento comunista chinês.

Para lidar com essas ameaças assimétricas, Mao lançou a Campanha Antisseitas, em 1949 (muito menos famosa do que a Revolução Cultural de 1966). Ele acusava as "sociedades secretas e seitas supersticiosas de serem não só feudais, mas também frequentemente controladas por ações reacionárias e atividades antirrevolucionárias"

(HUNG, 2010). Na verdade, essa violenta campanha buscou consolidar sua legitimidade contra essas forças paralelas, mobilizando as massas para adquirir mais capital com as populações locais. Longe de ser mais uma atitude exagerada do "louco e malvado" Mao, essa ação foi absolutamente racional. Como observado anteriormente, os atores irregulares podem ser aliados muito úteis, mas podem impor igual capacidade de ameaça para os Estados-Nação, na competição por controle geográfico.

No norte da China, as sociedades subterrâneas ganharam mais influência ao fim da Segunda Guerra. Em Suiyuan, por exemplo, era estimado que 300 mil pessoas, ou 11% da população local, fossem membros de tais grupos e, em Pequim, algo em torno de 15%, embora tais números pudessem ser ainda mais altos, devido às incertezas provocadas pelo período de transição de liderança política, o que levou mais pessoas a se juntarem a essas organizações. Uma vez que sociedades secretas podem ser "inimigos invisíveis" e agentes imprevisíveis, elas poderiam ser uma ameaça interna ao Partido Comunista Chinês. Ademais, muitos membros de alto escalão do partido estavam diretamente conectados com essas sociedades secretas. No geral, a associação de ideais não durou muito após a guerra, e muitas dessas sociedades começaram a se opor aos planos comunistas de reforma agrária, cooperando então com as forças do KMT de Chiang e com forças estrangeiras (IDEM). Outras campanhas anticrime finalmente acabaram com os chefes do Crime Organizado, gângsteres, traficantes e viciados em ópio na China continental, por meio de julgamentos e execuções rápidas. A Gangue Verde, por exemplo, foi devastada, e sua liderança fugiu para Hong Kong e Taiwan. Os Gelaohui foram igualmente esmagados, embora alguns membros leais a Mao tenham se unido ao CPC (LINTNER, 2002, p. 69). As Tríades operando em Guangdong foram expulsas da região continental da China, estabelecendo-se também em Hong Kong e outras áreas dos mares do sul da China. Isso não significa que Mao tenha sido capaz, apesar de gritar vitória, de eliminar completamente todo o movimento secreto e o Crime Organizado na China; porém, eles assumiram uma dimensão diferente, muito menos influente.

Considerando os pensamentos alinskyianos de que "poder não é apenas aquilo que você tem, mas aquilo que o seu inimigo acha que você tem", Mao Zedong teve a sorte de fazer os Estados Unidos erroneamente acreditarem numa conspiração comunista global e centralizada, o que levou o governo norte-americano a pensar que a relação entre União Soviética e China fosse muito mais próxima do que realmente era. Apenas alguns

meses antes do início da Guerra da Coreia, em 1950, os últimos remanescentes das tropas KMT dentro da China continental recuavam pela província de Yunnan, para buscar refúgio no norte da Tailândia, em Mianmar e na Indochina Francesa. Enquanto tropas francesas os desarmaram assim que eles chegaram, o governo tailandês tolerou sua presença, desde que, em troca, lutassem contra as guerrilhas comunistas na região do Triângulo Dourado. Em Mianmar, o general do KMT, Li Mi, contra a vontade de Rangoon (agora Yangon), estabeleceu um regime independente no Estado Shan<sup>32</sup>, que serviu de base para conduzir ataques de guerrilha contra a PRC em Yunnan e, ainda, como posto avançado numa possível invasão à China a partir do sul, onde as forças chinesas seriam mais fracas. Porém, devido à escassez de soldados e recursos, o General Li Mi se associou aos senhores da guerra locais e traficantes de ópio, que providenciaram conexões úteis na troca de ópio por armas (GIBSON; CHEN, 2011, p. 1, 69). As forças irregulares do General Li Mi serviram contra a China como uma tropa por procuração de Chiang, que não podia se engajar abertamente contra as forças armadas chinesas; pelo menos então ele poderia se aproveitar de qualquer oportunidade de voltar para a China através de um sul desestabilizado. Além disso, com o início da Guerra da Coreia, Washington via com bons olhos a possibilidade de uma segunda frente de combate na China, que poderia obrigar o governo chinês a retirar parte de seu contingente da Península Coreana.

Porém, a invasão de Yunnan pelo General Li Mi, em 1951, foi um fracasso total. Com muitos dos senhores da guerra desertando após receberem as armas, e a perda do elemento surpresa (uma vez que a inteligência chinesa já sabia do plano de combate em detalhes), as forças de Li Mi, após algumas pequenas vitórias dentro do território chinês, foram finalmente devastadas pelas tropas da PLA<sup>33</sup>. Os comandantes chineses já haviam eliminado qualquer grupo pró-nacionalista nos distritos que faziam fronteira com Mianmar e instalado neles milícias para impedir qualquer tentativa do KMT. Com menos suporte local do que o esperado, Li Mi enfrentou um maciço contra-ataque da PLA, apoiada por comunidades étnicas locais, obrigando-o a bater em retirada, de volta ao norte de Mianmar. Ademais, começou a surgir, em Washington, Rangoon e Taipei, a sensação de que tal operação poderia criar um precedente perigoso, expondo Mianmar a uma

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> Região Norte da atual Mianmar.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> O Exército de Libertação Popular são, na verdade, as forças armadas da República Popular da China.

invasão chinesa de retaliação, que "com apenas 50 mil soldados e um período de duas a três semanas, poderia controlar todo o norte de Mianmar" ou até mesmo todo o país.

Esse fiasco em Yunnan não apenas fracassou no plano de atrair a PLA da Coreia, mas também mostrou que as forças irregulares do KMT não poderiam desafiar Mao dentro do território continental chinês. As consequências dessa operação incluíram a retirada do apoio norte-americano às forças irregulares de Li Mi, uma vez que não eram mais vistas como viáveis. Ainda, havia a pressão diplomática de Mianmar, que levou os Estados Unidos a reconsiderarem sua estratégia na região pelo restante dos anos 1950 (IDEM, 72; KAUFMAN, 2001).

Em paralelo à sua guerra por procuração contra a China comunista, Chiang também desempenhou um papel importante em outro jogo geopolítico no mar do sul da China, ao tentar criar a "Federação Kuomintang". Para esse objetivo, Tríades locais seriam os principais aliados estratégicos na região. Naquela época, o número de Tríades em Hong Kong e em outras áreas do Sudeste Asiático era extremamente alto, e o capital social construído com a comunidade local era forte o suficiente para criar problemas para o governo local. Além disso, as Tríades já haviam provado historicamente que eram capazes de iniciar rebeliões fortíssimas e, com o apoio de um governo nacional, poderiam ser ainda mais poderosas. Para atingir tal ambição geopolítica, Chiang não teria problemas em desafiar até mesmo seus parceiros internacionais, ao "libertar" Hong Kong dos britânicos, o que serviria de forte propaganda contra Mao, na China continental (BOOTH, 1999, p. 184).

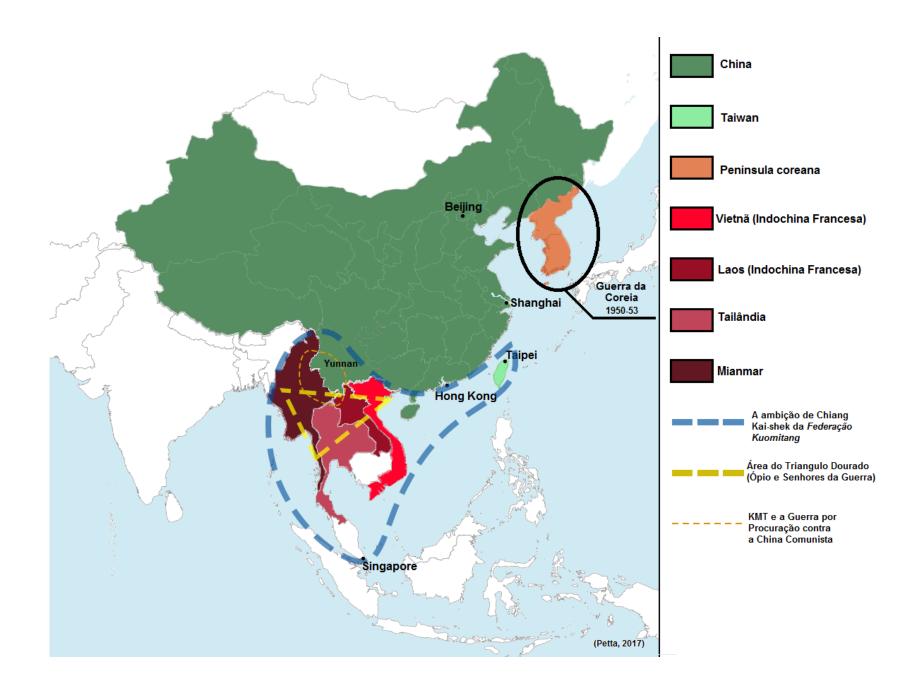
Para isso, Chiang se aliou diretamente com a Tríade 14K, usando-os primeiramente como espiões, para monitorar as atividades militares dos britânicos em Hong Kong e na Malásia, e a seguir como grupos irregulares, para desestabilizar o governo de Hong Kong durante as rebeliões de 1956. Os 14K bloquearam ruas, queimaram carros e atacaram europeus, criando uma enorme confusão na colônia, o que obrigou a Polícia Real de Hong Kong a impor toques de recolher com ameaças de tiro letal, em caso de desobediência. Contudo, após Tríades terem sido capazes de enfrentar a polícia, as forças armadas foram chamadas para resolver a situação de vez.

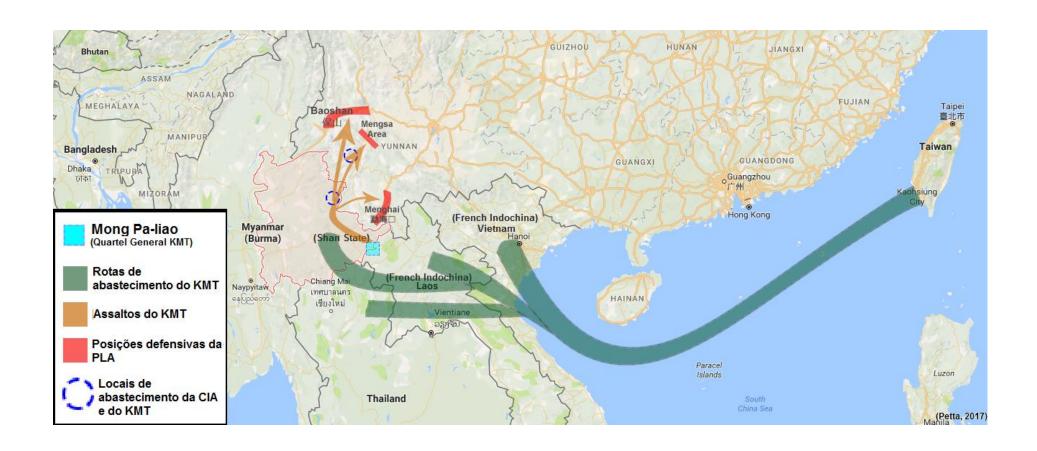
A tentativa de iniciar protestos por um movimento de independência em Hong Kong foi um fracasso para Chiang e para os 14K, que apenas conseguiram enfurecer o governo colonial britânico, o qual respondeu com uma série de fortes leis anti-Tríades. Outras Tríades viram o episódio como um excesso por parte dos 14K, e várias delas até mesmo passaram a colaborar com a polícia. Muitas das Tríades envolvidas fugiram ou foram deportadas para Taiwan, onde se juntaram à Sociedade do Bambu Unido e ao Serviço Secreto de Chiang (IDEM, p. 86).

Mesmo sob pressão política (especialmente da Inglaterra e de Mianmar), Chiang viu a região do Triângulo Dourado como uma fraqueza geopolítica a ser usada contra a China, especialmente após uma seca histórica que se seguiu ao "Grande Salto Adiante" e que trouxe a fome em escalas enormes à população da China continental. Novamente em 1957, o KMT lançou a *Operação Monção (Yu-chi-chihua)*, com um novo comandante, Liu Yuanlin, liderando um pequeno grupo de 400 soldados, os quais imaginavam poder desencadear levantes populares anti-Mao, após as reformas radicais deste. Dessa vez, as forças KMT nem chegaram a se engajar no combate contra a PLA, porque os soldados do KMT foram derrotados e expulsos pelas milícias dos vilarejos locais (GIBSON; CHEN, 2011, p. 181). Todavia, em vez de fazê-las desistir, essas duas derrotas apenas aumentaram a determinação das forças de Chiang em fortalecer quaisquer grupos voluntários anticomunistas (e traficantes de ópio) na região do Triângulo Dourado.

Por volta de 1960, os aliados de Chiang prepararam um novo assalto contra a Província de Yunnan, a partir de posições no norte de Mianmar, que dessa vez contariam com o apoio de 3 mil tropas da Forças Especiais, enviadas diretamente de Taiwan. Essa grande movimentação militar alarmou Rangoon, que já negociava encontros secretos com a China para um ataque coordenado contra as forças KMT na região. O governo chinês concordou com o governo de Mianmar de manter sua participação em território mianmarense em segredo, a fim de evitar repercussões internacionais (IDEM, p. 191). O ataque coordenado contra a base KMT em Mong Pa Liao (que era mantida por 10 mil soldados KMT e ainda possuía uma pista de pouso capaz de receber aviões de grande porte) envolveu 20 mil soldados da PLA e 5 mil tropas mianmarenses. Com isso, os últimos remanescentes do KMT foram expulsos de Mianmar e realocados para o Laos (MCCOY, 1972, p. 88).

Esse desolador cenário militar fez com que Taipei cortasse — ainda que não totalmente — suas relações formais com as forças irregulares da região, que, para sobreviver, aumentaram a produção de ópio, com a conivência dos países anticomunistas. É possível afirmar que, em vez de cortar totalmente relações com os senhores da guerra locais, Taiwan, Laos e os Estados Unidos simplesmente reorientaram sua estratégia local. Mesmo que incursões dentro do território chinês não se mostrassem factíveis, os senhores da guerra locais e os traficantes de ópio ainda poderiam desempenhar tarefas como "tampões" contra guerrilhas comunistas na região, especialmente durante a participação norte-americana na Guerra do Vietnã, quando a China aumentou seu envolvimento indireto no conflito, ao equipar as forças norte-vietnamitas. Porém, o efeito colateral para Chiang e o KMT foi o fortalecimento das Tríades dentro do próprio sistema político de Taiwan, que se tornaram uma força política formal e fundamental dentro da estrutura de poder da ilha.





## 4.2.3. Deng, Zemin e as Tríades patrióticas

É interessante notar os diferentes resultados no uso do Crime Organizado e das sociedades secretas para atingir objetivos políticos e estratégicos pela China e por Taiwan. O Partido Comunista na China dispensou o uso de tais forças, após usá-las abertamente contra os invasores japoneses, enquanto o KMT, em Taiwan, manteve a relação, usando-as como forças auxiliares durante a Guerra Civil, na guerra por procuração na Província de Yunnan e no Triângulo Dourado e, ainda, como porta para a nunca concretizada "Federação Kuomintang". Além das diferenças nos sistemas sociopolíticos e na organização estrutural, os níveis de poder e a capacidade geopolítica entre Taiwan e a China continental foram bastante diferentes, o que já era visível em 1950.

Enquanto o governo de Mao conseguiu concentrar o poder interno em um núcleo fixo e pequeno, nas relações internacionais, a China tecnicamente estava sob cerco. Não faltam exemplos: a ruptura sino-soviética, em 1960, agravada ainda mais com o conflito da Ilha Zhenbao (Damansky), em 1969; a guerra contra a Índia, em 1962; os confrontos por procuração em Yunnan e Guangxi, durantes os anos 1950; a presença militar cada vez maior dos Estados Unidos no Vietnã, a partir de 1960; e, posteriormente, o conflito sino-vietnamita (ou Terceira Guerra da Indochina), em 1979. Em toda a sua área geográfica, a China tinha de lidar com rivais capazes de desafiar e bloquear a sua influência geopolítica. A aproximação de Mao com os Estados Unidos envolveu toda uma reorientação de sua estratégia nacional e exterior, conforme ele percebeu que a China deveria prosseguir com novos métodos; em seguida, durante o governo de Deng Xiaoping, essa aproximação seria ainda mais aprofundada (KISSINGER, 2011, p. 83, 91). Durante os confrontos da China de Mao com a União Soviética, a Índia, os Estados Unidos e o Vietnã, não há evidências do uso de atores não integrados como auxiliares ou guerreiros por procuração<sup>34</sup> — mas isso não significa que Mao não tenha utilizado outros meios indiretos. Por exemplo, ele equipou as guerrilhas comunistas durante as revoltas de Hong Kong, em 1967, que, de acordo com Booth (1999, p. 190), foram desarticuladas pelo governo britânico em cooperação com as Tríades.

-

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Após a Guerra Civil.

Ainda que Deng Xiaoping e depois Jiang Zemin tenham seguido por caminhos bem diferentes de Mao, ambos utilizaram a cooperação com atores não integrados como estratégia indireta. Eles herdaram de Mao uma concisa estrutura de poder geopolítica dentro da China, que não requereria, ou sequer teria espaço para tal tipo de estratégia dentro de seu território. Externamente, contudo, a situação era bem diferente, e a nova administração do Partido Comunista reativou suas relações com os grupos subterrâneos em dois cenários geopolíticos principais. O primeiro era o cenário oeste e a disputa de poder com os soviéticos sobre a região da Ásia Central e do Sul, que se agravou após a ruptura sino-soviética e com a aproximação da União Soviética com a Índia. A presença soviética no Afeganistão, por sua vez, amaçava o Paquistão — aliado indispensável chinês e Estado tampão para a Índia — e a influência chinesa na região, podendo até mesmo transformar a área em contenção geopolítica. O segundo era o cenário ao sul, envolvendo Hong Kong e Macau, com uma relutância inglesa em transferir Hong Kong de volta para a China.

No cenário oeste, as operações militares soviéticas e a invasão do Afeganistão em 1979 diziam respeito à atividade soviética perto do Badakhshão, na borda das fronteiras com a China e com o Paquistão. De uma perspectiva chinesa, essa poderia ser uma estratégia de contenção, considerando o fato de que a União Soviética já tinha uma fronteira enorme com a China na região norte, onde um milhão de soldados estavam estacionados. A guerra afegã poderia ser vista como uma tentativa de isolar a China e invadir a província paquistanesa do Baluchistão, como forma de finalmente ter acesso ao Oceano Índico. Uma teoria é a de que, com os movimentos soviéticos no sul da Ásia, incluindo nisso o apoio soviético aos vietnamitas, durante sua intervenção militar no Camboja, a Marinha soviética conseguiria controla o Estreito de Hormuz, no Golfo Pérsico, e o Estreito de Malacca (Hilali, 2001).

Como embates diretos poderiam trazer o risco de uma guerra nuclear e a "vitória" no Vietnã era questionável, Pequim, em cooperação com Washington, buscou a guerra por procuração, apoiando forças irregulares.

Ao estabelecer uma eficiente rede de contatos entre as agências de espionagem de ambos os países, a cooperação sino-americana entregou aos mujahidin pelo menos 100 milhões de dólares em armas, por duas rotas principais: por terra, pela estrada

paquistanesa de Karakoram, usando mulas; e por navio, pelo porto de Karachi. Além disso, a PLA ainda providenciou consultores militares em instalações paquistanesas e áreas de treinamento na Região Autônoma Uigur do Xinjiang. Os rebeldes afegãos ainda foram treinados para manusear armamento chinês e explosivos, além de receberem táticas de combate, técnicas de propaganda e espionagem (SHICHOR, 2004). Tanto os Estados Unidos como a China tentaram minimizar sua presença, ao entregar suas armas no Paquistão — o ISI (serviço secreto paquistanês) assumia a responsabilidade de entregálas aos mujahidin. Como essas armas eram, em maioria, de design soviético (uma vez que eram produzidas na China), os Estados Unidos podiam recorrer à negação plausível sobre seu envolvimento (exceto posteriormente, quando foram entregues mísseis Stinger). De modo geral, havia pouco contato entre Pequim e os mujahidin, mas, quando esses contatos ocorriam, davam-se por meio do grupo maoísta *Shola-e Javiyd*<sup>35</sup> (Chama Eterna) (SMALL, 2015, p. 117).

Com a retirada das forças soviéticas do Afeganistão, em 1989, e a subsequente dissolução da União Soviética, Deng obteve uma grande vitória externa, sem precisar de um confronto direto. Porém, outro importante teste de habilidade para a administração chinesa ainda ocorreria em Hong Kong e Macau, durante a década turbulenta e liberal dos anos 1990, apenas pouco tempo após o colapso soviético e o descrédito do modelo socialista. Uma eventual crise em Hong Kong, entre a Inglaterra e a China, já havia sido antecipada em 1982, quando a liderança chinesa acreditava que os ingleses resistiriam em devolver a cidade, especialmente após a vitória britânica sobre a Argentina, nas Ilhas Malvinas (Falklands, para os ingleses), que insuflou a determinação de Margaret Thatcher em lidar com Deng Xiaoping sobre a questão de Hong Kong.

Ela alegava que "apenas a continuação da administração britânica poderia garantir estabilidade e prosperidade a Hong Kong" (Share, 2004), enquanto Deng dizia que "os chineses podem caminhar e tomar Hong Kong de volta ainda hoje, se assim o quiserem" (GITTINGS, 1993). Em todos os casos, mesmo que os ingleses garantissem que cumpririam com o tratado e devolveriam Hong Kong, o Partido Comunista Chinês e as autoridades britânicas estavam cautelosos. Contudo, o maior potencial de desencadear

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> Shola-e Javiyd foi um partido político maoísta. Fundado em 1964, no Reino do Afeganistão, era popular entre estudantes universitários, profissionais liberais e muçulmanos xiitas.

uma guerra por Hong Kong não surgiu a partir da China, mas da elite do empresariado da própria cidade.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, alguns oficiais de segurança e Tríades que ainda atuavam na época foram entrevistados. De acordo com um deles, David Hodson<sup>36</sup> (e confirmado por um membro sênior das Tríades<sup>37</sup>), o papel das Tríades durante a transferência foi muito maior do que o conhecimento público. Diferentemente de hoje, no início dos anos 1990, Hong Kong enfrentava uma situação caótica, com altos índices de crimes violentos (assaltos a joalherias e bancos, sequestros, assassinatos, etc.). Alguns membros da elite financeira da cidade secretamente foram a Pequim, a fim de solicitar ajuda do governo chinês, para que fizesse algo<sup>38</sup> a respeito desses altos níveis de violência, argumentando que a "colônia estava abandonada pelo governo britânico e que a administração colonial não era capaz de controlar a situação por si só". Eles sugeriram ainda que, em caso de uma ocupação militar, eles apoiariam o governo chinês, o que, por consequência, também seria feito por outras partes da população civil. Apesar dessa "tentação", o governo chinês recusou tal ocupação, mas prometeu fazer de tudo para resolver essa questão por outros meios. A sua estratégia foi lidar com os altos membros das Tríades de Hong Kong e Macau, garantindo que estes usassem sua influência para pacificar a região contra os criminosos violentos. Esse acordo não apenas fortaleceu as relações entre o governo chinês e certas facções das Tríades, mas também acalmou as altas camadas sociais de Hong Kong, especialmente os banqueiros. A despeito do sucesso das autoridades de Hong Kong em tornar a cidade um dos locais mais seguros do mundo, essa mudança comportamental das Tríades se deu também por causa desse "Acordo Pequim-Tríades", que influenciou os sistemas marginais e criminais de Hong Kong e Macau.

Longe de ser atípico, esse episódio tem fortes precedentes na política de Deng Xiaoping. De acordo com Booth (1999, p. 368), nos anos 1980, outro acordo secreto deu às Tríades acesso livre para manter suas atividades criminais, em troca de sua cooperação

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Antigo membro do Departamento de Polícia de Hong Kong e Conselheiro Honorário da Escola de Polícia e da Universidade de Hong Kong, que trabalhou no departamento antidrogas e anti-Tríades por 38 anos.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> De acordo com ele, "aposentado após muitos anos de orgulhosamente servir a população de Hong Kong". <sup>38</sup> Quem do Partido Comunista Chinês esteve nesse encontro não é certo, mas era alguma figura de alto escalão, provavelmente Tao Siju (Ministro de Segurança), o General Qin Jiwei (Ministro da Defesa Nacional) ou talvez o próprio Jiang Zemin.

durante o período de transição, realizando operações clandestinas na região de Hong Kong, para que se evitasse qualquer conexão direta com o governo da China. Isso incluía espionagem e sequestros, como o caso de Peng Jiandong, em 1993, que foi raptado em Macau e entregue em Shenzhen, para enfrentar acusações de fraude. De fato, Deng chegou mesmo a afirmar que algumas Tríades eram boas e patrióticas, após alguns deles terem sido contratados para serem seguranças pessoais durante a sua visita aos Estados Unidos, em 1979 (LO, 2010). Mais do que isso, Tao Siju, Ministro de Segurança Pública da China, disse, em 1992, que "os membros das tríades nem sempre são criminosos... enquanto eles forem patriotas, preocupados em manter a prosperidade de Hong Kong, nós devemos respeitá-los" (VIVIANO, 1997).

Percepções ingênuas, preconceituosas ou conspiratórias podem achar que tais fatos significam que todo o sistema chinês é um nexo corrupto político ou um "império do mal" (semelhante às percepções de que os Estados Unidos estariam por trás de todo narcotráfico<sup>39</sup>), que patrocina o Crime Organizado. Porém, como anteriormente explicado, a relação com atores não integrados não pode envolver um sistema político inteiro, especialmente em casos de países "grandes". Enquanto tais eventos ocorriam, membros do Partido Comunista simultaneamente atuavam com força contra a penetração de Tríades na China continental. Fang Bao, por exemplo, condenou que a diminuição da aplicação da lei estaria resultando na infiltração de Tríades de Hong Kong na província de Guangdong. Qiao Shi, um membro do politburo, agiu fortemente contra as Tríades, dizendo que a existência era incompatível com o sistema socialista (LO, 1992). Ademais, como já exposto, o uso de Tríades não ficou limitado à China continental (Taiwan, aliás, usava-as ainda mais abertamente, em maior profundidade e maior quantidade). Mesmo a MI6, DGSE e a CIA usaram os serviços das Tríades para contrabandear dissidentes chineses, em 1989, ao custo de 50 mil a 500 mil dólares de Hong Kong<sup>40</sup>, sendo que de 15 a 21 dos mais procurados dissidentes foram extraídos com sucesso da China (LO, 2009, p. 87; ANDERLINI, 2014). Ainda, algumas Tríades ajudaram as autoridades de Hong Kong a neutralizar células esquerdistas apoiadas por Pequim. É justo afirmar que, em algum ponto, todo ator estatal da região lidou com as Tríades em algum nível.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Para mais detalhes, ver Capítulo 4.1: Estados Unidos e o "Godfather Power".

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Algo em torno de 65 mil dólares.

Por exemplo, a derrota de Taiwan na frente de batalha secreta contra o Partido Comunista no Triângulo Dourado não significou um passo atrás em sua relação com tais forças irregulares contra a China continental. Longe disso, apenas alterou a área operacional e a forma de sua aplicação, especialmente após a reaproximação entre a China e os Estados Unidos de Nixon. A descoberta da NSB (agência de espionagem taiwanesa, Escritório Nacional de Segurança) de que Kissinger se encontrava em segredo com Mao e Zhou Enlai causou um enorme impacto psicológico ao KMT, afinal, isso sugeria que os Estados Unidos estavam abandonando a defesa de Taiwan e abrindo as portas para uma possível invasão chinesa no futuro. Com poucas opções para lidar com Estados Unidos e China simultaneamente, o KMT planejou assassinar Zhou durante sua viagem à França, usando um "cachorro-bomba" treinado para correr na direção de Zhou, que explodiria por controle remoto. Para evitar qualquer conexão direta entre o KMT e o assassinato, os agentes da NSB pagaram um grupo fascista italiano para executar a tarefa, que foi abortada após Zhou cancelar sua visita à Europa, em função de disputas internas pelo poder que se desenrolavam na China<sup>41</sup> (KAPLAN, 1992, p. 146).

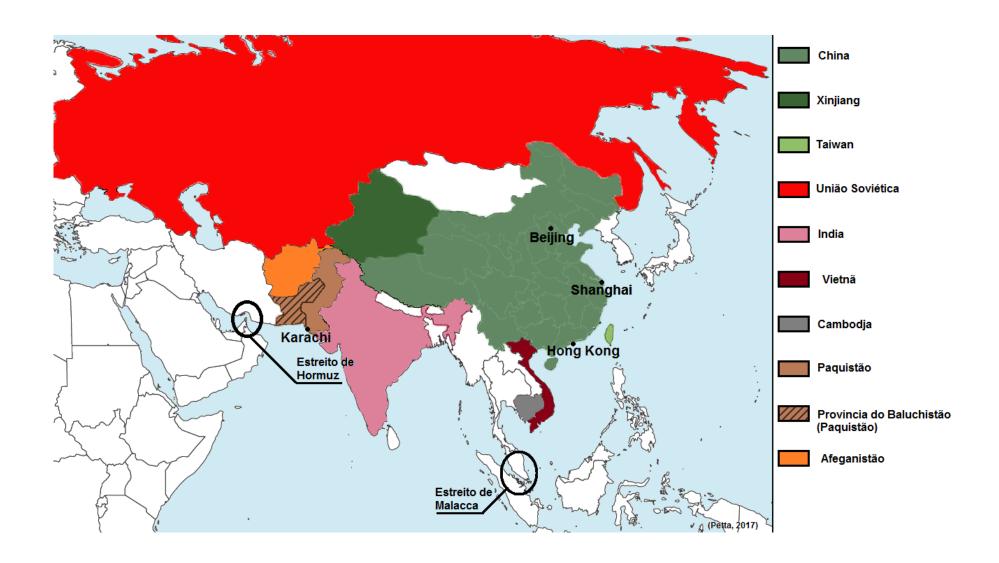
O uso de organizações criminosas e outras sociedades comunais era uma ferramenta frequente para o KMT, assim como para o Partido Comunista Chinês. Enquanto algumas Tríades foram abordadas pelo governo continental chinês, Taiwan usou das associações Tongs para espionar as comunidades chinesas nos Estados Unidos, no Canadá e em outros países<sup>42</sup>. Tais organizações hospedavam os espiões do KMT e providenciavam informações a respeito de chineses comunistas ou anti-KMT. Eventualmente, elas até realizavam trabalhos sujos, como intimidação e assassinatos políticos, de forma que as mãos dos agentes do KMT nunca estavam sujas e o risco de sua exposição era mínimo. Tais assassinatos patrocinados pelo governo serviam como meios para estender as operações além dos limites do governo taiwanês, fossem esses limites legais ou políticos, como no caso de Lin Yi-Hsiung, um político cuja mãe e as filhas foram brutalmente massacras pela Sociedade dos Patriotas do Sangue de Ferro, justamente enquanto ele estava sendo retido pela polícia taiwanesa, em 1980 (IDEM, p. 304). Eles ocorriam também sem limites geográficos, como no caso do assassinato do

\_

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> A tentativa fracassada de golpe de Estado, orquestrada pelo Ministro Lin Piao, que supostamente tentou derrubar Mao Zedong e Zhou Enlai, para evitar essa aproximação com os Estados Unidos e assegurar uma eventual reaproximação com a União Soviética.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Inclui-se o Brasil.

jornalista Henry Liu, em 1984, que trabalhava como informante triplo (para Taiwan, China e Estados Unidos). Nesse caso, o IBMND (Escritório de Inteligência do Ministério de Defesa Nacional) estava receoso em operar dentro de território norte-americano, fazendo então um acordo com a Gangue do Bambu Unido, para realizar o assassinato na Califórnia (IDEM, p. 336, 400).



## 4.2.4. O Wei Qi na nova ordem mundial

Para a China, a dissolução da União Soviética não significou necessariamente uma crise existencial do modelo socialista, mas sim uma mudança em sua geopolítica. Seu rival ao norte não era mais uma ameaça direta, e nem a sua presença na Ásia Central; a recuperação de Hong Kong, em julho de 1997, e de Macau, em dezembro de 1999, ocorreu sem maiores problemas, e a Índia não apresentava qualquer desafio regional significativo, devido principalmente à parceria sino-paquistanesa. Porém, considerando o aspecto orgânico da Geopolítica, no qual o crescimento de um poder é a essência desse próprio poder, a saída da União Soviética acabaria empurrando os Estados Unidos e a China a uma colisão em suas áreas de influência geopolítica. Pelo menos duas situações são dignas de menção para ilustrar esse aumento da fricção.

A primeira se dá no bombardeio da embaixada chinesa em Belgrado, em maio de 1999, durante a Guerra do Kosovo, por um bombardeiro stealth norte-americano B-2 (KETTLE, 2000). A explicação oficial da OTAN de que tal ataque se deu porque houve uma "imprecisão geográfica" é geralmente rejeitada, uma vez que a embaixada chinesa em Belgrado estava sendo usada como estação de transmissão de dados pelo exército iugoslavo, e que o prédio havia sido removido da lista de alvos proibidos (SWEENEY et al., 1999). No entanto, outra versão levantada por uma fonte de alta patente e muito bem conectada no curso desta pesquisa indica outra possibilidade. Nesta, os destroços do avião norte-americano invisível F-117A, abatido duas semanas antes (em 27 de março de 1999), estavam sendo mantidos dentro da embaixada chinesa, e a inteligência norte-americana descobriu que oficiais chineses estavam se preparando para levar esses destroços (com tecnologia altamente restrita e, até então, única) de navio para a China, para engenharia reversa. Contudo, apesar da informação descoberta, o bombardeio foi uma falha estratégica, pois os remanescentes do F-117A já haviam sido despachados dias antes para a China, por meio de contrabandistas ligados ao mercado negro iugoslavo ou russo.

O segundo evento grave se deu quando um avião de vigilância dos Estados Unidos se chocou no ar com um caça J-8II das forças armadas chinesas, próximo à Ilha de Hainan, em abril de 2001 (BBC, 2001). Em geral, tais eventos podem ser vistos como um sinal de aumento na rivalidade e talvez uma iminente guerra entre Estados Unidos e China. Todavia, os ataques terroristas de 11 de setembro, nos Estados Unidos, a consequente

guerra ao terror e a guerra no Iraque, em 2003, moldaram novamente o foco geoestratégico dos Estados Unidos no Oriente Médio e na Ásia Central. Isso deu à China a oportunidade de explorar melhor sua expansão geopolítica nas áreas ao seu redor e também na arena diplomática internacional; pelo menos por enquanto, a estratégia de Obama de "Pivô da Ásia" não se materializou por completo (CAMPBELL; ANDREWS, 2013).

As discussões atuais sobre o uso do Crime Organizado por parte do governo chinês normalmente focam em dois segmentos: para roubar tecnologias estrangeiras por parte de criminosos virtuais e de facções criminosas, e para quebrar movimentos sociais, sobretudo aqueles patrocinados por ONGs que poderiam vir a servir como disfarce para operações clandestinas estrangeiras<sup>43</sup>. Uma vez que as ONGs possuem acesso relativamente livre a vários países, interagindo diretamente com as populações locais, é lógico assumir que governos podem usar esse método para extração de inteligência e estratégias irregulares dentro da população civil.

De acordo com o Serviço de Inteligência e Segurança Canadense (CSIS), cerca de 200 empresas canadenses têm sofrido algum tipo de influência chinesa desde os anos 1980, por meio de membros das Tríades, magnatas e companhias estatais chinesas. Tais companhias agem em diferentes setores, especialmente em bancos e na alta tecnologia para negócios criminais, mas com assistência da inteligência chinesa. Para a CSIS, essa cooperação entre a elite financeira de Hong Kong, as Tríades e a inteligência chinesa adicionou uma nova estratégia para o sistema de inteligência, usando grupos, e não apenas tecnologia, para influenciar também figuras de alto escalão do governo canadense (RCMP-CSIS, 1997). Os serviços providenciados por esses grupos, como Tríades em Hong Kong, Macau e outros países no mar do sul da China, ou Tongs, nas comunidades chinesas no exterior, podem incluir roubo de tecnologia, espionagem, monitoramento de desertores chineses (que poderiam organizar movimentos subversivos), sem envolver ou colocar em risco diretamente os agentes da inteligência chinesa (SCOTT; DREW, 2016).

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> De acordo com o The Huffington Post, os Estados Unidos usaram uma ONG cristã para espionar a Coreia do Norte, por exemplo (COLE, 2015).

Esses laços interessantes ainda persistem, de acordo com uma fonte entrevistada que é muito próxima das Tríades. Durante os "Protestos dos Guarda-Chuvas", em 2014<sup>44</sup>, algumas Tríades atacaram os manifestantes. Esses ataques, de acordo com a imprensa, foram feitos por oficiais chineses, que contrataram as Tríades para quebrar os protestos por dentro. Porém, essa fonte entrevistada indicou que, ao mesmo tempo em que algumas facções das Tríades eram contratadas para atacar os estudantes, outras foram contratadas por "alguém" para protegê-los. Alguns dos entrevistados (tanto de dentro das forças de segurança pública, como de dentro das Tríades, e acadêmicos com acesso direto às Tríades) acreditam que uma ONG ou mesmo um governo estrangeiro foi responsável por isso, como forma de contrabalançar as Tríades pró-Pequim, uma vez que foi uma quantidade "muito grande de dinheiro" para ser levantada apenas pelos estudantes. No fim, a superexposição do envolvimento das Tríades, em ambos os lados, acabou sendo ruim para elas, que se afastaram e evitaram maiores envolvimentos nos protestos seguintes. Esse caso demonstra uma importante e interessante disputa entre a China e algum ator estrangeiro, usando as forças subterrâneas locais de Hong Kong.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Os Protestos dos Guarda-Chuvas Amarelos, em 2014, em Hong Kong, foram contra o que os estudantes locais acreditaram ser interferência de Pequim nas políticas locais de Hong Kong.

## 4.3. União Soviética e Rússia: o uso das forças obscuras

#### 4.3.1. Stalinismo e os Ladrões da Lei

Assim como os Estados Unidos e a China, durante a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética lidou com células criminosas durante a grande guerra. Porém, antes da guerra, a relação entre o governo extremamente centralizado de Stalin e os grupos subterrâneos era bem diferente dos outros dois casos mencionados. Nos Estados Unidos, enquanto havia certo engajamento contra o Crime Organizado, este nunca chegou a se dar em uma escala total, que pudesse destruir totalmente as facções criminosas. Na China, o Estado estava tão fraco, que sociedades secretas e gangues criminosas se tornaram parte essencial do Estado chinês (antes de Mao). No cenário soviético, contudo, Stalin e seus parceiros radicalizaram tão violentamente seus esforços para destruir qualquer possibilidade de dissidência política ou força paralela que pudesse tentar desafiá-lo, que os que não foram executados foram enviados aos Gulags.

Nesses Gulags, grupos conhecidos como *Vory V Zakone* (Ladrões da Lei), que eram criminosos profissionais, haviam dominado os campos de prisioneiros desde os anos 1920, construindo uma organização hierárquica que se opunha a qualquer tipo de cooperação com as autoridades soviética. Inicialmente, as autoridades tentaram "reeducálos", por meio de programas de doutrinação, porque seriam "socialmente fechados" e potencialmente reformáveis, diferentemente de prisioneiros políticos, que eram "socialmente perigosos". Depois, em função dos fracos resultados, o programa foi abandonado e, implicitamente, os Vory passaram a ser usados como ferramentas de controle social dentro das prisões, intimidando outros prisioneiros, em especial os prisioneiros políticos, que eram considerados "contrarrevolucionários" e odiados também pelos Vory (PRINGLE, 2006, p. 183: APPLEBAUM, 2003, p. 169). Tais parcerias não escritas e sutis deram ao Vory V Zakone o controle virtual dos Gulags. Porém, como a regra mais importante desses profissionais do crime era a de não cooperar com as autoridades, qualquer uso mais extenso por parte das autoridades soviéticas não era realista e também não foi tentado.

O ponto de mudança dessa relação foi a Operação Barbarossa, a invasão surpresa alemã, em junho de 1941, quando os soviéticos precisavam de todos os braços capazes

de lutar na defesa de sua terra natal. Para lidar com essa situação, todos os homens saudáveis e em idade de combate que estavam em Gulags — exceto por algumas categorias, como criminosos políticos — receberam a promessa de anistia, em troca de seus serviços na frente de combate. Isso fez com que a NKVD soltasse, somente durante os primeiros três anos da guerra, 975 mil prisioneiros (alguns deles Vory), expandindo esse número ainda mais durante os estágios finais da guerra e no assalto final a Berlin. As divisões do Exército Vermelho formadas por prisioneiros eram, em geral, "batalhões penais", enviados para as missões mais perigosas e que, quando comparados com outras tropas regulares, estavam subequipados (APPLEBAUM, 2003, p. 269), normalmente sob o comando do General Konstantin Rokossovsky, do 9º Corpo Mecanizado. Eles foram responsáveis pelo fracassado contra-ataque a forças nazistas no oeste da Ucrânia (Batalha de Brody, em 1941), durante os primeiros estágios da guerra; além disso, fizeram parte do 5º Fronte Ucraniano (GLAZOV, 1985, p. 47), um grupo guerrilheiro que operava muito além das linhas inimigas, em território ocupado pelos alemães.

De forma semelhante ao que Mao faria anos depois, Stalin logo focou novamente em esmagar todo tipo de organização paralela que pudesse desafiar seu regime. Isso significava que a maioria dos criminosos que serviram na guerra acabou voltando para a prisão, dificultando o crescimento de facções criminosas na União Soviética. Os poucos criminosos que escaparam do Grande Expurgo só o conseguiram porque possuíam algum tipo de conexão pessoal com o próprio Stalin, especialmente durante sua juventude. Essas mudanças que ocorreram no fim da Segunda Guerra Mundial e no cenário pós-guerra que se seguiu causaram maciças mudanças nos Gulags e na estrutura criminal de poder. Em primeiro lugar, alguns Vory lutaram na guerra, o que foi visto como uma cooperação com o governo e, por consequência, uma violação do mais importante código Vory. Em segundo, os novos prisioneiros eram bem treinados no uso da violência, em função da guerra, e não eram tão facilmente intimidados pelos antigos chefes Vory. Isso resultou em violentos conflitos entre os antigos Vory e os novos criminosos, conhecidos como Suki (Vadias), que eram também bem organizados. Essa frequente colisão entre os Vory e os Suki (que agora eram apoiados pela administração penitenciária) evoluiu para uma escala enorme nos Gulags, em um episódio chamado de Such'ia Voina (Guerra das Vadias), resultando na quase extinção dos Vory, por volta da metade dos anos 1950 (VARESE, 1998: CHELOUKHINE; HABERFELD, 2011, p. 28).

Se, por um lado, a administração soviética tinha pouca tolerância para criminosos e terroristas, por outro, em sua política externa, alguns viam nesses grupos uma potencial ferramenta para expandir o confronto com o Ocidente de forma irregular, com lutas clandestinas e ataques indiretos (mesmo durante a era extremista de Stalin), sobretudo porque o contexto nuclear limitou as opções militares para ambos os lados (OTAN e Pacto de Varsóvia). Como o General Aleksandr Sakharovsky, da KGB afirmou, "no mundo de hoje, em que as armas nucleares tornam a força militar obsoleta, terrorismo deve ser nossa arma principal" (PACEBA, 2006). De modo geral, a administração soviética provavelmente antecipava a guerra irregular como forma de minar a coesão interna de rivais, já no início da Guerra Fria. Em 1945, na Conferência de São Francisco, as Filipinas e a Bolívia tentaram definir o conceito de "agressão" em um texto na Carta das Nações Unidas, propondo que se incluísse o "abastecimento de armas, munição, dinheiro e qualquer outra forma de auxílio a grupos armados" como uma forma de interferência em assuntos internos. Contudo, a União Soviética foi capaz de evitar a inclusão dessa definição. Na verdade, uma definição vazia de agressão poderia ser de grande ajuda ao "sistema socialista global", que contava com os fatores revolucionários internos para expandir o modelo socialista. Isso deixaria os Estados socialistas livres para publicamente se manifestar e providenciar apoio para movimentos revolucionários e clandestinos pelo mundo (ROMANIECKI, 1974).

Esse uso de meios indiretos para apoiar movimentos socialistas, bem como países socialistas, pôde ser observado já na Guerra Civil Chinesa (1945–1950), quando foi providenciado apoio às forças maoístas contra o Kuomintang. Então, ele foi ampliado na Guerra da Coreia (1951-53) e, em seguida, estendido para o apoio aos guerreiros nortevietnamitas (1964-75), a fim de bloquear a influência dos Estados Unidos sobre a Ásia. Todas essas vitórias foram obtidas sem qualquer confronto direto com as forças norteamericanas, evitando assim a guerra nuclear. Porém, o que é menos observável é a associação com grupos irregulares para condução de espionagem e como estratégia para minar Estados rivais.

#### 4.3.2. A guerra clandestina fracassada

Com Nikita Khrushchev (e depois, Leonid Brezhnev), a União Soviética enfrentou grandes desafios internos e externos em suas relações com grupos irregulares. Primeiramente, como política interna, as autoridades deram anistia a dezenas de milhares de condenados de Gulags e prisões. Combinado com os sinais iniciais de uma deterioração econômica, isso significou, para os grupos criminosos, uma rara oportunidade de se infiltrar nos altos escalões do Partido Comunista. A aceitação de tais criminosos foi largamente atribuída ao fato de que esses grupos possuíam habilidades importantes para o governo soviético, como a compra e o contrabando de bens de fora da União Soviética. Os itens de luxo do exterior eram dados aos membros do Partido Comunista, como recompensa por seu bom comportamento (STRATFOR, 2008: CHELOUKHINE, 2008). Em segundo lugar, na arena internacional, a política de contenção dos Estados Unidos se materializava na Europa Ocidental, com o Plano Marshall, e se aprofundava na Ásia, com o Plano Colombo. Enquanto a maioria dos analistas político e militares dos dois lados se preparava para uma guerra em escala total entre as duas superpotências, as agências de inteligência buscavam formas de minar a coesão interna umas das outras, bem como dos aliados de seus rivais.

De modo geral, há pouca informação sobre o uso de forças irregulares pelos soviéticos nos anos 1950 (a pouca informação levantada não pôde ter a autenticidade verificada). Tais informações são mais facilmente encontradas a partir de 1960 e se tornam ainda mais extensas nos anos 1970 e 1980. As razões para isso podem ser duas. A primeira é que a União Soviética fora capaz, até então, de concentrar todos os níveis de habilidade militar sob seu sistema centralizado por mais de uma década. Isso poderia ser confirmado pela superestrutura de poder criada por Stalin, e depois mantida por Khrushchev. Além disso, a União Soviética saiu da Segunda Guerra Mundial vitoriosa, com um poderoso exército, e economia e sistema de inteligência que se mantiveram "frescos" pela década de 1950. Enquanto os Estados Unidos, Mao e Zedong e Chiang Kai-shek tiveram de buscar ajuda dos grupos irregulares para compensar eventuais limitações, os soviéticos podiam conduzir tais atividades clandestinas e irregulares em sua própria agência de inteligência recém-formada, a KGB (1954).

Outra possibilidade é a de que a União Soviética estava tão concentrada em suas políticas internas de vigilância e de manutenção territorial, que tais ações não eram necessárias tão cedo, após uma recente, destrutiva e enorme guerra<sup>45</sup>. De toda forma, a evidência de interação entre as autoridades soviéticas e os grupos irregulares é limitada a ações de patrocínio estatal ao terrorismo. Como explicado anteriormente, isso foi visto como outra forma de espalhar o socialismo pelo mundo. De maneira geral, não há grandes evidências demonstrando colaboração dos soviéticos com o Crime Organizado durante a Guerra Fria, apesar de autores como Douglass (1999) alegarem que os soviéticos planejaram apoiar o Crime Organizado na América Latina, para minar o Ocidente com o vício na cocaína. Essa teoria carece enormemente de evidências e provas que a suportem, ainda que o autor citado tenha sido agente da CIA.

Há dois motivos principais que levaram a União Soviética a evitar parcerias com o Crime Organizado. Primeiramente, grupos criminosos eram perseguidos de modo bastante severo na União Soviética, uma vez que eram tidos como incompatíveis com o modelo socialista, e lidar com eles poderia ser tido como contraditório (uma vez que o seu foco é o lucro). Em segundo plano, o fervor ideológico e a fé no socialismo eram tidos como suficientes para servir de combustível à expansão da revolução. No entanto, essa percepção ingênua, como será demonstrado, não era suficiente para conduzir a uma longa e estressante guerra — principalmente porque, conforme explicado, grupos terroristas carecem em algumas formas de capital e de interações dentro do Estado (embora tenham capital com setores da população). Em outras palavras, eles não poderiam sustentar e expandir suas lutar sem o apoio da União Soviética, que, como hoje sabemos, já se encontrava em situação econômica e política crítica. Seguindo o modelo alinskyano, não é possível mudar o sistema (ou o Estado) por fora, mas se infiltrando nele. Com relação a isso, as células do Crime Organizado eram mais eficientes do que as de grupos terroristas, mesmo que os grupos criminosos não buscassem a infiltração para mudar o sistema, mas para sobrevivência.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Novamente, a relação entre o Estado Soviético e os grupos criminosos (e também terroristas) explorada aqui não está ligada às questões envolvendo corrupção (que floresceu sob a gestão de Brezhnev), mas à hipótese principal desta tese: a situação em que grupos marginalizados fazem trabalhos para o Estado-Nação em questões estratégicas.

Outra observação interessante com relação às duas superpotências no uso de atores irregulares para guerras por procuração durante a Guerra Fria é o fator crucial referente às suas diferenças metodológicas. De modo geral, a KGB se diferenciava da CIA porque o modelo soviético era mais centralizado e diretamente controlado, enquanto a CIA se guiava por um modelo "terceirizado". Os soviéticos com frequência influenciavam e controlavam os exércitos dos seus Estados "clientes" (como Cuba, Angola, Afeganistão e Etiópia), por replicação da administração política soviética, que introduzia informantes por meio dos rankings militares desses países. Nesse modelo de espionagem e guerra clandestina, a KGB usava diretamente a inteligência e as divisões militares de seus países aliados ou grupos terroristas parceiros, como se estes fossem subdivisões ou subdepartamentos, a fim de que pudessem executar tarefas com uma distância segura, oferecendo aos soviéticos negação plausível, em especial, em operações embaraçosas ou recrutamento "false-flag" (falso)<sup>46</sup> (O'BRIEN, 1995). O apoio providenciado a esses grupos obviamente variava de acordo com a sensibilidade geopolítica e a importância dos locais onde estes eram inseridos. Isso envolvia a priorização do Terceiro Mundo, onde o socialismo supostamente acharia mais espaço para expansão e conteúdo geográfico que fosse crucial à política externa soviética. De maneira geral, é possível isolar a América Central, o Oriente Médio e a Europa Ocidental como a prioridade soviética na condução de suas guerras secretas<sup>47</sup>.

No cenário da América Central, as operações irregulares soviéticas só foram possíveis com o auxílio cubano, dadas a distância e as diferenças culturais; os planejadores soviéticos viam Cuba como ponte para suas operações clandestinas. A Revolução Cubana e o governo de Castro se aproximaram da União Soviética, não apenas para criar uma aliança de confiança, mas também para facilitar as operações soviéticas em duas circunstâncias: a questão geográfica, uma vez que Cuba, no mar caribenho, apresentava um acesso estratégico às Américas do Norte, Central e do Sul; e o fato de que os cubanos tinham mais facilidade de penetrar nos países latinos do que agentes russos.

-

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Essa técnica se aplicava a agências nacionais, e não a grupos terroristas, uma vez que a maioria dos grupos terroristas não eram diretamente controlados, mas operavam sob proteção e parceria, mantendo alguma liberdade para operar. Poucos terroristas eram realmente membros da KGB, como Wadie Haddad, da PFLP.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> É possível estabelecer que essas três áreas eram prioridades do uso de forças subterrâneas, nas quais o envolvimento da União Soviética poderia ser negado ou, ainda, nas quais os soviéticos também lutavam contra forças irregulares. Isso não exclui a Ásia e a África como os cenários mais importantes no contexto geopolítico; porém, nessas duas áreas, o sigilo do envolvimento da União Soviética não era tão necessário. De qualquer forma, isso será melhor explicado depois.

Uma das primeiras tentativas ocorreu em 1961, quando a KGB recrutou doze estudantes nicaraguenses para receber treinamento militar em insurgência. Esse grupo posteriormente se tornou o núcleo da Frente Sandinista de Libertação Nacional<sup>48</sup> (em espanhol: *Frente Sandinista de Liberación Nacional* [FSLN]).

O objetivo era trabalhar com os cubanos para exportar a revolução antiamericana para a América Central e atacar alvos e bases militares dos Estados Unidos na Nicarágua; porém, os sandinistas e os soviéticos divergiram sobre como proceder tais operações. Para os sandinistas, que eram mal treinados e insuficientemente equipados para atacar as bases bem defendidas dos Estados Unidos, a condução de guerrilhas e a coleta de inteligência eram preferíveis contra o governo nicaraguense e os refugiados anti-Castro (ANDREW; MITROKHIN, 2005, p. 50). A percepção de Cuba como sendo uma ponte estratégica diminuía gradualmente, conforme o Kremlin via Castro e seu governo como "aventureiros" em seus métodos de exportar a revolução (em geral, por causa de Che Guevara). A derrota da FSLN na Batalha de Pancasán, em agosto de 1967, frustrou os oficiais da KGB e sua visão de espalhar tão facilmente o modelo cubano pelo continente.

Enquanto isso, de acordo com Pacepa (2004), no cenário do Oriente Médio, a estratégia era muito mais clara e delimitada para a Turquia e Israel, com o apoio local de Iraque<sup>49</sup>, Síria e Líbia. Ao auxiliar as organizações de libertação (como o Exército Secreto de Libertação da Armênia [ASALA]) contra o governo turco e a Organização para a Libertação Palestina (PLO) ou a Frente Popular para a Libertação da Palestina (PFLP) contra Israel, os soviéticos visavam desestabilizar a influência dos Estados Unidos na região. Essas organizações normalmente eram equipadas e treinadas em Beirute, e seus membros tinham livre acesso para fugir para a Europa Oriental, sob proteção da KGB e de outros serviços secretos, como a Stasi alemã. O treinamento não era apenas em táticas convencionais de guerrilha, mas também incluía propaganda e métodos de sequestros de aviões (PACEBA, 2006: ANDERSON; SLOAN, 2009, p. 48, 515). Em alguns casos, líderes terroristas receberam até mesmo treinamento em inteligência, contrainteligência, interrogatório, vigilância e sabotagem, diretamente dentro do território da União

\_

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> Apesar de oficialmente se dizer não alinhada internacionalmente, em sua origem, a KGB ajudou a criar o movimento sandinista, do qual se separou somente alguns anos depois.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Apesar de a União Soviética ser, ao mesmo tempo, patrocinadora do Partido Democrático Curdo, no Curdistão iraquiano, e fortalecer suas relações com o governo iraniano, ambos inimigos de Bagdá.

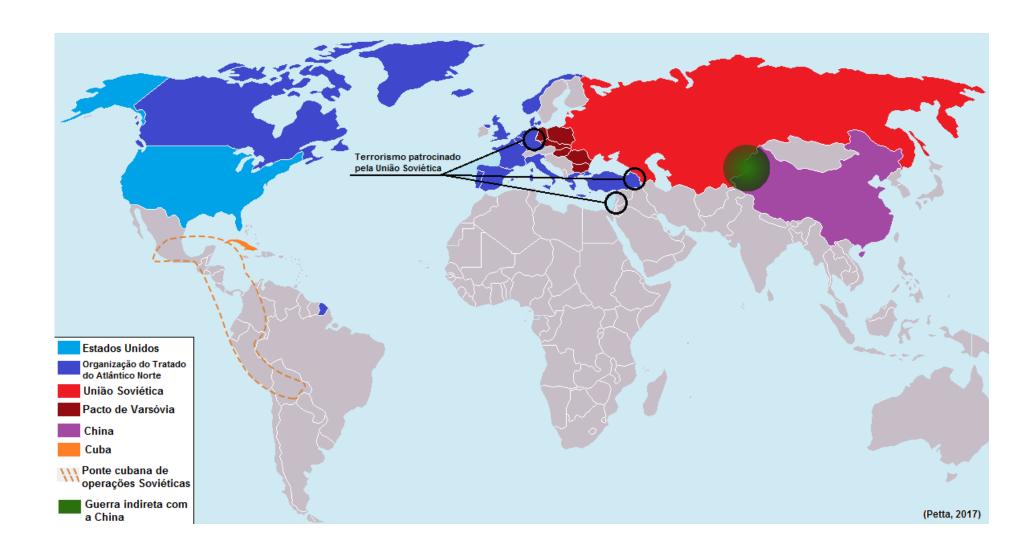
Soviética, sob proteção e instrução de seus oficiais — como Wadie Haddad, que se acreditava ser agente da KGB —, ou, pelo menos, receberam abrigos seguros para se proteger, como o famoso terrorista Carlos "o Chacal", que acabou sendo expulso do bloco soviético, devido às suas irresponsabilidades e seu comportamento boêmio (ANDREW; MITROKHIN, 2005, p. 149).

Outras organizações marxistas e revolucionárias na Europa também eram consideradas importantes parceiras na estratégia soviética para esse continente, especialmente conforme a Guerra Fria se intensificava, no fim dos anos 1970 e início de 1980. A Facção Exército Vermelho (em alemão: *Rote Armee Fraktion*), por exemplo, não apenas foi apoiada pela Stasi e pela KGB, mas diretamente controlada por elas, para conduzir atos terroristas contra alvos da OTAN na Europa. Suas operações só diminuíram após a fracassada ofensiva de 1977, quando quatro de seus líderes foram capturados e depois cometeram suicídio na prisão. Isso, por sua vez, resultou na sua retirada para o Leste Europeu, onde seus últimos remanescentes receberam treinamento, armas, dinheiro e identidades falsas para se reagruparem e iniciarem novos ataques com armamento pesado (carros-bomba e foguetes), contra alvos de alto valor, como a base aérea norteamericana em Ramstein e oficiais de alto escalão da OTAN (ANDREW; MITROKHIN, 1999, p. 392).

Apesar desses métodos tão bem desenhados, a China ainda se apresentava como o maior problema para as operações clandestinas soviéticas. Após o incidente da Ilha Zhenbao, em 1969, as relações sino-soviéticas, que já estavam tensas desde o início de 1960, evoluíram para formas ainda maiores de hostilidade entre as duas potências nucleares. Enquanto os soviéticos podiam contar com várias fontes e contatos na Europa e América Latina, no cenário chinês se dava o extremo oposto. Haviam sobrado poucos informantes e espiões da KGB na China, afinal, os soviéticos, ainda durante o período de colaboração entre os dois países, entregaram de boa-fé listas com os nomes de seus agentes para o Ministério de Segurança do Estado (como sinal de cooperação). Esses agentes acabaram sendo presos ou executados, quando a relação entre ambos os países foi desfeita.

Desde a Revolução Cultural, em 1966, a KGB via esse palco como o mais difícil e perigoso para operar e enviar agentes. Paralelamente, a velha estratégia de recrutamento

entre a população local era, no caso chinês, de acordo com o chefe da KGB, Vladimir Semichastny, "*uma tarefa impossível*". A única possível porta de acesso era pela Região Autônoma Uigur do Xinjiang, em função da pouca presença de chineses da etnia Han, sua extensa fronteira com o Cazaquistão e a presença de movimentos de resistência Uigur, como o Partido Revolucionário Trabalhista-Militar (em russo: *Voenno-Trudovaya Narodnaya Revolyutsionnaya Partiya* [VTNRP], que era diretamente controlado pela KGB) (ANDREW; MITROKHIN, 2005, p. 161), o Partido Revolucionário do Partido Popular do Turquestão (ETPRP) e a Frente Revolucionária Unida do Turquestão Oriental (URFET), que eram treinados e equipados em território cazaque, e então enviados para operar dentro do território chinês (REED; RASCHKE, 2010, p. 37). Mesmo na área de Xinjiang, os soviéticos não eram capazes de conduzir operações com o mesmo nível de sucesso que tinham em outras regiões.



### 4.3.3. O soco na barriga mole soviética

Muito antes da rivalidade com a China, a União Soviética já tinha um interesse especial no Afeganistão. Na verdade, assim que a União Soviética foi estabelecida, após a Guerra Civil Russa (1917-22), estrategistas soviéticos compartilhavam preocupação e interesse na região. Sua preocupação era a de que o Afeganistão se tornasse refúgio para guerreiros islâmicos, chamados de *basmachi* (bandidos); o interesse era porque os afegãos viam os soviéticos como uma forma de contrabalancear sua dependência com relação aos britânicos. Quando a Guerra Fria começou, os afegãos foram capazes de se equilibrar numa cooperação com as duas superpotências da época: enquanto os soviéticos investiram e ajudaram a construir projetos básicos de infraestrutura no norte, os Estados Unidos providenciaram ajuda e patrocínio estrutural no sul. Porém, tais interesses acabaram colidindo, e o Afeganistão logo se viu no fogo cruzado entre Estados Unidos e União Soviética (TANNER, 2003, p. 221).

Nos anos 1960 e 1970, com os Estados Unidos atolados na Guerra do Vietnã e ocupados com escândalos políticos, os soviéticos tiveram mais oportunidade de puxar o Afeganistão para a sua esfera de influência. Contudo, não havia consenso entre os analistas, acadêmicos e militares a respeito da extensão do envolvimento soviético no crescimento dos movimentos marxistas afegãos. Algumas fontes sugeriam que, ao financiar o Partido Democrático Popular Afegão (PDPA; Nur Mohammed Taraki em Kabul), os soviéticos podiam estar aumentando sua influência, inundando o governo afegão com "conselheiros soviéticos" e instalando um "sistema não natural", como direitos iguais às mulheres, distribuição de terras e empréstimos para reformas (IDEM, p. 230). Outros já alegavam que o movimento era mais oportunista do que o planejado, notando o fato de que, apesar da hipotética aproximação entre os soviéticos e os afegãos, Brezhnev e a KGB temiam que a liderança comunista afegã poderia afinal se voltar contra a União Soviética, como se deu com Iugoslávia e China, por exemplo (CORDOVEZ; HARRISON, 1995, p. 13). Outros, por sua vez, alegavam que os soviéticos tinham pouco interesse em invadir ou ocupar o Afeganistão, e que isso se deu apenas de forma relutante, como resultado do descontentamento com os comunistas afegãos, sugando o império soviético para o labirinto afegão (GIBBS, 2006). Nesse sentido, tanto o medo chinês de que se tratava de um plano soviético para chegar ao Oceano Índico, como a percepção de

Brzezinski de que tal ação soviética abriria espaço para uma futura subjugação dos países produtores de petróleo, no Golfo Pérsico, estariam errados.

De toda forma, o Exército Vermelho finalmente entrou no Afeganistão, em 1979, como resultado de três fatores estratégicos fracassados: a liderança soviética carecia de informação e havia uma enorme confusão com relação aos objetivos; ela ainda visava sustentar o fraco governo comunista administrado por Hafizullah Amin (que mais tarde seria assassinado pelas Forças Especiais soviéticas, durante a *Operação Storm-333*); e, por fim, foram atraídos para o lamaçal afegão por meio de uma série de armadilhas plantadas pelos norte-americanos, que ajudavam os mujahidin. Além disso, ironicamente a região de Xinjiang, que até então foi considerada pelos soviéticos como o ponto fraco chinês, foi justamente o ponto de acesso dos operadores chineses para conduzir operações irregulares, equipar a resistência mujahidin e ainda providenciar treinamento<sup>50</sup>.

O grande problema do Exército Vermelho era o número insuficiente de soldados e recursos para compensar a fraqueza militar do governo afegão. As forças soviéticas estavam muito espalhadas por diversas áreas ao redor do mundo e nunca foram capazes de empregar muito mais do que 100 mil soldados no Afeganistão, um país cinco vezes maior que o Vietnã (durante a Guerra do Vietnã, por exemplo, os Estados Unidos tiveram um pico de 500 mil soldados). Com isso, os soviéticos nunca conseguiram de fato ocupar o Afeganistão ou selar as fronteiras com Paquistão, Irã ou China. A situação ainda era seriamente agravada pela perda da superioridade aérea, causada pelo uso de mísseis Stinger pelos mujahidin (ANDREW; MITROKHIN, 2005, p. 227). Além disso, os soviéticos não conseguiram preencher os pontos vazios do governo afegão ou construir um forte capital social ou simbólico entre a população local. Aliás, a própria economia soviética estava se desintegrando, e o problema do vício em ópio começou a emergir entre os soldados soviéticos.

A previsão de uma Guerra sem fim e sem chance de vitória teve um impacto psicológico significativo, tanto nas tropas soviéticas como na KGB. Pelo final da guerra, alguns relatórios oficiais indicaram que mais de 50% dos soldados soviéticos no Afeganistão usaram drogas, incluindo suas tropas de elite. As tropas frequentemente

-

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> Como observado em 4.2.3: Deng, Zemin e as Tríades patrióticas.

trocavam munição e armas por haxixe e ópio, em números tão altos, que áreas no entorno de certas bases-chave se tornaram mercados abertos de drogas. Ainda, o vício atingiu um nível tão alto, que aumentou drasticamente o número de acidentes durante operações militares, incluindo colisões de tanques e helicópteros (CIA, 1986, p. 8).

Especialistas em geral concordam que a Guerra do Afeganistão acelerou o colapso do bloco soviético e feriu a imagem de superpotência militar invencível. A derrota soviética no Afeganistão foi como um verdadeiro soco no estômago, que causou na União Soviética — e depois na Rússia — a perda do domínio das áreas fronteiriças ao sul, sobretudo na Ásia Central e no Cáucaso. Sucessivas instabilidades na economia e na política desencadearam a rara condição de retrocesso geopolítico, quando a União Soviética se tornou a Federação Russa, com a maioria de seus Estados satélites sendo "devorados" por outros blocos geopolíticos, em especial pela OTAN. O Kremlin, que desde a Segunda Guerra Mundial podia custear ofensivas estratégicas no exterior, foi rapidamente colocado numa condição defensiva, por meio de uma série de guerras por procuração, não em áreas vizinhas, mas dentro de suas próprias fronteiras, ameaçando sua própria territorialidade. A ruptura do sistema, iniciada por Gorbachev, e o enfraquecimento do poder do Kremlin sob Yeltsin testaram a habilidade dos líderes russos em lidar com vários atores irregulares, apoiados por forças estrangeiras. Ademais, organizações terroristas e separatistas confrontaram abertamente a autoridade do Estado russo, com cada vez mais audácia; o Estado e o governo russo estavam sendo infiltrados e desmantelados por uma epidemia de organizações criminosas, que eram, na maioria, formadas justamente pelo aparato de segurança do governo, tendo membros com alto nível de conhecimento e habilidade em guerras e com vários criminosos conhecidos como avtoriteti (homens feitos).

Entre essas guerras por procuração, os conflitos na Chechênia merecem atenção especial. As Máfias chechenas foram os primeiros grupos a tirar vantagem da economia pós-soviética na Rússia. Sua sociedade baseada em *taip* ou *teip* (clãs), similares à Máfia siciliana, foram capazes de usar seu capital social em comunidades locais, para enfrentar a autoridade central russa (RUSSEL, 2002). A situação que se seguiu após as liberalizações de Gorbachev, por sua vez, despertou um movimento nacionalista conhecido como Congresso Nacional Checheno, que era liderado pelo ex-general da Força Aérea soviética, Dzhokhar Dudaye, o qual, durante o golpe de três dias, em agosto

de 1991, aproveitou-se para derrubar a administração local soviética em Grozny e declarar a secessão chechena da Rússia (GALEOTTI, 2014b, p. 21). Isso provocou a invasão da Chechênia pela Rússia, com um exército desvalorizado, mal equipado e desmoralizado, que tinha esquecido as lições da guerra afegã. Sem preparo adequado, lutava contra um inimigo motivado, bem equipado e familiarizado com o terreno (IDEM, p. 22), que contava ainda com vários "voluntários" de países estrangeiros, como Afeganistão, Paquistão, Iêmen, Egito, Argélia e Arábia Saudita (ANAND, 2000). O maior papel, porém, foi desempenhado pela Turquia, que apoiou abertamente o movimento checheno e ofereceu ajuda logística, militar e financeira (FOUSKAS, 2011, p. 68). De acordo com as evidências apresentadas pela Rússia (e que não foram negadas nem pelos turcos, nem pelos chechenos), a Turquia providenciou também guerreiros chamados de *naemniky* (mercenários) (WILLIAMS, 2005).

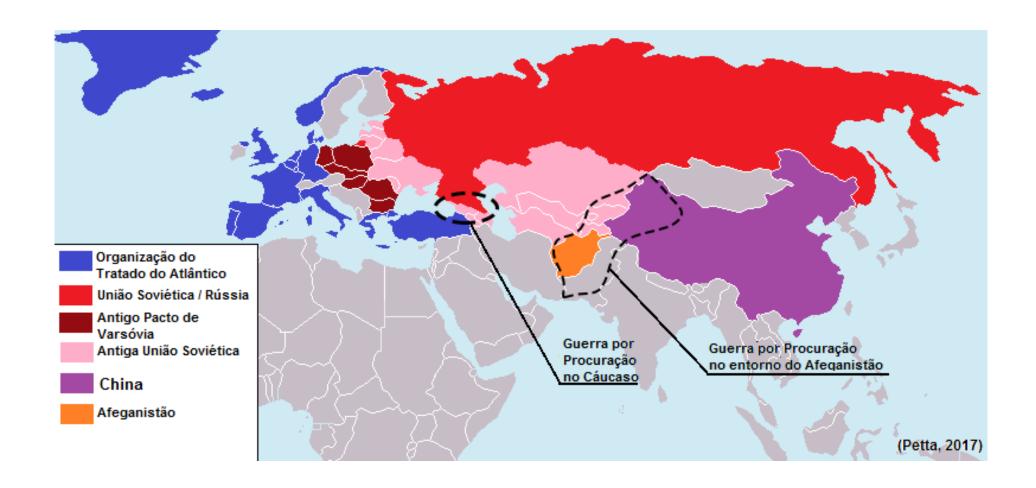
Como os afegãos, os chechenos sabiam que não poderiam conduzir um conflito convencional e aberto. Em vez disso, preferiram trazer as forças russas para dentro do ambiente urbano, onde causariam sérios danos, em uma guerra longa e exaustiva, sem uma operação centralizada. Estavam envolvidos 15 mil homens armados e raramente eram empregados mais que 3 mil guerreiros na cidade de Grozny ao mesmo tempo (emboscadas quase nunca envolviam mais do que 75 guerreiros). Além disso, foi usada a estrutura urbana modificada como posições defensivas, com o apoio da população local, que também providenciou uma excelente rede de inteligência na cidade (SPEYER, 2001).

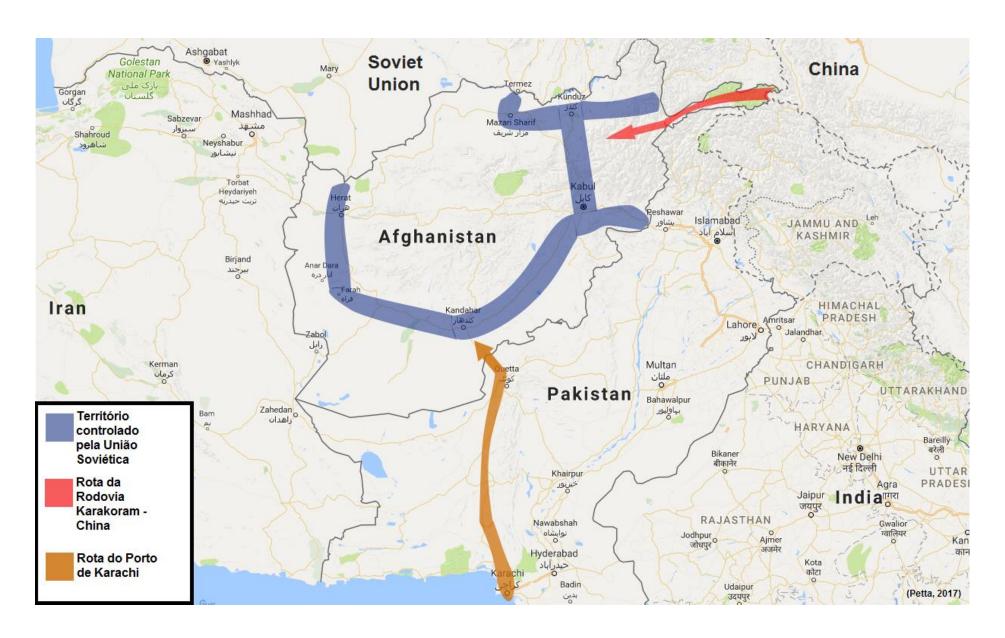
O escopo do Crime Organizado na Rússia criou um maciço exército privado para quem pudesse pagar por isso. Esse "exército" possuía soldados experientes, fontes de inteligência, equipamento militar e conexões obscuras por todo o mundo, herdados do antigo Exército Vermelho, das Spetsnaz, GRU, KGB, etc. Essa epidemia de corrupção e o devastado governo russo provocaram fortes críticas entre acadêmicos, jornalistas e forças policiais, em especial no Ocidente, com tons um tanto moralizantes. Contudo, a verdade é que, em vários casos (senão em todos), muitas das democracias ocidentais usavam dessas fontes clandestinas também.

O surgimento de figuras obscuras, como Boris Berezovsky e Viktor Bout, atraiu a atenção não apenas devido à sua forma antiética de ganhar dinheiro, mas também à excelente capacidade de providenciar serviços que ajudaram muitos interesses

empresariais e estratégicos. No caso de Viktor Bout, por exemplo, sua eficiência em providenciar armas foi bem-vinda por vários Estados, afinal, quando ele não os equipava diretamente, pelo menos equipava grupos irregulares, com os quais os Estados contratantes não queriam estar diretamente envolvidos. É bem verdade que alguns países envolvidos com ele eram considerados "Estados párias" ou "Estados criminais", como a Líbia de Muammar Gaddafi ou a Libéria de Charles Taylor. Todavia, outros que trabalharam em algum ponto com ele possuíam legitimidade incontestável, como os Emirados Árabes. Além disso, até os Estados Unidos usaram seus serviços para suprir as forças norte-americanas e as companhias militares privadas no Iraque e no Afeganistão durante suas guerras. A Bélgica também utilizou seus serviços para transportar seus soldados para a Somália, durante a *Operação Restore Hope*, e até mesmo as Nações Unidas se serviram dele durante algumas crises humanitárias (FARAH; BRAUN, 2006).

Tais figuras criminosas foram eficientes fontes a serem empregadas por serviços estrangeiros contra a Rússia. O caso envolvendo Boris Berezovsky e Alexander Litvinenko pode ilustrar bem isso: Litvinenko, que era um ex-membro da FSB e informante da MI6, era acusado de tráfico de material nuclear (MILMO et al., 2006) e havia recebido abrigo de Berezovsky para fugir da Rússia (TWEEDIE, 2015). Considerando que Berezovsky obviamente era ligado ao Crime Organizado, é extremamente improvável que a MI6 tivesse interesse em Litvinenko (protegido de Berezovsky) apenas para usar seu conhecimento contra a Máfia russa. É muito mais plausível e óbvio concluir que os britânicos estivessem usando os contatos de Berezovsky para espionar a Rússia.





### 4.3.4. Estabilização geopolítica e o uso do Crime Organizado

A partir de uma perspectiva russa, a perda da guerra no Afeganistão, a perda geopolítica de enormes áreas que se tornaram Estados independentes, a vitória chechena em 1996 (que sugeria um "efeito dominó"), a guerra na Iugoslávia (que dividiria esse Estado em vários países pequenos) — sem que os russos pudessem fazer nada, exceto assistir — devem ter parecido uma série de catástrofes, que ameaçariam a própria existência da Rússia como Estado-Nação. No entanto, a derrota na Primeira Guerra Chechena ensinou importantes lições à Rússia sobre como lidar com grupos irregulares, patrocinados por países estrangeiros, não apenas na camada militar, mas também no seu contexto geopolítico inteiro, ao utilizar as formas locais de capital preexistentes para consolidar sua autoridade em territórios ocupados.

No aspecto militar, na Primeira Guerra Chechena, os russos falharam em efetivamente bloquear Grozny, em especial a partir do sul, o que permitiu a entrada quase ilimitada de reforços a partir da Geórgia. O segundo conflito, por sua vez, começou com três vezes mais soldados, focando logo de início em fechar as fronteiras, a fim de isolar a Chechênia. O cerco a Grozny dessa vez foi lento e cuidadoso, com bombardeios aéreos e algumas poucas investidas contra alvos prioritários, focando acima de tudo nas lideranças das células chechenas, em vez de numa invasão total, como no primeiro conflito. Além disso, dessa vez as tropas eram mais experientes e mais bem equipadas. No aspecto sociopolítico, o Kremlin foi mais eficiente em tirar vantagens das divisões internas dos chechenos e de seu sistema de clas descentralizados, formando alianças com grupos de chechenos antirrebeldes que podiam ser controlados por Moscou. Esses grupos conheciam o território e tinham capital social com a população local (GALEOTTI, 2014b, p. 52). Como estratégia de longo prazo, isso ajudou também a estabilizar a região, ao fortalecer seus capitais sociais e econômicos com a nova liderança local. Esta podia ser extraída (na verdade, comprada) dos separatistas islâmicos, em especial, Akhmad Kadyrov e, mais tarde, seu filho Ramzan Kadyrov, entre outras figuras do Crime Organizado local, por meio de constantes "mesadas" e apoio público por sua legitimidade política (YASHIN, 2016).

Outro exemplo de adaptação russa que foi vastamente observada durante as entrevistas nos Estados Unidos, não apenas entre acadêmicos e jornalistas, mas também

por agentes aposentados e ativos do FBI, CIA e NSA. Mesmo sem se conhecerem, eles frequentemente compartilhavam histórias envolvendo hackers russos que trabalhariam para o Crime Organizado e que, após algum tempo, teriam sido contratados pelo governo russo para invadir sistemas cibernéticos dos Estados Unidos e da Europa, visando agências de segurança ou de alto valor econômico (bancos e complexos industriais estratégicos). Enquanto alguns deles seriam contratados individualmente, como forma de redução de pena, outros seriam contratados de forma direta e em conjunto com seus grupos. Uma vez que tantos grupos criminosos na Rússia estariam conectados ao crime cibernético, agências de inteligência os veriam como habilidosos e baratos, podendo ser usados no exterior, enquanto se poderia convenientemente negar qualquer envolvimento.

Porém, tais parcerias não são só restritas à guerra cibernética, mas também envolvem as extensas conexões secretas que esses grupos podem providenciar ao redor do mundo. Uma de suas atividades mais importantes é a espionagem econômica, que, em essência (embora não exclusivamente), visa empresas de defesa que desenvolvem tecnologias sensíveis. Algumas das fontes entrevistadas tinham plena conviçção de que algumas figuras políticas europeias foram intimidadas ou chantageadas por grupos criminosos russos, como a Solntsevskaya Bratva (Irmandade Solntsevskaya), para agirem em seus países em favor de interesses dos russos. Alguns supostamente até mesmo sabiam de casos e pessoas específicas, embora não tenham providenciado qualquer evidência<sup>51</sup>. A eficiência da Rússia em usar tais grupos irregulares pôde ser observada também durante a anexação da Crimeia, em 2014, e as subsequente Guerra Civil Ucraniana. Como no bem-sucedido caso da Chechênia<sup>52</sup>, Moscou utilizou membros do Crime Organizado russo para estabilizar e controlar a população. Nesse caso em si, Sergey Aksyonov (Primeiro-Ministro da República da Crimeia, e visto por várias fontes ocidentais como o chefe do Crime Organizado crimeu<sup>53</sup>) contratou forças paramilitares compostas por criminosos locais, para lutar contra revolucionários ucranianos (pró-Kiev) na Península Crimeia. (SHUSTER, 2014; GALEOTTI, 2014a). Com a expansão da guerra para o leste da Ucrânia, ambos os lados (Moscou e Kiev) apelaram para a mesma estratégia. Redes criminosas de células da Solntsevskaya e de grupos de Donetsk providenciaram soldados

-

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Não providenciado por inúmeras razões, que incluem desde a possível falta de provas a até algum impedimento maior (profissional talvez).

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Pelo menos por enquanto.

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> Gentílico da Crimeia.

aos separatistas pró-Moscou, enquanto os oligarcas criminosos pró-Kiev supriram milícias locais com homens, dinheiro, armas e suprimento — em alguns casos, até mais do que o próprio governo ucraniano em si (STRONSKI, 2015).

A Síria é outro caso recente de conflitos envolvendo grupos irregulares, como o Crime Organizado e as operações russas. Na verdade, a Síria se tornou um experimento em guerra assimétrica e por procuração, com grupos irregulares sendo patrocinados por uma variada gama de Estados. O campo de batalha sírio é, pelo menos até este ponto, o mais importante campo para testar estratégias, táticas e equipamentos militares por diferentes Estados, o equivalente a uma versão moderna da Guerra Civil Espanhola (1936–1939), como apontado por Al-Marashi (2016). Apesar de o Crime Organizado não ter um papel muito grande nesse cenário<sup>54</sup>, é interessante ver como o envolvimento russo foi priorizando os alvos ligados ao Estado Islâmico. Isso pode estar relacionado com o fato de que muitos membros desse grupo são originários justamente da Chechênia, enquanto Ramzan Kadyrov tem fortalecido suas relações pessoais com países árabes (YASHIN, 2016). Novamente, esse caso demonstra uma guerra por procuração entre Turquia (e outras nações árabes) e Rússia, por meio de um extenso uso desses grupos irregulares, uma vez que há fortes evidências ligando a Turquia ao Estado Islâmico no início do conflito. O apoio foi muito mais próximo, nesse caso, do que no conflito por procuração na Chechênia, no qual esse apoio basicamente se limitou ao envio de guerreiros e armas leves, ao passo que a Turquia providenciou armamento pesado, inteligência, treinamento, suporte aéreo e retaguarda do exército turco (PHILLIPS, 2014). De acordo com uma fonte entrevistada e conectada aos russos, a tentativa de golpe de 2016 teria sido uma reação das Forças Armadas turcas, que seriam seculares, e que estariam preocupadas com o nível de envolvimento turco no conflito sírio, temendo que tal proximidade e relação pudesse acabar promovendo o extremismo e o jihadismo islâmico dentro da própria Turquia, no futuro.

É importante também observar como o envolvimento russo é bastante direcionado geopoliticamente. Enquanto a Ucrânia pode ser o que Cohen (2003, p. 39) designa como "núcleo histórico", ao mesmo tempo também é fato que a Marinha Russa precisa da Base de Sevastopol para ter acesso ao Mar Mediterrâneo. A Síria é outra parte fundamental da

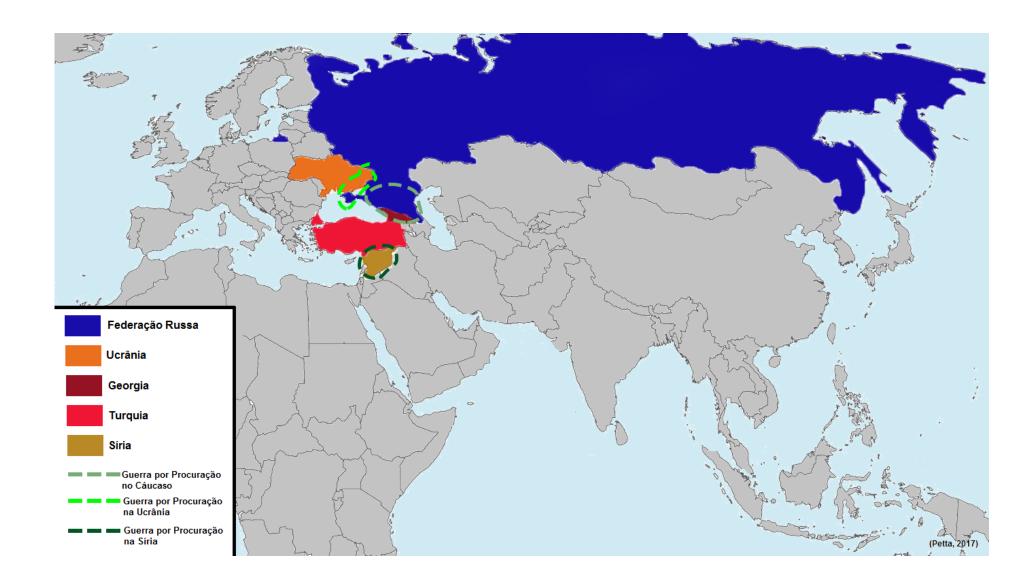
\_

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> Exceto como caçadores de recompensas, tráfico ou contrabando de pessoas e outras atividades menores.

geopolítica russa, não apenas com a Base Naval de Tartus (e, posteriormente, a construção da Base Aérea de Khmeimim, em Latakia), mas também porque é a principal (se não a última) porta de acesso para a influência russa no Oriente Médio<sup>55</sup>.

.

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> O Irã de fato é agora parceiro da Rússia; contudo, é possível dizer que possui sua própria influência sobre a região.



# 5. Conclusões e considerações finais

# 5.1. Onde os Estados Unidos e a China acertaram e onde a União Soviética e Taiwan erraram — A Rússia aprendeu a lição?

Ao considerar como os Estados Unidos, a China (incluindo Taiwan) e a União Soviética/Rússia lidaram com o Crime Organizado e os grupos terroristas, é importante notar que os motivos, métodos e resultados tiveram muitas diferenças em cada um, e a capacidade e extensão geopolítica também variaram de acordo com o tempo e o local. O alcance de tais tipos de acordo normalmente esteve restrito a um grupo muito pequeno de pessoas ou grupos, os quais também não eram permanentes. Na maioria dos casos (embora não sempre), os membros do Estado envolvidos não receberam nada por isso, ainda que tenham agido em favor de uma máquina política maior, mesmo que controversa. Não são teorias da conspiração em um sentido especulativo, uma vez que foi demonstrado de forma conclusiva que os Estados usam ou controlam tais organizações criminosas, e nem teorias conspiratórias em um sentido paranoico, já que as associações eram pontuais, temporárias e não envolviam aparatos governamentais inteiros, ou mesmo departamentos inteiros. Contudo, lidar com o Crime Organizado é mais do que ética e legalmente controverso: é também perigoso, exigindo um alto nível de habilidade e estrutura eficiente do Estado. Isso não é algo que todos os países podem fazer, sem colocar em risco suas próprias instituições, o que poderia acabar evoluindo para uma crise de governança e, finalmente, para um problema geopolítico.

A primeira consideração está relacionada com os resultados obtidos quando se compara o uso (por parte do Estado) de facções criminosas e o uso de facções terroristas, estas últimas guiadas por ideologia<sup>56</sup>. Enquanto se aceita que a União Soviética foi derrotada, no fim da Guerra Fria (o que, por vários motivos, ainda gera muitos debates acadêmicos), é importante olhar com mais atenção, uma vez que isso não é necessariamente uma reprodução exata da "grande guerra" entre Estados Unidos e União Soviética. América Central, juntamente com México e América do Sul, tornaram-se campos de batalha por procuração entre facções criminosas apoiadas pelos Estados Unidos, contra rebeldes esquerdistas apoiados pela União Soviética. Nesse sentido, é

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> Organizações terroristas, quando guiadas por fatores religiosos, são uma situação diferente.

possível afirmar que, em geral, os grupos criminosos teriam vencido tal guerra subterrânea, não apenas nas Américas, por motivos óbvios, mas também em todo local em que foram empregados, como nos cenários japonês e francês.

A razão disso se relaciona com as formas de capital disponíveis. Aqui é importante distinguir o Crime Organizado de grupos terroristas idealistas, como as guerrilhas esquerdistas da América Latina, organizações de libertação ou a Facção do Exército Vermelho. Todas essas organizações foram criadas ou mantidas pela utopia soviética de expansão global do socialismo. Em outras palavras, elas eram criações artificiais (atores falsos) que, sem o constante apoio soviético, seriam extintas ou, pelo menos, teriam de mudar as suas formas operacionais, o que, por consequência, mudaria elas próprias. De fato, é bem verdade que esses grupos eram bem treinados e equipados (capital cultural), mesmo atingindo algum nível internacional de reputação (capital simbólico); contudo, não foram capazes de construir fortes relações com a sociedade e com as autoridades locais (capital social), e assim que a União Soviética entrou em colapso, foram privadas de sua principal fonte de abastecimento (capital econômico).

Novamente surge uma diferença entre as guerrilhas comunistas da América Latina, que, após a Guerra Fria, mal conseguiram se manter existentes, como as organizações de libertação. Essas guerrilhas eram mais geograficamente direcionadas, e tiveram de se adaptar de tal maneira, que passaram a ter comportamentos e ações típicas do Crime Organizado. Isso permitiu a elas criar laços com as comunidades locais e suas lideranças, só então adquirindo algum capital social, por meio do apoio local, e capital econômico, por meio de seu envolvimento com as drogas e a extorsão (por exemplo, as FARC). Como organizações de libertação, a Facção do Exército Vermelho e outros, os quais eram muito mais transnacionais, elas dificilmente conseguiriam desenvolver tal tipo de relação com as comunidades locais; somente sobreviveram porque passaram a agir como "terroristas por aluguel" (mercenários) para alguns governos (por exemplo, Carlos "o Chacal"), o que, em longo prazo, não seria o bastante.

Todavia, essa situação não é totalmente aplicável às facções terroristas islâmicas, que, na maioria dos casos, possuem fortíssima relação com as comunidades locais. Novamente, com exceção de alguns poucos atos terroristas no exterior, elas em geral são geograficamente delimitadas, acima de tudo pela necessidade de abrigo junto à população

local, o que é claramente observável no Hezbollah e no PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos). Mesmo assim, tais organizações ainda necessitam do Estado patrocinador para manter alguma reputação internacional ou atingir relevância transregional, mas elas tipicamente possuem uma base nuclear de operações, de onde podem extrair os recursos necessários para sobreviver ou resistir.

As facções criminosas, por sua vez, precisam possuir todas essas formas de capital para existir. Elas possuem capital simbólico, uma vez que desenvolveram alguma reputação que as precede, como as Tríades em Hong Kong, a Yakuza no Japão, os cartéis mexicanos ou o PCC (Primeiro Comando da Capital) no Brasil. Possuem ainda capital econômico, por meio de suas operações ilegais; capital cultural, que envolve os conhecimentos que possuem para manter seu domínio sobre o mercado negro; e, em termos de capital social, têm apoio junto à comunidade local (algo bem observável nas favelas da América Latina), bem como parceria/relação com as autoridades corruptas. Todas essas situações podem ser atingidas em território específico; mesmo internacional ou transnacionalmente, o Crime Organizado é baseado em redes de contatos com indivíduos, células e/ou grupos que possuem domínio sobre algum território especifico. É difícil saber se os planejadores norte-americanos e chineses estavam atentos ou preocupados em relação a tal nível de detalhamento, quando escolheram o Crime Organizado como aliado, mas, mesmo assim, essa foi a estratégia vitoriosa. Isso é bem demonstrado no caso dos Estados Unidos no Japão, uma vez que a Yakuza estava bem ciente do que ocorria na política japonesa, e no caso chinês em Hong Kong, em que as Tríades foram ativos estratégicos para Pequim pacificar a criminalidade<sup>57</sup> e influenciar parte da população local. Essa lição acabou sendo aprendida e aplicada pela Rússia (em contraste com a União Soviética) na Chechênia.

A despeito das diferenças entre grupos terroristas e Crime Organizado, há ainda outro problema em lidar com tais atores, que tem relação com os perigos inerentes. Como foi explorado anteriormente, dado o fato de que grupos terroristas estão além do limite de tolerância do Estado-Nação (uma vez que agem contra os Estados em si ou contra o seu

.

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> É importante estabelecer que, no caso de Hong Kong, bem como em várias outras situações, a queda da violência está relacionada com esse tipo de acordo, mas não como o único meio. Vários outros aspectos contribuíram também para essa queda, como a criação da ICAC (Comissão Independente Contra Corrupção). Na verdade, foi a coletividade de muitas estratégias, visando vários aspectos ao mesmo tempo, que gerou esse resultado.

núcleo político), eles dificilmente terão relacionamento homogêneo para com o Estado, em especial os separatistas. Isso difere profundamente do Crime Organizado, o qual, para sobreviver, precisa ficar dentro desse limite, tendo contatos dentro do governo e não posando como uma ameaça direta ao Estado. Aqui é onde o problema começa. As facções do Crime Organizado, enquanto não publicamente toleradas, precisam de certo nível de integração e, quando o Estado-Nação abre a porta para cooperar com elas, mesmo que no exterior, tal porta serve a duas direções — e não é toda estrutura de Estado que suporta isso, como visto no caso taiwanês<sup>58</sup>.

Durante a guerra por procuração contra o Partido Comunista Chinês, o constante uso de grupos criminosos pelo KMT por fim levou a uma amálgama de sua agência de inteligência com as Tríades, as quais se espalharam pelo seu setor de defesa, segurança pública e cargos de alto escalão na política. É bem verdade que Chiang Kai-shek já era intimamente relacionado à Gangue Verde e outras organizações criminais. Inicialmente, em algum nível, ele teve controle sobre tais forças em Taiwan; contudo, foi perdendo tal controle, até que finalmente seu filho, Chiang Ching-kuo, não possuía nenhum controle de fato. É claro que, com o passar do tempo, a população taiwanesa e outros agentes governamentais vieram a colocar pressão sobre casos de corrupção e envolvimento com criminosos, em especial após os anos 1990. Porém, durante o período da Guerra Fria, quando a guerra por procuração era muito mais intensa, é possível afirmar que a estrutura do Estado estava comprometida com o Crime Organizado.

Apesar de tal envolvimento, os Estados Unidos e o governo da China continental nunca tiveram toda a sua estrutura de Estado e de governo comprometida. Para isso, pode haver dois motivos principais. O primeiro é que China e Estados Unidos foram meticulosos sobre tais parcerias, usando-as apenas em casos isolados, para atingir objetivos específicos, por curtos períodos de tempo, com somente poucos funcionários e departamentos se envolvendo. Isso novamente refuta teorias da conspiração que acusam a CIA e os Estados Unidos de controlar o tráfico de drogas internacional. Além disso, como mostrado, enquanto tais situações ocorriam, outras agências e departamentos continuaram seus esforços de combate ao crime. Na verdade, em todos esses casos, foram criados, senão escândalos, pelo menos divisões internas fortes e disputas, uma vez que

-

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> Capítulo 4.2: A China e a mão invisível.

nem todos concordavam com tais atividades. Esse foi também o caso chinês, no qual a vasta maioria dos entrevistados apontaram os fortes embates de Pequim contra o Crime Organizado e a corrupção. Aliás, tais parcerias são mais bem-sucedidas justamente quando é possível recorrer à "negação plausível". Do contrário, se tal envolvimento ficar muito óbvio, podem ser criadas situações embaraçosas ou que comprometam o Estado, o que viria a ser um fracasso operacional. Afinal, tais parcerias são formadas porque o Crime Organizado pode realizar tarefas que os atores estatais não podem ou deveriam evitar. O segundo é que as estruturas geopolíticas da China e dos Estados Unidos são vastamente maiores do que as de Taiwan. Esses dois países possuem enormes níveis de poder, e seria impossível para uma facção criminosa efetivamente dominar o sistema político inteiro, ou uma parte substancial dele (agências, departamentos, etc.), sem chamar atenção demais e, consequentemente, causar reações de outras partes do Estado e dos atores dentro dele.

O caso russo também se difere nesse sentido, não sendo tão bem-sucedido como o caso norte-americano e o chinês, mas também não tão falho como o observado em Taiwan. A estrutura de poder da Rússia também é vasta, e ela possui sua própria "gravidade geopolítica" de influência, com alguns recuos e recuperações após a Guerra Fria. Porém, o colapso soviético criou um aspecto singular nesse caso. Enquanto os Estados Unidos e a China (começando com a administração de Deng Xiaoping) estavam bem estruturados e consolidados quando começaram a lidar com os atores irregulares, a Rússia estava em situação totalmente caótica, tentando sobreviver e sustentar sua reputação na arena internacional. É provável que o uso do crime organizado não tenha sido desenvolvido pelos estrategistas do Kremlin, como foi observado nos seus rivais chineses e norte-americanos. Em vez disso, o curso tomado, pelo menos no início, foi inconsciente, quando os oligarcas ligados ao Crime Organizado assumiram partes do poder da nova estrutura russa. Também diferente do cenário taiwanês, não foi o uso de tais grupos que abriu as portas para que facções criminosas se infiltrassem no poder estatal. Enquanto a Rússia, como a China e os Estados Unidos, é geopoliticamente grande demais para que isso ocorra, muitos desses grupos já estavam dentro dos mecanismos estatais. Além disso, mesmo em alguns casos publicamente conhecidos (Chechênia e Crimeia), isso não significa que a estrutura russa inteira esteja comprometida ou que a Rússia seja um "Estado criminal", como alguns analistas costumam apontar. Há ainda forças legítimas dentro do governo russo que aplicam a lei; portanto, como em casos discutidos previamente, há grupos e células dentro do Estado, mas não nele inteiro.

O promotor espanhol José González afirmou que as agências de espionagem do Kremlin tinham tamanha intimidade com as altas figuras do Crime Organizado, que a Rússia quase havia se tornado um "Estado mafioso" (HARDING, 2010). Isso até pode ser verdade, mas trata-se de uma supersimplificação da natureza das conexões entre Estados-Nação e facções criminosas. Todos os países com agências de inteligência e ambição internacional vão, em algum ponto, desenvolver tal tipo de relação, não apenas em sentido passivo, usando criminosos como informantes, mas também para conduzir atividades clandestinas no exterior. O que muda entre os países são as camadas de envolvimento. Como já demonstrado neste estudo, há três camadas de cooperação, que variam de acordo com cada caso e cada Estado: cooperação estrutural e sistemática por parte do governo, o que é extremamente raro (de acordo com as fontes entrevistadas, apenas a Coreia do Norte estaria em tal nível, com sua seção secreta, chamada de "Sala 39"); facções dentro do governo trocando serviços para cooperar com esses grupos (normalmente agências de inteligência); e indivíduos que trabalham para o governo usando seus contatos pessoais para lidar com seus objetivos, normalmente envolvendo troca de favores.

Esta pesquisa cobriu os três casos principais de Estados Unidos, União Soviética/Rússia e China (envolvendo tanto o Partido Comunista como o KMT), o que não significa, no entanto, que apenas esses países tenham usado tais técnicas ou desenvolvido guerras por procuração por meio do uso de atores irregulares. Conforme discutido, a Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial, já possuía uma bem estabelecida conexão com grupos criminosos, para condução de espionagem e sabotagem contra países inimigos. A França, por sua vez, utilizou extensivamente seus contatos com traficantes de drogas na Indochina, por meio da Conexão Francesa, durante a independência vietnamita. Mesmo o Japão usou a Yakuza contra movimentos externamente patrocinados desde o período Meiji. Na verdade, até aquele momento, esses três países possuíam muito mais experiência em lidar com o Crime Organizado do que os Estados Unidos e a União Soviética. O caso chinês, porém, não pode ser comparado, uma vez que tais sociedades secretas eram vastamente influentes entre a população e o

governo, sendo parte da estrutura de poder da China, muitos séculos antes do século XX. Portanto, seria impossível separá-los da política formal de antes da Guerra Civil Chinesa.

Durante o período das ditaduras militares na América do Sul, o presidente paraguaio Alfredo Stroessner, que era fraco demais para ter controle total sobre o Paraguai, permitiu que alguns chefes criminosos pudessem livremente conduzir o mercado negro, em troca de auxílio para caçar guerrilhas comunistas locais, durante a Operação Condor<sup>59</sup>. As autoridades militares de outros países também receberam ajuda desses criminosos na fronteira de Brasil, Paraguai e Argentina (ou Bolívia) (MAIEROVITCH, 2005). Mesmo hoje, tais acertos podem surgir, como em casos em que guerrilheiros sequestram fazendeiros e empresários no norte do Paraguai, cuja negociação, intermediação e pagamento de resgate normalmente são feitos por traficantes de drogas locais. Porém, obviamente tais arranjos na América do Sul não são feitos com o mesmo grau de sofisticação dos países examinados nesta pesquisa. Longe disso, na verdade, tais arranjos nesse cenário são feitos ou porque os governos locais são fracos demais para lidar com esses casos, ou porque a economia ilícita é parte demasiadamente grande da economia nacional<sup>60</sup>. Por exemplo, no caso paraguaio, em 2016, o mercado negro correspondia a 39,6% de seu PIB (PRO DESARROLLO PARAGUAY, 2016,  $20)^{61}$ .

Outros países também têm buscado formas de aprimorar o seu controle sobre atores irregulares, uma vez que estes representam o futuro da Geopolítica internacional. Na verdade, enquanto alguns países usam do "Hard Power", "Soft Power" ou o "Smart Power", essa estratégia de controle dos atores irregulares (Crime Organizado e grupos terroristas) pode ser chamada de "Godfather Power"<sup>62</sup>. Uma forma de expandir sua influência é por meio do uso de conexões subterrâneas, guerras por procuração com

-

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> A Operação Condor foi uma cooperação entre Chile, Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai, para pressão política, operações de inteligência e assassinato de opositores comunistas. A operação visava erradicar a presença comunista ou soviética da região.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> Não apenas na América do Sul, mas ao redor do mundo, isso tem acontecido com grande frequência. Mesmo na Europa, o governo italiano revisou seu PIB, a fim de incluir o dinheiro gerado pela máfia, como forma de aumentar os números (ALSOP, 2014).

<sup>&</sup>lt;sup>61</sup> Além disso, sem a lavagem de dinheiro (que é a parte central da economia do Crime Organizado), seria impossível financiar (e até mesmo haver) operações clandestinas de inteligência.

<sup>&</sup>lt;sup>62</sup> Como referência ao filme *O Poderoso Chefão*, que sabia habilmente usar suas alianças criminosas em ataques devastadores, que neutralizavam permanentemente seus inimigos.

grupos irregulares, guerra híbrida (usando simultaneamente atores estatais e não governamentais) e terceirizando operações clandestinas.

O Irã tem efetivamente feito isso com conexões que causaram pesadas derrotas aos Estados Unidos durante a Guerra do Iraque e, mais recentemente, na Síria, contra o Estado Islâmico, com os rebeldes apoiados pelos países europeus e pelos Estados Unidos. De acordo com Costanza (2012), há várias indicações de que o Irã esteja usando o Hezbollah como ator por procuração, para estender suas operações e sua influência na América do Sul, enquanto vem tentando fortalecer suas relações formais com os governos locais. A pesquisa de Costanza pode ser apoiada pelo fato de que os traficantes de drogas e o ex-Presidente Stroessner fizeram acordos que incluíram Fahd Jamil Georges (agora já "fora de serviço", em função de sua idade avançada e de disputas com outros criminosos) e, mais recentemente, o já morto Jorge Rafaat Toumani, ambos de descendência libanesa e com famosas conexões com o Hezbollah<sup>63</sup>. De forma geral, o Irã, apesar de alguns fracassos menores — como no caso de espiões iranianos tentando contratar assassinos do cartel mexicano Los Zetas para matar o embaixador da Arábia Saudita nos Estados Unidos (SAVAGE; SHANE, 2011) — tem se tornado muito eficiente no manuseio de guerras por procuração com o uso de atores irregulares, provavelmente revelando nisso uma potencial expansão de sua Geopolítica.

## 5.2. O futuro da guerra e da Geopolítica?

Esta tese começou visando demonstrar como o Crime Organizado é usado como ferramenta pelos Estados-Nação, tendo até mesmo uma relação simbiótica, contrária à visão de que "atores não estatais" poderiam erodir o poder estatal e eventualmente ultrapassá-lo. Contudo, seguindo a extensa pesquisa, que envolveu não apenas revisão bibliográfica, mas também entrevistas com uma variada gama de representantes de diferentes países, profissões e perspectivas, é possível observar que tal cooperação sempre existiu e vai persistir enquanto não se instalar nenhum governo mundial

-

<sup>&</sup>lt;sup>63</sup> Devido à enorme guerra entre facções criminosas na fronteira entre Brasil e Paraguai, a estrutura de poder criminal tem mudado e, agora (em 2017), o Hezbollah tem feito alianças com facções criminosas brasileiras, em especial, o PCC.

autoritário com capacidade de vigilância hipereficiente. Este estudo também revelou que o uso do Crime Organizado e de grupos terroristas é parte do cenário geopolítico, que não surgiu após a "euforia da globalização" que se seguiu após o fim da Guerra Fria, mas emergiu já no final da Segunda Guerra Mundial e se concretizou *de facto* após a Guerra Fria.

Nesse sentido, o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe duas mudanças significativas. A primeira, largamente discutida e explorada por vários acadêmicos e militares, é bem explicada por Kissinger (1994, p. 608):

"Pela primeira vez na história, a Era Nuclear tornou possível alterar o equilíbrio de poder por meio de desenvolvimentos que ocorrem inteiramente no território de um Estado soberano. A aquisição de uma bomba atômica por um único país alterou de forma mais significativa do que qualquer aquisição territorial como no passado".

Porém, a outra mudança, muito mais discreta e quase imperceptível, deu-se no próprio conceito de Guerra Total em si. Como o General Krulak (SPEYER, 2001) disse, "O futuro da guerra não é filho da Tempestade no Deserto, mas enteado da Chechênia". Essa observação literalmente materializou todos os conflitos após 1990. Mesmo durante a invasão ao Iraque, em 2003, o combate aberto entre as tropas norte-americanas e o exército regular iraquiano mal durou alguns poucos meses. Logo, uma série de batalhas assimétrica contra grupos irregulares, apoiados por forças estrangeiras, tomou totalmente a cena. O envolvimento das poderosas Forças Armadas dos Estados Unidos, ao longo da década seguinte, seria limitado a bombardeios aéreos, como nos conflitos civis sírios e líbios. A observação do General Krulak de fato era verdade, embora tardia. Os conflitos abertos em guerras totais começaram a se tornar cada vez mais escassos já após a Segunda Guerra Mundial, e mesmo quando ocorreram, a maioria deles se deu com a derrota da força invasora, como a participação norte-americana no Vietnã. O modelo de guerra observado na Operação Tempestade no Deserto já estava em curso de extinção bem antes do fim da Guerra Fria, que apenas materializou isso.

A razão disso se deve, acima de tudo, pelo fato de que os custos militares se tornaram excessivamente altos em todos os aspectos. A maioria dos países (se não todos) tem direcionado suas doutrinas militares a exércitos menores, mas mais eficientes,

justamente em função dos custos envolvendo cada soldado individualmente, cortando o efetivo enquanto aprimora os orçamentos militares. Com isso, o custo individual dos soldados vem aumentando exponencialmente. Um soldado do exército dos Estados Unidos, por exemplo, custava na Segunda Guerra Mundial 67 mil dólares ao ano; na Guerra do Vietnã, 132 mil dólares ao ano; e no mais recente conflito do Afeganistão, algo em torno de 883 mil dólares anualmente (SWEGER, 2013). Os Estados Unidos reduziram sua força militar de 3,5 milhões de soldados, em 1968, para 1,5 milhão, em 2014<sup>64</sup>. A China reduziu sua força em 300 mil soldados (TIEZZI, 2015) e a Rússia também tem seguido esse padrão. Todos esses cortes buscam redirecionar esses recursos para o aprimoramento de tecnologia, eficiência e prontidão. Além disso, esses números estão relacionados apenas com o contexto militar, ignorando os custos indiretos que envolvem cada soldado, o que poderia incluir os cientistas necessários para pesquisa e desenvolvimento de ferramentas de ponta usadas na frente de batalha, poder industrial nacional necessário para produzir tais materiais para sustentar as forças militares, uma rede logística eficiente para garantir a entrega dos suprimentos, custos políticos para sustentar a moral pública, e assim por diante. Somado a isso, há ainda o aspecto legal moderno, no qual os custos da reconstrução de territórios devastados geralmente recaem sobre o vencedor.

A guerra e a Geopolítica se tornaram excessivamente complexas após a Segunda Guerra Mundial. Soldados e armas são apenas uma pequena parte de uma dimensão que envolve toda a sociedade e toda a capacidade do Estado em sustentá-la. Diferentemente das "velhas guerras", que, em essência, consistiam em convocar alguém e lhe dar uma arma, hoje toda parte da sociedade produz algum capital que vai fazer a diferença na frente de batalha ou nas disputas geopolíticas internacionais, incluindo a habilidade de lidar com os atores irregulares como ativos em tais disputas. Todas as evidências sugerem, nos conflitos futuros, o extenso emprego das forças militares, considerando não apenas o custo de cada soldado individualmente, mas toda a infraestrutura ao seu redor. Em suma, muito poucos países terão capacidade de empregar unilateralmente seus exércitos em outro país, o que significa que todo o capital preexistente disponível no campo de batalha deve ser usado para diminuir o custo de guerras e embates político, incluindo a interação com os grupos marginalizados que possuem algum capital social junto à população local

<sup>&</sup>lt;sup>64</sup> Coleman, David. *U.S. Military Personnel 1954-2014*. http://historyinpieces.com/research/us-military-personnel-1954-2014 (Acesso em janeiro de 2017).

e a algumas autoridades governamentais, capital simbólico para legitimar o novo governo e, em alguns casos, capital cultural com algum conhecimento útil.

Demonstrações de tecnologia, equipamento avançado ou exercícios militares com grandes números de soldados estão se tornando mero simbolismo, que pode ajudar a manter apenas a reputação do país no cenário internacional ou a sustentar sua soberania nacional. Guerras em escala total, envolvendo o território inteiro de um país, estão se tornando raras; mesmo quando há vários países envolvidos, as guerras do futuro não serão resolvidas em algumas poucas horas ou dias. Ainda que armas espaciais, robôs, guerra cibernética e outras tecnologias tenham papel importante, estarão limitadas ao papel de apoio e suporte, assim como representação simbólica de poder. Além disso, é extremamente provável que as guerras não ocorram em escala global, de uma única vez; o futuro da guerra será geográfica e territorialmente limitado a "pequenas incursões" (como a anexação da Crimeia, em 2014, que não envolveu a Ucrânia inteira, ou a Guerra do Kosovo, em 1998), a fim de priorizar recursos, sendo lenta e dolorosa, e custando muitos anos (às vezes, mais de uma década), como no Iraque e no Afeganistão. Será ainda confusa em termos políticos, envolvendo direta e indiretamente atores estatais, por meio do patrocínio de grupos irregulares. Finalmente, exigirá o uso de toda forma preexistente de capital disponível na região, para que não "drene a energia" das forças envolvidas. Isso envolverá especialmente o capital social, ao lidar com lideranças locais que terão influência sobre a comunidade local e redes de contato pela região, o que poderá pressionar os Estados a lidarem com chefes criminosos e senhores da guerra. Portanto, essa configuração também pode se estender à Geopolítica, em tempos pacíficos, como foi demonstrado, por meio de situação de espionagem e contraespionagem (incluindo roubo de informação e tecnologia), estabilizando zonas inconformadas, traficando armas e contrabandeando produtos de característica sensível.

Há vários exemplos de casos em que os canais do Crime Organizado foram usados também em tempos de paz. Durante as entrevistas, uma fonte ligada à segurança logística marítima indicou que contrabandistas e piratas são frequentemente usados para dois propósitos: providenciar informação a agências de inteligência que, em contrapartida, permitem que eles continuem com suas atividades; e contrabandear "produtos sensíveis", que não poderiam ser diretamente ligados ao governo que os contratou. Essa informação reforça casos como o do navio *BBC China*, que transportava partes de centrífugas

nucleares para a Líbia, em 2003 (NAIM, 2006, p. 41), e o cargueiro *Chong Chon Gang*, que contrabandeava mísseis de Cuba para a Coreia do Norte, em 2013<sup>65</sup>. Longe da noção expressa por tantos acadêmicos e jornalistas de que o Crime Organizado e o terrorismo se destacam em uma era na qual o Estado-Nação se torna fraco, isso na verdade é apenas uma adaptação ambiental por parte do Estado-Nação, em termos de estratégia, para cobrir sua legitimidade, conservando "energia" ou camuflando suas atividades.

Para o Crime Organizado, por sua vez, os motivos que podem levar a aceitar essa cooperação (e os riscos associados a ela) são variados. Por certo período de tempo, tal parceria significa um alívio na pressão estatal sobre suas atuações ilegais, mas o fator ideológico também não pode ser descartado. Conforme foi comentado por um ex-agente do FBI, entrevistado durante esta pesquisa, os membros da Máfia italiana eram patriotas, quando o assunto envolvia a segurança dos Estados Unidos, voluntariando-se inclusive para irem à guerra (Vietnã e Golfo), algo que pode ser estendido para outras organizações, em outros países.

Em Geopolítica nacional ou internacional, uma preocupação excessiva com conceitos, definições e delimitações pode acabar distraindo os pesquisadores em relação ao que realmente dirige as interações entre todos esses atores (estatais ou irregulares): o controle de espaço, tempo e dos capitais.

<sup>&</sup>lt;sup>65</sup> BBC. North Korean ship with military cargo held by Panama. 16 July 2013. http://www.bbc.com/news/world-asia-23324170 (Acesso em janeiro de 2017).

## 6. Bibliografia

ABADINSKY, Howard. *Organized Crime*. Wadsworth, Cengage Learning. 9° Edition. Belmont: United States of America, 2010.

AL-MARASHI, Ibrahim. *Syria, the Spanish Civil war and foreign legions*. In Al-Jazeera. 29 October 2016. <a href="http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/10/syria-spanish-civil-war-foreign-legions-161009132144439.html">http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/10/syria-spanish-civil-war-foreign-legions-161009132144439.html</a> (accessed January 2017)

ALINSKY, Saul. *Rules for Radicals: A Practical Primer for Realistic Radicals.* Vintage Books. New York: United States of America, 1971.

ALBANESE, Jay S. *Organized Crime in Our Times*. 5° Edition. LexisNexis Group. Newark: United States of America, 2007.

ALBINI, Joseph L; MCILLWAIN, Jeffrey Scott. *Deconstructing organized crime: An historical and theoretical study.* McFarland & Company, Inc. 2012.

ALSOP, Harry. *Italy to boost GDP figures with drugs and prostitution*. In The Telegraph.

24 May 2014.

http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/10853756/Italy-to-boost
GDP-figures-with-drugs-and-prostitution.html (accessed January 2017)

AL-RODHAN, Nayef R. F. *Meta-Geopolitics of Outer-Space. An Analysis of Space Power, Security and Governance.* Palgrave Macmillan. Basingstoke: United Kingdom, 2012.

ANDERLINI, Jamil. *Tiananmen Square: the long shadow. The leaders of the Tiananmen Square protests have taken varied paths in the 25 years since the massacre.* Financial Times, June 1, 2014. <a href="https://next.ft.com/content/4f970144-e658-11e3-9a20-00144feabdc0">https://next.ft.com/content/4f970144-e658-11e3-9a20-00144feabdc0</a> (accessed July 2016)

ANDERSON, Jack. *Documents confirm Viet-Crime Story*. In Washington Post. 6 December 1984.

ANAND, Vinod. *Export of Holy Terror to Chechnya from Pakistan and Afghanistan*. Strategic Analysis: A Monthly Journal of the Strategic Analysis. 24: 3, 2000.

ANDERSON, Sean K. SLOAN, Stephen. *Historical Dictionary of Terrorism*. Historical Dictionaries of War, Revolution, and Civil Unrest, No. 38. The Scarecrow Press, Inc. Lanham: United States of America, 2009.

ANDREW, Christopher. MITROKHIN, Vasili. *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB.*. Basic Books. New York: United States of America, 1999.

ANDREW, Christopher. MITROKHIN, Vasili. *The World Was Going Our Way: The KGB and the Battle for The Third World, Vol. 2.* Basic Books. New York: United States of America, 2005. [epub]

APPLEBAUM, Anne. *Gulag: A History*. First Anchor Books Edition.New York: United States, 2003. [epub]

ARONOWITZ, Alexis A. *Human Trafficking, Human Misery. The Global Trade in Human Beings.* Praeger Publisher, London, United Kingdom. 2009.

ASSOCIATED PRESS. *CIA turned Guantánamo Bay inmates into double agents, exofficials* claim. 26 November 2013. <a href="https://www.theguardian.com/world/2013/nov/26/cia-guantanamo-bay-double-agents">https://www.theguardian.com/world/2013/nov/26/cia-guantanamo-bay-double-agents</a> (accessed July 2016)

BBC. *Who caused the crash?* 5 April, 2001. <a href="http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/1260290.stm">http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/1260290.stm</a> (accessed July 2016)

BOOTH, Martin. *The Dragon Syndicates, The Global Phenomenon of the Triads*. Doubleday. London: United Kingdom, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *The forms of Capital. Handbook of Theory of Research for the Sociology of Education.* Greenword Press, 1986. 241-258

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. 1989.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *Strategic Vision. America and the Crisis of Global Power*. Basic Books. New York: United States of America, 2013. [epub]

CALLANAN, James. *Covert Action in the Cold War: US Policy, Intelligence and CIA Operations.* Ed. I.B.Tauris. London: England, 2010.

CAMPBELL, Kurt; ANDREWS, Brian. *Explaining the US "Pivot" to Asia.* Chatham House,

https://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/public/Research/Americas/081 3pp\_pivottoasia.pdf (accessed July 2016)

CHELOUKHINE, Serguei. *The roots of Russian organized crime: from old-fashioned professionals to the organized criminal groups of today*. Crime, Law and Social Change, 50. 2008.

CHELOUKHINE, Serguei; HABERFELD, M.R. Russian Organized Corruption Networks and their International Trajectories. Springer. New York: United States of America, 2011.

CIA. *The USSR And Illicit Drugs: Facing Up to the Problem.* CIA Declassified Report. November 1986.

CLINTON, Hillary D. R. *There Is Only the Fight . . . : An Analysis of the Alinsky Mode.* Wellesley College. 1969.

COHEN, Saul Bernard. *Geopolitics of the World System*. Rowman & Littlefield Publishers. Lanham: United States of America, 2003.

COLE, Matthew. *The Pentagon's Missionary Spies. How the U.S. military used a Christian NGO as a front for North Korean espionage*. The Huffington Post. 10/26/2015 <a href="http://www.huffingtonpost.com/entry/pentagon-missionary-spies-north-korea\_us\_562d5421e4b0aac0b8fd44a9">http://www.huffingtonpost.com/entry/pentagon-missionary-spies-north-korea\_us\_562d5421e4b0aac0b8fd44a9</a> (accessed July 2016)

COMBER, Leon. *The Triads. Chinese Secret Societies in 1950s Malaya and Singapore*. Talisman Publishing Pte & Singapore Heritage Society. 2009.

CONGRESS OF UNITED STATES. Fast and Furious: Obstruction of Congress by the Department of Justice. Joint Staff Report, Part III. June 2017. <a href="https://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2017/06/FINAL\_REPORT\_2017.pdf">https://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2017/06/FINAL\_REPORT\_2017.pdf</a> (accessed August 2017)

CORDOVEZ, Diego. Harrison, Selig S. *Out of Afghanistan. The Inside Story of the Soviet* Withdrawal. Oxford University Press. New York: United States of America, 1995.

COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Política e Geopolítica*. Edusp. São Paulo: Brazil, 2008.

COSTANZA, William. *Hizballah and Its Mission in Latin America*. Studies in Conflict & Terrorism. 35:3, 193-210. 2012.

CROWLEY, Kevin. *Japan Has Invested More Africa Project Financing Than China*. Bloomberg. 2015, 24 March. <a href="http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-03-24/japan-has-invested-more-africa-project-financing-than-china">http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-03-24/japan-has-invested-more-africa-project-financing-than-china</a> (accessed January 2016)

DORIA, Pedro. *1565 - Enquanto o Brasil nascia*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: Brazil, 2012

DOUGLASS, Joseph D. *Red Cocaine: The Drugging of America and the West.* Edward Harle Limited. 1999.

DOYA, David Malingha. *European Investment Bank Plans Africa Expansion Amid Growth*. Bloomberg. 2015, July 16. <a href="http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-07-15/european-investment-bank-plans-africa-expansion-as-economy-grows">http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-07-15/european-investment-bank-plans-africa-expansion-as-economy-grows</a> (accessed January 2016)

DUGAN, Laura. Lecturer on "Terrorism and Crime: Their Similarities, Differences, and Lessons Learned" at the University of Pennsylvania, Criminology in Practice Seminar Series. September 19, 2012. <a href="http://ccjs.umd.edu/featuredcontent/1231">http://ccjs.umd.edu/featuredcontent/1231</a> (accessed March 2016)

DUGGAN, Christopher. *Fascism and the Mafia*. New Haven: Yale University Press, 1989.

FARAH, Douglas; BRAUN, Stephen. *The Merchant of Death*. In Foreign Policy. October 16, 2009. <a href="http://foreignpolicy.com/2009/10/16/the-merchant-of-death/">http://foreignpolicy.com/2009/10/16/the-merchant-of-death/</a> (accessed January 2017)

FARAH, Douglas. *Merchant of death: Money, Guns, Planes, and the man who makes War possible.* John Wiley & Sons. New Jersey: United States of America, 2007. [epub]

FILKINS, Dexter. 2013. The Shadow Commander. Qassem Suleimani is the Iranian operative who has been reshaping the Middle East. Now he's directing Assad's war in Syria. The New Yorker. (September 30, 2013 Issue). <a href="http://www.newyorker.com/magazine/2013/09/30/the-shadow-commander">http://www.newyorker.com/magazine/2013/09/30/the-shadow-commander</a> (accessed February 2016).

FLORCRUZ, Michelle. *China's Geopolitical Ambitions Expand To Namibia's South Atlantic Sea Walvis Bay Port*. International Business Times. 2015, March 30. <a href="http://www.ibtimes.com/chinas-geopolitical-ambitions-expand-namibias-south-atlantic-sea-walvis-bay-port-1864132">http://www.ibtimes.com/chinas-geopolitical-ambitions-expand-namibias-south-atlantic-sea-walvis-bay-port-1864132</a> (accessed January 2016)

FOUSKAS, Vassilis K. *Politics of Conflict: A Survey*. Routledge, London: United Kingdom, 2011.

GALEOTTI, Mark. *Crime And Crimea: Criminals As Allies And Agents*. Radio Free Europe, Radio Liberty. 03 November 2014a. <a href="http://www.rferl.org/a/crimea-crime-criminals-as-agents-allies/26671923.html">http://www.rferl.org/a/crimea-crime-criminals-as-agents-allies/26671923.html</a> (accessed January 2017).

GALEOTTI, Mark. *Russia's Wars in Chechnya 1994–2009*. Essential Histories. Osprey Publishing. Oxford: United Kingdom, 2014b.

GIBBS, David D. *Afghanistan: The Soviet Invasion in Retrospect.* International Politics, 37: 233 - 246, June 2000. <a href="http://dgibbs.faculty.arizona.edu/sites/dgibbs.faculty.arizona.edu/files/afghan-ip.pdf">http://dgibbs.faculty.arizona.edu/sites/dgibbs.faculty.arizona.edu/files/afghan-ip.pdf</a> (accessed May 2016).

GIBBS, David N. *Reassessing Soviet motives for invading Afghanistan: A declassified history.* Critical Asian Studies, Volume 38, Issue 2. 2006.

GIBSON, Richard Michael; CHEN, Wenhua. *The Secret Army: Chiang Kai-shek and the Drug Warlords of the Golden Triangle.* John Wiley & Sons. Hoboken: United States of America, 2011.

GITTINGS, Danny. *Thatcher reveals Deng's threat to seize Hong Kong in a day*. South China Morning Post. 17, October, 1993. <a href="http://www.scmp.com/article/48108/thatcher-reveals-dengs-threat-seize-hong-kong-day">http://www.scmp.com/article/48108/thatcher-reveals-dengs-threat-seize-hong-kong-day</a> (accessed July 2016).

GLANTZ, David M. Barbarossa Derailed. Volume 1: The German Advance, The Encirclement Battle, and the First and Second Soviet Counteroffensives, 10 July - 24 August 1941. Helion & Company Limited. Solihull: England, 2010.

GLAZOV, Jamie. Pacepa, Ion Mihai. *From Russia With Terror*. FrontPageMagazine.com. March 01, 2004. <a href="http://archive.frontpagemag.com/readArticle.aspx?ARTID=13975">http://archive.frontpagemag.com/readArticle.aspx?ARTID=13975</a> (accessed December 2016).

GLAZOV, Yuri. *The Russian mind since Stalin's death.* D. Reidel Publishing Company. Dordrecht: Holland, 1985.

GLENNY, Misha. *McMáfia, McMafia: A Journey Through the Global Criminal Underworld*. Companhia das Letras. São Paulo: Brazil, 2007. (*Portuguese edition*)

GOODSON, Larry P. Afghanistan's Endless War: State Failure, Regional Politics, and the Rise of the Taliban. University of Washington Press. Seatle: United States of America, 2001.

HARDING, Luke. *WikiLeaks cables: Russian government using mafia for its dirty work.* In The Guardian. 1 December 2010. <a href="https://www.theguardian.com/world/2010/dec/01/wikileaks-cable-spain-russian-mafia">https://www.theguardian.com/world/2010/dec/01/wikileaks-cable-spain-russian-mafia</a> (accessed January 2017).

HANES III, W. Travis; SANELLO, Frank. *The Opium Wars, The Addiction of One Empire and the Corruption of Another*. Sourcebooks. Naperville: United States of America, 2002.

HEPPLE, Leslie W. *The Revival of Geopolitics*. Political Geography Quarterly, Supplement to Vol. 5, No. 4, October 1986, S21-S36.

HILALI, A.Z. *China's response to the Soviet invasion of Afghanistan*. Central Asian Survey. Volume 20, Issue 3, pages 323-351. September 2001. <a href="http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02634930120095349">http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02634930120095349</a> (accessed July 2016).

HOROWITZ, David. *Barack Obama's Rules for Revolution, The Alinsky Model.* David Horowitz Freedom Center. Sherman Oaks, United States of America, 2009.

HUMAN RIGHTS WATCH. *Colombia's Killer Networks: The Military-Paramilitary Partnership and the United States.* 1996. https://www.hrw.org/legacy/reports/1996/killertoc.htm (accessed May 2016).

HUNG, Chang-tai. *The Anti-Unity Sect Campaign and Mass Mobilization in the Early People's Republic of China*. The China Quarterly, Volume 202 - June 2010.

JEUNESSE, William La; Ross, Lee. *US intelligence assets in Mexico reportedly tied to murdered DEA agent.* Fox News. 10 October, 2013. <a href="http://www.foxnews.com/politics/2013/10/10/us-intelligence-assets-reportedly-played-role-in-capture-dea-agent-in-mexico.html">http://www.foxnews.com/politics/2013/10/10/us-intelligence-assets-reportedly-played-role-in-capture-dea-agent-in-mexico.html</a> (accessed May 2016).

KARNAL, Leandro; MORAIS, Marcus Vinícius de; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. Ed. Contexto. São Paulo: Brazil, 2008.

KAPLAN, David E. DUBRO, Alec. *Yakuza: Japan's Criminal Underworld*. Ed. Record. Rio de Janeiro: Brasil, 1986. (*Portuguese Edition*)

KAPLAN, David E. *Fires of the Dragon. Politics, Murder, and the Kuomintang.*Macmillan Publishing Company. New York: United States of America, 1992.

KAPLAN, Robert. The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate. Ed. Elsevier – Campus. 2013. (Portuguese Edition)

KAUFMAN, Victor S. *Trouble in the Golden Triangle: The United States, Taiwan and the 93rd Nationalist Division*. The China Quarterly. No. 166, Jun., 2001. <a href="http://www.jstor.org/stable/3451165">http://www.jstor.org/stable/3451165</a> (accessed July 2016).

KETTLE, Martin. *CIA takes rap for embassy attack*. The Guardian. 10 April 2000. https://www.theguardian.com/world/2000/apr/10/balkans (accessed July 2016).

KEEGAN, John. *Intelligence in War: Knowledge of the Enemy from Napoleon to Al-Qaeda.* Ed. Alfred A. Knopf. New York: United States of America, 2003. [epub]

KHAN, Ali. *A Theory of International Terrorism*. Connecticut Law Review, Vol. 19. p. 945, 1987. Available at: <a href="http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\_id=935347">http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\_id=935347</a> (accessed March 2016).

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. Simon & Schuster. New York: United States of America, 1994.

KISSINGER, Henry. *On China*. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro: Brazil, 2011. (*Portuguese Edition*) [epub]

KISSINGER, Henry. *World Order*. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro: Brazil ,2014. (*Portuguese Edition*) [epub]

LINTNER, Bertil. *Blood Brothers. Crime, Business and Politics in Asia.* Ed. Silkworm Books. Mueang Chiang Mai: Thailand, 2002.

LO, Sonny Shiu-Hing. *The Politics of Cross-Border Crime in Greater China: Case Studies of Mainland China, Hong Kong, and Macao*. M.E. Sharpe. New York: United States of America, 2009.

LO, T. Wing. *Law and Order*, in J. Y. S. Cheng and P. C. K. Kwong, eds, The Other Hong Kong Report, Hong Kong: Chinese University Press. 1992.

LO, T. Wing. *Beyond Social Capital. Triad Organized Crime in Hong Kong and China*. British Journal of Criminology, 50. 2010.

LYNCH, Michael. *The Chinese Civil War 1945-49*. Essential Histories. Ed. Osprey Publishing. Oxford: United Kingdom, 2010.

NAIM, Moisés. *Illicit: How Smugglers, Traffickers, and Copycats are Hijacking the Global Economy.* Ed. Zahar. Rio de Janeiro: Brazil, 2006. (*Portuguese edition*)

NEWARK, Tim. *The Mafia at War. Allied collusion with the Mob.* Greenhill Books. London: England. 2007.

MAIEROVITCH, Walter Fanganiello. *A fuga do rei da fronteira*. In Carta Capital. 12 July 2005.

MARCY, William L. *The End of Civil War, the Rise of Narcotrafficking and the Implementation of the Merida Initiative in Central America.* Social Science Review: Vol. 89: Issue. 1. 2014. <a href="http://digitalcommons.northgeorgia.edu/issr/vol89/iss1/1">http://digitalcommons.northgeorgia.edu/issr/vol89/iss1/1</a> (accessed June 2016)

MCCOY, Alfred W. *The Politics of Heroin in Southeast Asia*. Ed. Harper & Row. New York: United States of America, 1972.

MILMO, Cahal; POPHAM, Peter; BENNETTO, Jason. *Litvinenko 'smuggled nuclear material'*. In The Independent. 29 November 2006. <a href="https://web.archive.org/web/20080114073131/http://news.independent.co.uk/uk/crime/article2023856.ece">https://web.archive.org/web/20080114073131/http://news.independent.co.uk/uk/crime/article2023856.ece</a>

MINGARDI, Guaracy. *O Estado e o Crime Organizado*. São Paulo: Brazil. IBCCrim. 1998.

O'BRIEN, Kevin A. *Interfering with Civil Society: CIA and KGB covert political action during the Cold War*. International Journal of Intelligence and CounterIntelligence, 8:4, 1995.

O'HERN, Steven. *Iran's Revolutionary Guard: The Threat That Grows While America Sleeps.* Potomac Books, Washington D. C.: United States of America, 2012.

OFFICE OF THE INSPECTOR GENERAL. U.S. Department of Justice. *Chapter XI: DEA's Response to Information About Contra Drug Trafficking And Miscellaneous Cases*. Available at: <a href="https://oig.justice.gov/special/9712/ch11p1.htm">https://oig.justice.gov/special/9712/ch11p1.htm</a> (accessed March 2016)

PACEPA, Ion Mihai. *Russian Footprints*. National Review Online, August 24, 2006. Available at: <a href="http://www.nationalreview.com/article/218533/russian-footprints-ion-mihai-pacepa">http://www.nationalreview.com/article/218533/russian-footprints-ion-mihai-pacepa</a> (accessed November 2016).

PANIKKAR, Kavalam Madhava. *Asia and western dominance. A Survey of the Vasco Da Gama Epoch of Asian History, 1498-1945.* George Allen & Unwin Ltd. London: England, 1959.

PAVLICH, Katie. *Fast and Furious: Barack Obama's Bloodiest Scandal and Its Shameless Cover-Up.* Regnery Publishing. Washington D.C.: United States of America, 2012.

PHILLIPS, David L. *Research Paper: ISIS-Turkey Links*. In The Huffington Post. September 2014. <a href="http://www.huffingtonpost.com/david-l-phillips/research-paper-isis-turke-b-6128950.html">http://www.huffingtonpost.com/david-l-phillips/research-paper-isis-turke-b-6128950.html</a> (accessed January 2017).

PRIESTLAND, David. *Merchant, Soldier, Sage: A New History of Power*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo: Brazil, 2012. (*Portuguese Edition*)

PRINGLE, Robert W. *Russian and Soviet Intelligence*. Historical Dictionaries of Intelligence and Counterintelligence, No. 5.The Scarecrow Press. Lanham: United States of America, 2006.

PRO DESARROLLO PARAGUAY. *Economía Subterránea: el Caso Paraguayo.* 4a. Edición. 2016. <a href="http://www.pro.org.py/wp-content/uploads/2016/11/ECONOMIA\_SUBTERRANEA\_2016.pdf">http://www.pro.org.py/wp-content/uploads/2016/11/ECONOMIA\_SUBTERRANEA\_2016.pdf</a> (accessed December 2016)

RCMP-CSIS Joint Review Committee, Sidewinder Report: *Chinese intelligence services and triads financial links in Canada*, draft submitted to the RCMP-CSIS Joint Review Committee, Ottawa, Canada. June 24, 1997.

REED, J. Todd; Raschke, Diana. *The ETIM. China's Islamic Militants and the Global Terrorist Threat.* Prager. Santa Barbara: United States of America, 2010.

ROMANIECKI, Leon. *The Soviet Union and international terrorism*. Soviet Studies. 26:3, 417-440. 1974.

RUSSELL, John. *Mujahedeen, Mafia, Madmen: Russian Perceptions of Chechens During the Wars in Chechnya, 1994-96 and 1999-2001.* Journal of Communist Studies and Transition Politics, 18:1, 2002.

SAVAGE, Charlie; SHANE, Scott. *Iranians Accused of a Plot to Kill Saudis' U.S. Envoy.* In The New York Times. 11 october 2011. <a href="http://www.nytimes.com/2011/10/12/us/us-accuses-iranians-of-plotting-to-kill-saudi-envoy.html">http://www.nytimes.com/2011/10/12/us/us-accuses-iranians-of-plotting-to-kill-saudi-envoy.html</a> (accessed January 2017).

SCAHILL, Jeremy. *Blackwater: The Rise of the World's Most Powerful Mercenary Army*. Ed. Nation Books. New York: United States of America, 2007.

SCHNEIDER, Jane C; SCHNEIDER Peter T. *Reversible Destiny: Mafia, Antimafia, and the Struggle for Palermo*. University of California Press. Los Angeles: United States. 2003.

SCHRAM, Stuart R. *Mao Tse-Tung and Secret Societies*. In Mao Zedong and the Chinese Revolution, Vol. 1. Policies and Strategies, 1919-49. Routledge. Abington: United Kingdom, 2008.

SCHWEICH, Thomas. *Is Afghanistan a Narco-State?* New York Times. July 27, 2008. http://www.nytimes.com/2008/07/27/magazine/27AFGHAN-t.html?hp& r=0 (Accessed May 2016)

SCOTT, James; SPANIEL, Drew. *China's Espionage Dynasty. Economic Death by a Thousand Cuts.* Institute for Critical Infrastructure Technology. July 28, 2016. <a href="http://icitech.org/wp-content/uploads/2016/07/ICIT-Brief-China-Espionage-Dynasty2.pdf">http://icitech.org/wp-content/uploads/2016/07/ICIT-Brief-China-Espionage-Dynasty2.pdf</a> (Accessed July 2016)

SCOTT, Peter Dale. American War Machine: Deep Politics, the CIA Global Drug Connection, and the Road to Afghanistan. Ed. Rowman & Littlefield Publishers. Lanham: United States of America, 2010. [epub]

SHARE, Michael. *Red Star Ascending, Flagging Union Jack: Soviet Views on the Handover of Hong Kong.* Diplomacy & Statecraft , Volume 15, Issue 1, 2004. <a href="http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592290490438060">http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592290490438060</a> (Accessed July 2016)

SHELLEY, Louise I. *Dirty Entanglements. Corruption, Crime and Terrorism.*Cambridge University press. New York: United States of America, 2014.

SHICHOR, Yitzhak. *The Great Wall of Steel: Military and Strategy in Xinjiang*. In Xinjiang: China's Muslim borderland. Routledge Publisher. Armonk: United States of America, 2004.

SHUSTER, Simon. *Putin's Man in Crimea Is Ukraine's Worst Nightmare*. In Time. 10 March 2014. <a href="http://time.com/19097/putin-crimea-russia-ukraine-aksyonov/">http://time.com/19097/putin-crimea-russia-ukraine-aksyonov/</a> (Accessed January 2017)

SINGER, P. W. Corporate Warriors: *The Rise and Ramifications of the Privatized Military Industry*. International Security, Vol. 26, No. 3, Winter 2001/2002.

SMALL, Andrew. *The China-Pakistan Axis, Asia's New Geopolitics*. Oxford University Press. New York: United States of America, 2015.

SPEYER, Arthur L. *The Two Sides of Grozny. Chechnya: Urban Warfare Lessons Learned* in Russell W. Glenn, Capital Preservation: Preparing for Urban Operations in the Twenty-First Century—Proceedings of the RAND Arroyo-TRADOC- MCWL-OSD Urban Operations Conference, March 22–23, 2000, 2001.

STOJANOVIC; Vukic, Snjezana; Burns, Robert; Enav, Peter Enav. *China's New Stealth Fighter May Use US Technology*. Fox News. January 23, 2011. <a href="http://www.foxnews.com/world/2011/01/23/chinas-new-stealth-fighter-use-technology.html">http://www.foxnews.com/world/2011/01/23/chinas-new-stealth-fighter-use-technology.html</a> (accessed July 2016)

STRATFOR. *Organized Crime in Russia*. Analysis. April 16, 2008. <a href="https://www.stratfor.com/sample/analysis/organized-crime-russia">https://www.stratfor.com/sample/analysis/organized-crime-russia</a> (accessed November 2016)

STRONSKI, Paul. *Broken Ukraine*. In Foreign Affairs. March 2015. <a href="https://www.foreignaffairs.com/articles/eastern-europe-caucasus/2015-03-17/broken-ukraine">https://www.foreignaffairs.com/articles/eastern-europe-caucasus/2015-03-17/broken-ukraine</a> (accessed January 2017).

STUDWELL, Joe. *Asian Godfathers. Money and Power in Hong Kong and South-East Asia.* Profile Books. London: England, 2007.

SWEENEY, John; Holsoe, Jens; Vulliamy, Ed. *Nato bombed Chinese deliberately*. The Guardian. 17 October 1999. <a href="https://www.theguardian.com/world/1999/oct/17/balkans">https://www.theguardian.com/world/1999/oct/17/balkans</a> (accessed July 2016)

SWEGER, Becky. *NPP's Numbers in the Wild: Cost of the Modern Soldier.* In National Priorities Project. 14 August 2013.

https://www.nationalpriorities.org/blog/2013/08/14/npps-numbers-wild-cost-modern-soldier/ (accessed January 2017)

TANNER, Stephen. *Afghanistan: A Military History from Alexander the Great to the War against the Taliban.* Da Capo Press. Cambridge: United States of America, 2003.

TAYLOR, Jay. *The Generalissimo. Chiang Kai-shek and the Struggle for Modern China.* Belknap press of Harvard University Press. Cambridge: United States of America, 2009.

TIEZZI, Shannon. *The Real Reason China Is Cutting 300,000 Troops*. In the Diplomat. 8 September 2015. http://thediplomat.com/2015/09/the-real-reason-china-is-cutting-300000-troops/ (accessed November 2016)

TRAINOR, Bernard; GORDON, Michael. *The Endgame: The Inside Story of the Struggle for Iraq, from George W. Bush to Barack Obama*. Atlantic Books Ltd, New York: United States of America, 2012.

TRAYNOR, Ian. *US in secret gun deal. Small arms shipped from Bosnia to Iraq go missing as Pentagon uses dealers.* The Guardian. 12 May 2006. http://www.theguardian.com/world/2006/may/12/usa.iraq (accessed June 2016)

TWEEDIE, Neil. *The assassination of Alexander Litvinenko: 20 things about his death we have learned this week.* In The Telegraph. 31 January 2015. <a href="http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/law-and-order/11381789/The-assassination-of-Alexander-Litvinenko-20-things-about-his-death-we-have-learned-this-week.html">http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/law-and-order/11381789/The-assassination-of-Alexander-Litvinenko-20-things-about-his-death-we-have-learned-this-week.html</a> (accessed January 2017)

UNITED STATES SENATE. *Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy*. *Subcommittee on Terrorism, Narcotics and International Relations of the Committee on Foreign Relations*. Washington: United States of America, 1988. <a href="http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB113/north06.pdf">http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB113/north06.pdf</a> (accessed May 2016)

VARESE, Federico. *The society of the vory-v-zakone, 1930s-1950s*. Cahiers du monde russe: Russie, Empire russe, Union soviétique, États indépendants. Vol. 39 N°4. 1998.

VIVIANO, Frank. *Hong Kong Triads' New Frontier / South China is fertile ground for crime gangs, corruption*. SF Gate. May 28, 1997. <a href="http://www.sfgate.com/news/article/Hong-Kong-Triads-New-Frontier-South-China-is-2837786.php">http://www.sfgate.com/news/article/Hong-Kong-Triads-New-Frontier-South-China-is-2837786.php</a> (accessed July 2016)

WAKEMAN JR., Frederic. *Spymaster: Dai Li and the Chinese secret service*. University of California Press. Los Angeles: United States of America, 2003.

WAKEMAN JR., Frederic. *The Shanghai Badlands: Wartime Terrorism and Urban Crime*, *1937-1941*. Ed. Cambridge University Press. Cambridge: United Kingdom, 1996.

WALDMAN, Matt. *The Sun in the Sky: The relationship between Pakistan's ISI and Afghan Insurgents.* Crisis States Discussion Papers, 2010. <a href="http://www.aljazeera.com/mritems/Documents/2010/6/13/20106138531279734lse-isitaliban.pdf">http://www.aljazeera.com/mritems/Documents/2010/6/13/20106138531279734lse-isitaliban.pdf</a> (accessed June 2016)

WEBB, Gary. *Dark Alliance: The CIA*, the Contras, and the Crack Cocaine Explosion. Ed. Seven Stories Press. New York: United States of America, 1999. [epub]

WILLIAMS, Brian Glyn. *Turkish Volunteers in Chechnya*. Publication: Terrorism Monitor Volume: 3 Issue: 7. April 7, 2005. <a href="https://jamestown.org/program/turkish-volunteers-in-chechnya-2/#.VN-g-C7SWUk">https://jamestown.org/program/turkish-volunteers-in-chechnya-2/#.VN-g-C7SWUk</a> (accessed January 2017)

WONG, Cheuk Yin. *The Politics of Collaboration: A Comparative Study of the Dynamics and Interactions between the Japanese Military Administration and Local Chinese Communities in Hong Kong and Singapore during World War II.* Doctoral Dissertation in Graduate School of Asia Pacific Studies Waseda University, Japan. 2010. Available at: http://jairo.nii.ac.jp/0069/00020427/en (accessed June 2016)

YASHIN, Ilya. *A Threat to National Security. an independent expert report.* Boris Nemtsov Foundation. Moscow: Russian Federation. February, 2016. <a href="http://www.4freerussia.org/wp-content/uploads/2016/03/A-Threat-to-National-Security.pdf">http://www.4freerussia.org/wp-content/uploads/2016/03/A-Threat-to-National-Security.pdf</a> (accessed January 2017)

ZIEGLER, Jean. *The Crime Lords: the New Mafias against Democracy*. Ed. Record, 2003. (*Portuguese Edition*)

\* Todos os mapas foram feitos pelo autor e foram baseados nos mapas providenciados pelo Google maps e FreeVectorMaps.com.

(https://freevectormaps.com/)

(https://www.google.com.br/maps)